



O CORPO
EM QUE
NASCI

GUADALUPE
NETTEL

POSFÁCIO

JUAN PABLO VILLALOBOS

ROCCOINHA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: lelivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Guadalupe Nettel
O CORPO
EM QUE NASCI

Tradução

RONALDO BRESSANE

Posfácio

JUAN PABLO VILLALOBOS

ROCCO HITA

Para Lorenzo e Mateo

Yes, yes
that's what
I wanted,
I always wanted,
I always wanted,
to return
to the body
where I was born.

ALLEN GINSBERG, *Song*,
San José, 1954

Sumário

O corpo em que nasci
Freak is beautiful,
por Juan Pablo Villalobos
Créditos
A Autora

O CORPO
EM QUE NASCI

I

Nasci com uma auréola branca, ou o que os outros chamam de mancha de nascimento, sobre a córnea do meu olho direito. Não haveria tido nenhuma relevância de não ter sido porque a mácula em questão estava em pleno centro da íris, ou seja, bem em cima da pupila por onde deve entrar a luz até o fundo do cérebro. Nessa época, não se praticavam ainda os transplantes de córnea em crianças recém-nascidas: a mancha estava condenada a ficar aí durante muitos anos. A obstrução da pupila favoreceu o desenvolvimento paulatino de uma catarata, do mesmo jeito que um túnel sem ventilação vai se enchendo de mofo. O único consolo que os médicos puderam dar aos meus pais naquele momento foi a espera. Certamente, quando sua filha terminasse de crescer, a medicina haveria avançado o suficiente para oferecer a solução que então lhes faltava. Enquanto isso, foram aconselhados a me submeter a uma série de exercícios cansativos para que desenvolvesse, na medida do possível, o olho deficiente. Isso se fazia com movimentos oculares semelhantes aos que propõe Aldous Huxley em *A arte de ver* mas também – e é do que mais me lembro – através de um curativo que me tampava o olho esquerdo durante metade do dia. Tratava-se de um pedaço de tela com as bordas adesivas semelhantes às de um decalque. O curativo era cor de carne e ocultava da parte de cima da pálpebra até o princípio do pômulo. À primeira vista, dava a impressão de que no lugar do globo ocular só havia uma superfície lisa. Usá-lo me causava uma sensação opressiva e de injustiça. Era difícil aceitar que me pusessem aquilo toda manhã e que não havia esconderijo ou choro que pudesse me libertar daquele suplício. Acho que não teve um só dia em que eu não resistisse. Teria sido tão fácil esperar que me deixassem na porta da escola para arrancá-lo com um puxão, com o mesmo gesto despreocupado com que costumava arrancar as cascas de ferida dos joelhos. Mesmo assim, por uma razão que ainda não consigo entender, nunca tentei tirá-lo.

Com esse curativo eu devia ir à escola, reconhecer minha professora e as formas de meus materiais escolares, voltar para casa, comer e brincar uma parte da tarde. Por volta das cinco, alguém se aproximava para me avisar que era hora de retirá-lo e, com essas palavras, me devolvia ao mundo da claridade e das formas nítidas. Os objetos e as pessoas com quem tinha me relacionado até este momento surgiam de modo distinto. Podia ver a distância e deslumbrar-me com as copas das árvores e sua infinidade de folhas, o contorno das nuvens no céu, os matizes das flores, o traçado tão preciso de minhas impressões digitais. Minha vida se dividia assim entre duas classes de universo: o matinal, constituído sobretudo por sons e estímulos olfativos, mas também por cores nebulosas, e o vespertino, sempre libertador e ao mesmo tempo de uma precisão acachapante.

O colégio era, em tais circunstâncias, um lugar ainda mais inóspito do que costumam ser essas instituições. Via pouco, mas o suficiente para saber como me manejar dentro daquele labirinto de corredores, muros e jardins. Adorava subir nas árvores. Meu sentido de tato superdesenvolvido me permitia distinguir com facilidade os galhos mais sólidos dos mais frágeis e saber em que gretas do tronco se enfiava melhor o sapato. O problema não era o espaço, e sim as outras crianças. Elas e eu sabíamos que entre nós havia várias diferenças e nos segregávamos mutuamente. Meus colegas de classe se perguntavam com esperteza o que escondia por trás do curativo – devia ser algo aterrador para ter de cobri-lo – e, enquanto eu me distraía, aproximavam suas mãozinhas cheias de terra tentando tocá-lo. O olho direito, o que estava à vista, lhes causava curiosidade e desconcerto. Quando adulta, em algumas ocasiões, seja no consultório do oculista seja no banco de algum parque, volto a encontrar com uma dessas crianças com curativos e reconheço nelas essa mesma ansiedade tão característica de minha infância que os impede de ficarem quietos. Pra mim, se trata de uma inconformidade ante o perigo e a prova de que têm um grande instinto de sobrevivência. São inquietos porque não suportam a ideia de que este mundo nebuloso se lhes escape das mãos. Devem explorar, encontrar um jeito de se apropriarem dele. Não havia outras crianças assim no meu colégio, mas tinha colegas com outros tipos de anormalidades. Lembro de

uma menina muito doce que era paraplégica, um anão, uma loura de lábio leporino, um menino com leucemia que nos deixou antes de terminar o primário. Todos nós compartilhávamos a certeza de que não éramos iguais aos demais e de que conhecíamos melhor esta vida que aquela horda de inocentes que, em sua curta existência, ainda não tinha enfrentado nenhuma desgraça.

Meus pais e eu visitamos oftalmologistas nas cidades de Nova York, Los Angeles e Boston mas também Barcelona e Bogotá, onde trabalhavam os famosos irmãos Barraquer. Em cada um desses lugares, ressoava o mesmo diagnóstico como um eco macabro que se repete em si mesmo, postergando a solução para um hipotético futuro. O médico que mais frequentamos clinicava no hospital oftalmológico de San Diego, bem atrás da fronteira, onde também vivia a irmã do meu pai. Se chamava John Pentley e tinha o jeito de velhinho bondoso que prepara uma colher de óleo de rícino e receita gotas para a felicidade. Administrava a meus pais uma pomada espessa que eles espargiam toda manhã dentro do meu olho. Também punha umas gotas de atropina, substância que dilata a pupila em sua máxima capacidade e que me fazia ver o mundo de maneira deslumbrada, como se a realidade se houvesse convertido na sala de um interrogatório cósmico. Esse mesmo médico aconselhava a exposição de meus olhos à luz negra. Para fazê-lo, meus pais construíram uma caixa de madeira onde cabia perfeitamente minha cabecinha, e a iluminavam com um foco dessas características. No fundo, à maneira de um cinemascópio primitivo, circulavam desenhos de animais: um veado, uma tartaruga, um pássaro, um pavão. A rotina tinha lugar durante a tarde. Bem depois, me tiravam o curativo. Talvez, contando assim, poderia parecer divertido, mas a verdade é que eu vivia isso como um autêntico tormento. Há pessoas que são obrigadas durante sua infância a estudar um instrumento musical ou treinar para competições de ginástica, a mim me treinavam a ver com a mesma disciplina com que os outros preparavam seu futuro como esportistas.

Mas a vista não era a única obsessão em minha família. Meus pais pareciam tomar a infância como uma etapa preparatória em que devem ser

corrigidos todos os defeitos de fabricação com que chegamos ao mundo e levavam essa tarefa seriamente. Lembro que uma tarde, durante uma consulta ao ortopedista – a quem faltavam os mínimos conhecimentos da psicologia infantil –, lhe ocorreu assegurar que meus músculos isquiotibiais eram curtos demais e que isso explicava minha tendência a encurvar as costas como se tentasse me proteger de alguma coisa. Quando vejo as fotos daquela época, me parece que a curvatura em questão era apenas perceptível nas poses de perfil. Muito mais notória era minha cara tensa e ao mesmo tempo sorridente, como a que se pode perceber em algumas imagens que fez Diane Arbus de crianças nos subúrbios nova-iorquinos. Mesmo assim, minha mãe adotou como um desafio pessoal a correção de minha postura, à que se referia frequentemente com metáforas de animais. De modo que, a partir de então, além dos exercícios para fortalecer o olho direito, incorporaram à minha rotina diária uma série de alongamentos para as pernas. Tanto parecia chamar a sua atenção essa minha tendência ao recolhimento que acabou encontrando um apelido ou “nome carinhoso” que, segundo ela, correspondia perfeitamente à minha maneira de caminhar.

– Barata! – gritava a cada duas ou três horas –, arruma essas costas!

– Baratinha, é hora de colocar a atropina.

Quero que me diga sem dissimulações, doutora Sazlavski, se um ser humano pode sair incólume de semelhante regime. E se é assim, por que não foi meu caso? Olhando bem, não é algo tão estranho. Muitas pessoas devem padecer durante sua infância desse trato corretivo que não responde senão às obsessões, mais ou menos arbitrárias, dos pais: “Não se fala assim, e sim de outro jeito”, “Não se come desse modo, e sim de outro”, “Não se pensa nisso, e sim naquilo”. Talvez nisso esteja a verdadeira conservação da espécie, em perpetuar até a última geração de humanos as neuroses de nossos antepassados, as feridas que vamos herdando como uma segunda carga genética.

Mais ou menos na metade desse treinamento, um feito importante teve lugar em nossa estruturada vida de família: uma tarde, muito pouco antes das férias de verão, minha mãe trouxe ao mundo Lucas, um menino louro e gordinho que a entreteve bastante e que a fez se distrair de sua atividade

corretiva ao menos por uns meses. Não vou falar muito de meu irmão porque não é minha intenção contar ou interpretar sua história como nem tampouco me interessa interpretar a de ninguém, exceto a minha. Entretanto, para desgraça de meu irmão e de meus pais, boa parte de sua vida se entrelaça com a minha. Ainda assim, gostaria de esclarecer que a origem desse relato se estrutura na necessidade de entender certos fatos e certas dinâmicas que forjaram este amálgama complexo, este mosaico de imagens, lembranças e emoções que comigo respira, lembra, se relaciona com os outros e se refugia no lápis como os outros se refugiam no álcool ou no jogo.

Um verão, finalmente o doutor Pentley anunciou que podíamos deixar para trás o uso cotidiano do curativo. Segundo ele, meu nervo óptico havia se desenvolvido até o máximo de sua capacidade. Só restava esperar que terminasse de crescer para poder me operar. Mesmo que tenham se passado quase trinta anos desde então, nunca me esqueci desse momento. Era uma manhã fresca iluminada pelo sol. Meus pais, meu irmão e eu saímos da clínica de mãos dadas. Muito perto dali havia um parque onde fomos passear em busca de um sorvete, como a família normal que seríamos – ou ao menos com isso sonhávamos – a partir desse momento. Podíamos nos alegrar: tínhamos ganhado a batalha na base da resistência.

Entre os bons momentos que tive com a minha família, lembro em particular dos finais de semana que passamos juntos em nossa casa de campo, situada no estado de Morelos, a uma hora da Cidade do México. Meu pai tinha comprado aquele terreno bem depois do nascimento do meu irmão e construiu uma casa desenhada pela minha mãe com a ajuda de um prestigioso arquiteto. Levados não sei por que sonhos românticos, levantaram um estábulo e uma cocheira. Entretanto, os únicos animais que chegamos a ter foram um pastor-alemão e uma boa quantidade de galinhas muito aplicadas na produção de ovos. Por mais que tenha insistido, nunca consegui que comprassem carneiros nem pôneis. A relação que tínhamos com Betty, nossa cachorra de fim de semana, era amorosa e distante ao mesmo tempo. Nunca sentimos a responsabilidade de educá-la, levá-la para passear ou alimentá-la e portanto, ainda que nos tratasse muito

carinhosamente, sua fidelidade canina pertencia ao jardineiro. Atrás da granja havia um rio transparente onde costumávamos mergulhar com bolsas de plástico para caçar girinos ou axolotes, esses animais misteriosos que Cortázar haveria de mitificar em um conto. Meu irmão e eu passávamos mais de cinco horas por dia metidos na água com as botas de plástico e a roupa de banho. Agora, trinta anos depois, é impensável banhar-se nesse rio cheio de excrementos e resíduos tóxicos. Uma das maravilhas dessa casa era a abundância de suas árvores frutíferas, sobretudo mangas, limões e abacates. Muitas vezes, ao voltar para a cidade, levávamos no carro caixas desta última fruta para vender nos apartamentos vizinhos. Meu irmão e eu nos encarregávamos dessa tarefa e assim juntávamos uns bons trocos para torrar durante as férias.

Nesses dias – eu devia estar começando o ensino fundamental – comecei a adquirir o hábito da leitura. Tinha começado a ler um par de anos atrás, mas, dado que agora tinha um acesso contínuo ao universo nítido a que pertencem as letras e os desenhos dos livros infantis, decidi aproveitá-lo. Lia contos principalmente, alguns mais ou menos compridos como os de Wilde e os de Stevenson. Preferia as histórias de suspense ou de terror como *O retrato de Dorian Gray* ou *O diabo na garrafa*. Também lia com frequência um volume de lendas bíblicas que meu pai tinha – igual ou mais aterradoras – como aquela em que a princesa Salomé decide decapitar o homem que tanto desejava ou aquela em que jogam Daniel na cova dos leões. O passo à escrita se deu naturalmente. Em meus cadernos pautados, de forma francesa, anotava histórias em que os protagonistas eram meus companheiros de classe que passeavam por países remotos onde lhes aconteciam todo tipo de desastre. Aqueles relatos eram minha chance de vingança e não podia desperdiçá-la. A professora não tardou em se dar conta e, movida por uma estranha solidariedade, decidiu organizar uma tertúlia literária para que eu pudesse me expressar. Não aceitei ler em público sem antes me assegurar de que algum adulto ficaria ao meu lado essa tarde até que meus pais viessem me buscar, porque era provável que mais de um de meus colegas quisesse ajustar contas à saída das aulas. Entretanto, as coisas aconteceram de forma distinta à que eu esperava: ao

terminar a leitura de um relato em que seis colegas morriam tragicamente enquanto tentavam escapar de uma pirâmide egípcia, as crianças da minha sala aplaudiram emocionadas. Aqueles que tinham protagonizado a história se aproximaram satisfeitos para me parabenizar, e aqueles que não, me suplicaram que os colocasse no conto seguinte. Assim foi como pouco a pouco eu conquistei um lugar particular na escola. Não tinha deixado de ser marginal, mas essa marginalidade já não era opressiva.

Eram os anos setenta e minha família tinha abraçado algumas das ideias progressistas que imperavam nesse momento. Minha escola, por exemplo, era um dos poucos colégios Montessori da Cidade do México (agora tem um em cada esquina). Sei que nessa época havia instituições em que as crianças podiam fazer literalmente tudo o que lhes dava vontade. Podiam, para não ir mais longe, incendiar as salas de aula sem ir à prisão nem sofrer castigos contundentes. Na minha escola, ao contrário, não tínhamos nem uma liberdade absoluta nem uma disciplina asfixiante. Não havia quadro-negro nem carteiras dispostos em frente à professora, que, certamente, não respondia a essa palavra, mas sim à de “guia”. As crianças contávamos com uma mesa de verdade, um escritório que nos pertencia, ao menos durante esse ano, e sobre o qual era lícito deixar marcas distintivas, desenhos ou decalques, sempre e quando não causássemos danos irreparáveis aos móveis. Junto às paredes, havia estantes e prateleiras onde se guardava o material de trabalho: mapas de madeira ao modo de quebra-cabeças com todos os países e bandeiras do mundo; tábuas de multiplicar semelhantes ao Scrabble, letras com textura, sinos de tamanhos diferentes, figuras geométricas de metal, lâminas plastificadas com as diversas partes da anatomia humana e seus nomes, para mencionar alguns. Antes de utilizá-los, cada criança deveria pedir instruções à guia. Pouco importava o que cada um fizesse durante a manhã contanto que trabalhasse em alguma coisa ou que ao menos fingisse. Várias vezes durante o ano, celebravam-se reuniões de todas as famílias e era então que alguém conseguia medir os estragos que aquela década perdida tinha causado em cada um. A essas festas iam por exemplo crianças cujos pais viviam em trio ou em outras situações de poligamia e, em vez de sentirem-se envergonhados, se

gabavam disso. Os nomes dos meus contemporâneos constituem outro vestígio eloquente dessa época. Alguns respondiam às tendências ideológicas da família como “Krushev”, “Lenin”, incluindo “Soviete Supremo”, a quem apelidamos de “o Viet”. Outros a crenças religiosas como “Uma” ou “Lini”, cujo nome completo homenageava a serpente energética da Índia, e outros a cultos mais pessoais como “Clitóris”. Este era o nome de uma menina bonita e inocente – filha de um escritor infrarrealista – que não entendia ainda a gravidade que lhe haviam feito seus pais e que, para sua desgraça, não contava com nenhum apelido.

Por sorte, minha família não era tão extravagante. Tinham ideias bizarras sobre nossa educação, mas nada que pudesse nos afetar de forma irremediável. Entre as instruções particulares que se haviam imposto, estava a de não mentirmos. Decisão absurda – do meu ponto de vista – que conseguiram respeitar, durante alguns anos, em coisas não tão fundamentais, como a inutilidade da religião, a existência do Papai Noel, em quem nunca nos permitiram acreditar, ou a forma como as crianças vêm ao mundo. Viver sob essas condições também nos situava à margem da maioria: se em alguma idade é possível desfrutar a época maravilhosa que sobrevém ao final de cada ano: as canções de Natal no supermercado, os pinheiros decorados nas janelas, e tudo o que constitui a assim chamada “magia do Natal”, a nós nos foi privado. Cada vez que um homem gordo com barba postiça e o característico traje vermelho aparecia nas calçadas dos centros comerciais onde andávamos, meus pais se agachavam para sussurrar aos nossos ouvidos que se tratava de um impostor, “um senhor disfarçado sem outro modo de ganhar a vida”. Com essas poucas palavras, convertiam o fabuloso Papai Noel em um ser lamentável, para não dizer patético. Nossos colegas de escola, ao contrário, acreditavam em toda essa parafernália e logicamente a desfrutavam. Com toda a inocência, escreviam suas cartas de fim de ano, pedindo esse ou aquele presente, cartas às vezes exageradas que seus pais procuravam cumprir ao pé da letra. Vários desses pais se aproximavam de nós à saída da aula para suplicar-nos que não revelássemos o segredo. Meu irmão e eu devíamos morder a língua, resistir à enorme tentação de enganá-los. Tenho de reconhecer que também senti

certa nostalgia daquela ilusão. Me parecia uma injustiça não poder crer nos contos de Natal como todos os outros. No dia 25 encontrávamos, debaixo do pinheiro, presentes que nossos pais tinham deixado durante a noite. Estão, entre os mais memoráveis, um triciclo vermelho que usei até os cinco anos e também um binóculo que inaugurou toda uma vocação de vida: nosso apartamento estava situado em um conjunto de prédios e as janelas dos vizinhos constituíam um cardápio quase ilimitado. O aumento dessas lentes não era muito poderoso mas permitia ver de forma aproximada o que acontecia ao redor. Não sei se ao escolher este presente meus pais estavam conscientes disso, mas para mim se tratou de uma pequena compensação pelos anos em que haviam limitado minha vista com o curativo. Graças a essa maravilhosa ferramenta, eu pude entrar durante anos nas janelas alheias e observar coisas às quais os demais não tinham acesso.

Outra das ideias dominantes na minha família era a de nos outorgar uma educação sexual livre de tabus e repressões de qualquer índole. Esta se levava a cabo através de um diálogo aberto e algumas vezes excessivamente franco sobre o tema, mas também por meio de relatos alegóricos. Durante muitas noites – ainda que também pudesse acontecer na metade da tarde, se o considerasse oportuno – minha mãe me contava uma história de sua própria e surpreendente inspiração, esclarecendo, isso sim, que se tratava de um relato fictício com propósitos educativos. Lembro por exemplo de sua versão muito peculiar d'*A Bela Adormecida* mais ou menos assim: *Uma tarde fria de inverno a rainha chamou alarmada o doutor da corte para explicar-lhe que fazia mais de dois meses que não menstruava. O médico, assombrado com a ingenuidade de sua soberana, lhe respondeu: “Sua Majestade deveria saber a esta altura que se uma mulher – nobre ou plebeia – não sangra durante mais de 30 dias seguidos, o mais provável é que se encontre grávida.” Esta tarde o rei e a rainha anunciaram a notícia a seus súditos: muito em breve o trono teria um herdeiro. E tanto foi assim como, em menos de nove meses, nasceu uma bela princesinha a que chamaram Aurora.*

O que acontecia depois: a roca envenenada, o sonho da princesa e tudo o mais, deixava de ter importância depois de um início como este. Entretanto, o conto não explicava inteiramente o assunto. Em pouco tempo, essa informação começou a me parecer incompleta e no mínimo inquietante. Qual era exatamente a natureza da menstruação? Por que razão podia uma rainha ficar grávida? Que relação teria o sangramento feminino com a fabricação de um bebê? A história não esclarecia nada disso. Meus pais não queriam mentir a este respeito, porém tampouco lhes parecia fácil lutar, como queriam, contra a tradição de mistério em que eles mesmos haviam sido educados. Para facilitar o trabalho, nos presentearam com uma coleção de livros que explicavam a anatomia detalhada dos homens e das mulheres, assim como as relações sexuais e sua consequência. Contudo, antes que tivessem tempo de assimilar o tema da reprodução, meus pais se apressaram a nos explicar que o uso dos genitais não estava unicamente destinado a este fim, senão a outros recreativos, como o sexo. Mesmo que os filhos fossem produto do coito, o objetivo de um encontro como este não era o de criar novas vidas, ao menos não na maioria dos casos.

Em vez de adquirir clareza, as coisas se tornavam cada vez mais confusas e desesperadoras.

– Então – eu perguntava, a caminho da escola, do assento traseiro do carro, tentando recapitular –, para que as pessoas têm relações sexuais?

– Para sentir prazer – respondiam em uníssono os dois adultos sentados na parte da frente.

Enquanto meu irmão se entregava absorto à contemplação dos carros que circulavam pela rua, eu voltava ao ataque: – Mas o que quer dizer isso?

– Algo de que gostamos muito, como dançar ou comer chocolates.

Comer chocolates! Com uma resposta assim, o mais provável era que uma menina desejasse fechar-se esta manhã mesmo no banheiro do colégio com o primeiro homem que encontrasse em seu caminho. Por que não lhes ocorreu responder, doutora Sazlavski, que as relações sexuais se têm por amor e que são uma forma alternativa de demonstrá-lo? Talvez teria sido um pouco mais preciso e menos inquietante, não lhe parece? É de supor que ao nos contar todas essas coisas se sentissem mais responsáveis e evoluídos

que suas próprias famílias e essa satisfação os impedia de ver o desassossego que geravam na minha mente. Não lhes tiro a razão, mas sinto que, ao menos no que me diz respeito, essa “educação” tenha sido demasiado precoce (eu tinha seis anos) e também um pouco angustiante. Por sua vez, meu irmão, que tinha só três anos, passou por cima de tudo isso como quem sobe a um barco vinte minutos antes que se arrebe um tsunami e permite com tranquilidade inocente que a onda passe por baixo.

Ao contrário do segredo natalino que meu irmão e eu sim respeitávamos, decidi que ninguém ao meu redor ficaria desinformado da questão reprodutora. Até mesmo inventei um jornal mural, cuja primeira edição era inteiramente dedicada a este tema. A equipe de redação era formada por três irmãs de sobrenome Rinaldi cujos pais eram ainda mais liberais que os meus. A dona da escola, uma mulher muito amável e em certa medida indulgente, nos permitiu pendurá-lo durante vários dias. Entretanto, rapidinho se viu inibida pelas queixas dos pais mais conservadores, que chegaram a ameaçá-la de tirar seus filhos da escola. Outras famílias saíram em nossa defesa. Pela primeira vez ouvi falar em liberdade de expressão, uma quimera tão obsoleta em meu país como a de Quetzlcoatl, a serpente emplumada.

As irmãs Rinaldi foram sempre do colégio mas nunca havíamos coincidido em uma mesma sala de aula. Entabulamos amizade durante um desses almoços de fim de ano que aconteciam em uma casa de campo. Nossos respectivos pais simpatizaram-se de imediato e decidiram reunir-se um par de fins de semana. Viajamos juntos a Cuernavaca e a Valle de Bravo. As Rinaldi eram louras, sardentas e dotadas de um surpreendente senso de humor. A mais velha se chamava Irene e cursava a mesma série que eu, mas em um outro grupo. Passava os recreios de modo clandestino no terraço da escola, longe da gritaria do pátio e absorta em suas próprias brincadeiras. Como eu, tampouco tinha medo de altura. Não demoramos em nos tornar muito boas amigas. Sua família vivia na ladeira que subia ao monte Ajusco que nesse tempo se considerava ainda fora da cidade. A casa, ainda em construção, constava de uma sala com cozinha americana, um ateliê de escultura onde sua mãe trabalhava, uma sala de estar e dois

grandes mezaninos, situados frente a frente, que faziam o papel de dormitórios, sem cortinas nem portas. Como se isso não bastasse, os pais de Irene tinham o costume de ceder a seus impulsos sexuais na frente de suas filhas e sem se importar com o lugar da casa em que estivessem. Uma vez, até eu os peguei em plena orgia enquanto as meninas olhávamos uns desenhos na sala de estar. As três irmãs seguiram absortas à frente da TV, atuando como se nada acontecesse ao nosso redor. Ao contrário, eu fiquei como estátua, olhando fixamente o espetáculo. Tratava-se de uma demonstração prática de uma teoria que vinha escutando havia meses. E, entretanto, era difícil relacionar o que acontecia diante dos meus olhos com os livros sobre anatomia e reprodução. Me perguntei se nesse momento os pais de Irene estavam fazendo uma quarta irmãzinha ou se era só um jeito de se divertirem. Mas como alguém poderia “se divertir” desse jeito tão esquisito? Seus movimentos se pareciam mais com uma luta corpo a corpo como as que meu irmão e eu tínhamos com frequência para determinar a propriedade de um brinquedo. Puxadas, gritos, mordidas, chaves de judô. Que relação poderia ter isso com comer chocolates? O espetáculo era tão violento que Max, o cachorro da casa, um pequinês mal-encarado, com dentes muito afiados, se aproximou para tentar detê-lo, puxando a camiseta de Gonzalo Rinaldi que montava alegremente na garupa de sua esposa. Ao sentir o mordisco em suas costas, o papai de Irene se voltou com expressão de dor e de um tapa jogou o cachorro no chão. Então Andrea, a irmã do meio, soltou uma gargalhada e eu não pude senão fazer o mesmo. As outras duas se uniram a esse riso nervoso que não conseguíamos segurar. Onde estarão essas meninas agora? Terão sobrevivido honrosamente à década de setenta? Torço por isso de todo coração. Apesar de que não me estranharia descobrir que uma delas se encontra agora internada em uma clínica psiquiátrica e tampouco que outra tenha virado uma safada. Dizem que a mudança tão conservadora que originou a geração a que pertença se deve em grande medida à aparição da AIDS, eu estou segura de que nossa atitude é em boa parte uma reação à forma tão experimental com que nossos pais encararam a vida adulta.

Como disse antes, minha família e eu vivíamos em um conjunto habitacional constituído de quase vinte e cinco prédios. Apesar disso, era um lugar agradável para passar a infância. Cada prédio contava com uma área verde onde as crianças sociáveis se reuniam todas as tardes para brincar e as antissociais nos dedicávamos a espiá-las a distância. Também havia uma esplanada muito grande onde era possível patinar ou andar de bicicleta, um espaço com balanços e outros brinquedos metálicos desse estilo. Na época do curativo, eu gostava de subir sozinha a escada de um tobogã de quase dois metros de altura por onde eu deslizava. Mais de uma vez aconteceu que, em vez de embocar na descida de ferro, caísse de lado no chão, mas eu era uma garota intrépida e a incerteza provocada pela minha condição tornava esses jogos ainda mais interessantes. Ainda conservo sobre minha bochecha direita uma cicatriz causada pelo golpe de uma gangorra que não se deteve ante meu temerário passo. Outra dessas feridas fiz em um balanço a toda velocidade que arrebentou em minha cabeça bem abaixo da orelha esquerda.

Os limites de cada unidade estavam marcados ao leste pela avenida Insurgentes e pelo oeste pelo clube esportivo localizado no mesmo lugar onde se haviam realizado as Olimpíadas de 1968. Suas instalações contavam com uma pista de atletismo e uma piscina de cem metros. Também tinha uma pirâmide, uma igreja – teria sido mais democrático colocar uma sinagoga – e um supermercado estatal de dimensões enormes para a época.

De todos os cantos daquele lugar, meu favorito era uma árvore situada bem em frente ao meu prédio cujos galhos alcançavam o apartamento onde morávamos. Tratava-se de uma aroeira muito antiga, enraizada sobre um montículo de rochas vulcânicas. Uma árvore espetacular pela largura de seu tronco e espessura de sua folhagem. A sensação que tinha ao trepar nela era de desafio e ao mesmo tempo de abrigo. Eu estava segura de que essa árvore não iria permitir jamais que eu caísse de seus galhos e por isso os escalava até a copa com uma tranquilidade impressionante para os que me olhavam lá de baixo. Tratava-se de um lugar de refúgio onde não era necessário encurvar minhas costas para me sentir a salvo. Nessa época eu

tinha a necessidade constante de me defender do entorno. Por exemplo, em vez de brincar com os outros meninos na praça, passava as tardes nos varais do terraço onde quase ninguém subia. Também preferia acessar minha casa, situada no quinto andar, pela escada do fundo e não pelos elevadores onde alguém poderia ficar horas preso com algum vizinho. Nesse sentido – muito mais que no aspecto físico – me assemelhava efetivamente às baratas que geralmente caminham pelas margens das casas e pelos dutos subterrâneos dos prédios. Era como se em algum momento eu tivesse decidido construir uma geografia alternativa, um território secreto dentro da unidade por onde passearia sem ser vista.

Uma das irmãs da minha mãe, a que mais nos visitava e pela qual sempre senti um afeto especial (uma mulher de sensibilidade excepcional, amante do grotesco e do escatológico, da poesia de Borges, das novelas de Rabelais e da pintura de Goya), se sentia inspirada pela minha atitude sub-reptícia e chegou a inventar um relato que nos contava toda noite, depois de ler *Gargântua e Pantagruel* em versão infantil. O conto descrevia a aventura de Perla, uma menina muito bonita que sofria de uma feroz constipação. Uma tarde, entretanto, seus pais se ausentaram um par de horas para ir ao supermercado e Perla decide não se levantar de seu peniquinho até conseguir expulsar todas as fezes que tinha armazenadas no corpo. Talvez inspirada pelo maravilhoso silêncio que havia na casa ou pela sensação relaxada e prazerosa que lhe produzia estar sozinha, o cocô começou a sair, primeiro discretamente como bolinhas de coelho e logo depois parecendo almôndegas macias e de tamanho considerável, até derramarem-se do recipiente de plástico sobre o qual Perla se havia sentado. “Ploc, ploc”, se escuta o ruído das fezes caindo no meio da tarde. Assim, o cocô roda pelos quartos e depois de invadir o apartamento começa a correr em forma de torrente pelas escadas do prédio, pelas calçadas, as praças do conjunto habitacional, “ploc, ploc!”, para chegar rapidinho à avenida Insurgentes, da qual se expande irremediavelmente por toda a cidade. A história de Perla pode ser vista como um conto premonitório que descrevia a situação que iria caracterizar, desde então, a nossa querida Cidade do México, agora invadida por esgotos avariados e lixões.

As escadas do meu prédio tiveram um papel em minha educação que meus pais nunca suspeitaram. Tratava-se de um lugar bastante fresco e solitário, iluminado somente o indispensável por umas janelas de blocos de vidro. Nelas, quase por acaso, alcancei uma descoberta importante relacionada ao meu corpo. Aconteceu durante umas férias em que fazia muito calor. Uma das minhas brincadeiras favoritas consistia em subir aos pulos, de dois em dois, os degraus de barro e descer deslizando no corrimão de ferro. Era algo que tinha praticado muitas vezes mas de maneira bastante inócua. Entretanto, nesta tarde, por uma razão que não saberia explicar, a sensação se revelou surpreendentemente agradável. Era como uma cócega, bem acima do meio das pernas, que exigia repeti-lo uma e outra vez, cada vez mais rápido. Tudo era contrastante: a sensação de estar escondida ali, ao abrigo dos olhares, e, ao mesmo tempo, o perigo de que alguém passasse e me encontrasse entregue a este jogo que adivinhava inadequado; o gelado do corrimão e o calor da fricção provocavam em meu corpo um calafrio viciante. Aquelas sensações me abriram, em questão de segundos, as portas do mundo paradisíaco do onanismo, como quem acessa uma segunda dimensão ou descobre uma substância psicodélica. A última coisa que me ocorreu neste momento foi relacioná-lo com os longos e tediosos discursos de meus pais sobre as funções do sexo. Tanto foi que uma tarde, com toda a inocência, revelei a minha mãe o motivo pelo qual passava tanto tempo nas escadas de serviço e, para minha surpresa (provavelmente para a sua também, doutora Szlavski), não lhe pareceu nenhuma boa ideia que sua filha se masturbasse em um espaço tão exposto como aquele pelo qual ninguém circulava, ainda que eu o fizesse com roupas e fingindo brincar de qualquer outra coisa. Sua reação foi muito mais próxima da vergonha do que da celebração e, como se se tratasse de algo reprovável, me pediu que eu fizesse “isso” unicamente no meu quarto onde, certamente, também dormia o meu irmão. Assim foi como, em plena década de setenta, me incorporei à ancestral tradição dos onanistas de closet, essa legião de crianças que raras vezes levantavam a cabeça por cima das cobertas. Devo admitir, entretanto, que minha obediência não foi completa. Voltei muitas vezes à escadaria, muitas mais que imaginaria minha mãe, redobrando a

vigilância para que ninguém me visse entregue ao refrescante ritual. Me surpreende ainda lembrar das coisas que me excitavam nesses primeiros anos. Tratava-se de eventos pouco previsíveis como palavras, entonações de voz, ou presenciar um beijo na rua, mas também certos sons como o assobio do vendedor de batatas ou o amolador de facas. Todas essas sutilezas eram uma chamada para correr ao corrimão ou ao meu quarto. Algumas vezes, me encontro com cãezinhos que ante qualquer chance de fricção se abandonam publicamente aos prazeres de Onã. Eu era assim aos seis anos. Uma menina incontrolável que sucumbia a uma espécie de desejo pelos móveis, os braços de uma poltrona, a borda da mesa, a beirada da pia, os tubos de metal que sustentavam os balanços.

Ainda que ninguém me tenha dito, não tardei em compreender que o sexo não era unicamente uma questão de prazer como os chocolates: também poderia ser a maneira de machucar de forma muito profunda e definitiva a outra pessoa. Descobri isso graças ao costume que tinha naquela época de escutar por trás das portas. Uma tarde, a vizinha do apartamento da esquerda visitou minha casa. Tratava-se da mãe de duas meninas que moravam no andar de baixo, num apartamento limpo e muito bem decorado, de cujos aquários enormes me lembro perfeitamente, duas lindas meninas argentinas de cabelos escuros e olhos felinos de um intenso azul. Em várias ocasiões havíamos nos encontrado na praça e trocado um par de gestos simpáticos, embora discretos. Faltava dizer que esse conjunto de prédios, cheio de jardins de aparência bucólica, tinha também uma dimensão macabra e algumas vezes perigosa. Como disse antes, um traço peculiar de nossa unidade é que havia servido para receber os atletas durante o 68. Esta data e essas Olimpíadas constituem, como todo mundo sabe, o símbolo do pior massacre cometido no México e o anúncio da onda de repressão que caracterizou o continente na década de setenta. E entretanto – por paradoxal que isso pareça – esses prédios estavam cheios de sul-americanos de esquerda que haviam chegado ao México para não serem assassinados em seus países fascistas (assim nos havia explicado minha mãe com um tom solene na voz). Voltando à vizinha, lembro que nessa ocasião parecia pálida. Minha mãe a convidou a sentar-se na sala com

muita doçura e lhe ofereceu um chá, enquanto me pedia de modo taxativo que fosse brincar no meu quarto. Pouco a pouco, entre soluços e frases indiretas que consegui escutar do corredor, a vizinha foi contando que no dia anterior, no jardim onde eu ia dar banho às minhas bonecas, um empregado da limpeza havia “abusado” de sua filha Yanina em plena luz do dia. Nesse momento não entendi a maneira como haviam ocorrido essas coisas, o que entendi é que tinham feito algo horrível e irremediável à menina. Também entendi que essa mulher estava ali, apesar de toda sua dor, para pedir à minha mãe que redobrasse a vigilância, quer dizer, para evitar que acontecesse o mesmo comigo. Quando a vizinha se foi, tentei obter mais informações, mas mamãe preferiu mudar de assunto. Não haveria poder humano que a convencesse a me explicar o que tinha acontecido com a menina de baixo. Só de noite, quando meu pai voltou do escritório e pensavam que estávamos dormindo, mamãe lhe contou o ocorrido e assim pude inteirar-me de alguns detalhes. Meu pai esteve de acordo que era melhor não nos dizer nada, mas desde então começaram a descer conosco à praça. Chorava toda noite quando pensava em Yanina, no terrível que podia ser o sexo e no medo em sofrer algo parecido. Foi a primeira vez que enfrentei um tabu e compreendo que havia sido assim, mesmo que preferisse que me dissessem, doutora Szlavski, não é muito pior o efeito do silêncio nas crianças acostumadas a saber e a perguntar de tudo? Não haveria sido mais conveniente nos informar sobre os perigos que afetam os menores, ou ao menos mais pertinente que semear a confusão sobre questões que não estão relacionadas às experiências cotidianas de uma pessoa de sete anos? Yanina nunca voltou a ser a mesma. De uma menina sedutora e extremamente feminina, começou a refugiar-se em uma roupa larga e em uma cara de poucos amigos. Poucos meses depois, cortou o cabelo como um menino e começou a engordar como se quisesse esconder debaixo da gordura as formas prematuramente desenvolvidas de seu corpo. Poucos meses depois, sua família se mudou para um conjunto menor e com maior segurança.

A liberdade sexual terminou por prejudicar minha família quando meus pais adotaram uma prática muito na moda durante os anos setenta: o então

famoso “casamento aberto”. “Abrir o casamento” consistia basicamente na abolição da exclusividade – uma regra a meu ver fundamental para a preservação do matrimônio. A partir de um acordo comum, de que, insisto, nem meu irmão nem eu fomos informados, cada um dos meus pais adquiriu o direito de ir copular com quem tivesse vontade ou, como se diz habitualmente, “de fazer do seu cu um vaso”. Por que ninguém nos avisou disso, doutora? Talvez eles mesmos não estivessem convencidos da conveniência dessa nova regra ou talvez se dessem conta de que o tema da sexualidade já nos havia excedido. No lugar disso, nos apresentaram uma grande quantidade de amigos novos que apareciam em casa, nos cumprimentavam e partiam, quase tão rápido como haviam chegado. Com o passar do tempo e graças, mais uma vez, à prática de escutar atrás das paredes, não demorei em descobrir a nova situação e logicamente não deixei de contar ao meu irmão. Eles justificavam isso diante de outros adultos argumentando que a propriedade privada era escandalosa e, embora não fosse possível erradicá-la de modo geral, ao menos poderiam contribuir colocando seus corpos ao alcance de outras almas necessitadas de afeto. Havia uma máxima naquela época perdida e confusa: “um copo d’água e um boquete não se nega a ninguém”, não sei se você se lembra. O importante, segundo eles, era manter a lealdade com o parceiro e fazê-lo participar, através de um relato pormenorizado, de cada um de seus encontros extramatrimoniais. Digam o que quiserem, estou certa de que este regime acabou por instaurar a discórdia entre eles.

Assim, pouco tempo depois do bombardeio informativo sobre o sexo e suas vicissitudes, em nossa vida cotidiana surgiu uma questão mais polêmica e, do meu ponto de vista, também mais angustiante. Com o pretexto de que os pais de uma criança da minha escola acabavam de se divorciar, à hora de ir para a cama e ler o conto de toda noite, mamãe e papai introduziram em nosso quarto um livro novo que explicava com desenhos como uma só família poderia ter duas casas. Pouco a pouco, minha capacidade dedutiva me levou a compreender que se insistiam tanto no tema era porque também estava acontecendo conosco. Apesar de todos os seus erros, reconheço que meus pais tiveram o bom gosto de nunca

brigar em nossa presença. Não tenho ideia de quão sangrentas e insidiosas devem ter sido suas discussões. O que sim posso dizer é que diante de mim e de meu irmão sempre se comportaram com cordialidade e recato, e não me alcançarão os anos de vida para agradecê-los por isto. Talvez tenha sido por isso que a notícia pareceu tão incompreensível para nós e também tão dolorosa. Por mais livros que tenham colocado em minhas mãos, por mais explicações prévias, demorei quase uma década para entender que teriam de viver separados definitivamente. Uma manhã no fim de junho – as férias já tinham começado – apareceu em casa um empregado de meu pai com a estranha tarefa de levar todos os seus livros, discos e roupas do apartamento. Lembro que peguei o telefone e chamei meu pai para assegurar-me de que essa ordem vinha efetivamente dele. Não o interpretei como o ato de evidente covardia que era nem imaginei a dificuldade que devia ser fazê-lo por si mesmo, ao contrário, pensei que, para ele, pegar suas coisas da casa era algo de tão pouca importância que tinha encarregado uma outra pessoa de fazer isso.

Foi assim que meu pai saiu para sempre do apartamento. Nos tinham explicado muitas vezes mas, ao menos no que me diz respeito, me fez falta encontrar com uma estante vazia em casa para poder compreendê-lo, uma estante onde durante toda minha vida haviam estado os discos de zarzuela, ópera, jazz, os Beatles, Simon & Garfunkel; a coleção inteira da revista *LIFE*, a enciclopédia Larousse, as obras completas de Freud e de Lacan e já não lembro mais quantas coisas mais que impregnavam a casa da personagem eclética e fanfarrona de meu pai. Durante todas essas conversas preparatórias eu tinha mostrado a máscara da filha compreensiva que, em vez de reagir, reflete e prefere mutilar um dedo a contrariar a seus já contrariados pais. Por que fiz isso, doutora? Me explique você. Por que estúpida razão não armei o escândalo que deveria? Por que não lhes disse o que realmente estava sentindo? E, sobretudo, por que não os ameacei de suicidar-me ou deixar de comer se chegassem a se separar? Não vê nessa atitude tão discreta e complacente de minha parte um sinal premonitório de toda a minha patologia atual? Talvez, se atuasse como deveria, tivesse podido intervir positivamente na sua decisão de desmembrar nossa família

e, sobretudo, evitar a derrocada que pouco depois haveria de nos cair em cima e que naquela época ninguém suspeitava. O mesmo dia em que mandou o empregado pegar suas coisas em casa, papai havia assinado o contrato de aluguel de uma casa de dois andares com três quartos e um pequeno jardim em um subúrbio de alto padrão ao sul da cidade. Apesar de ter comprado móveis novos e procurar decorá-la rapidamente, a casa nunca chegou a ser habitada. Minha sensação, ao menos, era a de que se tratava de um refúgio temporário onde não ficaria muito tempo.

Que posso dizer de meu pai? Antes de mais nada que se trata de uma das pessoas mais generosas que já conheci nesse mundo. E embora se irritasse de forma muito explosiva e às vezes aterradora, muito rapidamente voltava a seu temperamento entusiasta e a seu peculiar senso de humor. Sabia de cor uma enorme quantidade de histórias tiradas das *Mil e uma noites*, de Heródoto e da Bíblia. Costumava cantar para a gente canções como “Bodas negras” de Julio Jaramillo, em que um homem desenterra o cadáver de sua namorada para casar-se com ela, “Dónde está mi saxofón” ou “Gori Gori, muerto” de uma forma que fazia a mim e a meu irmão rirmos até as lágrimas. Os contos mais amedrontadores mantinham, narrados por ele, um tom incrivelmente humorístico. Muitas das viagens que fiz na infância foram com ele. Primeiro procurando oftalmologistas e depois procurando um pouco de sossego para nossas vidas tão atribuladas emocionalmente. Tenho várias caixas de fotografias em que meu irmão, meu pai e eu aparecemos nas praias do Pacífico e do Caribe mexicano e também de uma semana inesquecível que passamos em Cuba.

Uma vez desmembrada a família, a terra se dividiu em dois continentes. Comecei a me dar conta de que meus dois progenitores tinham maneiras muito diferentes de ver a vida, inclusive mais do que eu supunha. Passávamos uma semana e meia no hemisfério de minha mãe, onde o estoicismo e a austeridade eram valores de primeira. Nessa parte do mundo, por exemplo, era fundamental que a comida fosse a mais nutritiva possível embora ela tivesse que sacrificar seu sabor. Lembro, por exemplo, que várias vezes por semana nos serviam fígado acebolado ou o infalível caldo Hauser, que se preparava em casa a cada terceiro dia. Tratava-se de uma

sopa feita de verduras frescas e macias, apenas cozidas no vapor, para preservar seus sais minerais e vitaminas, mas, para falar a verdade, o que mais me lembro é da absoluta carência de gosto e daqueles cubinhos moles e coloridos que flutuavam em uma água sem sal nem temperos. Não é que mamãe não soubesse cozinhar, mas sim que tinha prazer nos inculcando essa forma espartana de vida. Outra característica do território materno era a certeza de que o dinheiro era um bem que poderia ficar escasso a qualquer momento e, portanto, era fundamental cuidar dele a todo custo. Por isso, não suportava o costume de meu pai que consistia em deixar abundantes gorjetas aos garçons ou em dar presentes caros a suas sobrinhas quando faziam quinze anos. Considerava isso um perigo para nossa educação. Vivia com um medo constante daquilo no que poderíamos nos converter cada vez que escapávamos, o pouco que fosse, de sua supervisão. Estava convencida de que, privado de sua severa vigilância, o mundo viria abaixo irremediavelmente. A vida era um lugar cheio de vícios, pessoas mal-intencionadas, atitudes reprováveis em cujas garras era muito fácil cair se alguém carecia de sua têmpera e coragem. Estou convencida de que estudei direito não por uma vocação litigante – como muitos sustentam – mas sim por um medo irreprimível de ser enganada. Lembro muito bem a tarde de fevereiro de 1984 em que, ao voltar do colégio, nos anunciou com o rosto pálido que a moeda havia se desvalorizado em 400% e que boa parte de suas poupanças tinham se convertido em pouco menos de fumaça. Foi nessas circunstâncias que pronunciou um dos discursos célebres na história de nossa relação: – Filhinhos, me escutem bem – disse sentada na cabeceira de nossa mesa de cedro. – O mundo que vocês vão encontrar, quando crescerem, será muito mais duro e difícil do que o que eu e seu pai tivemos. Por isso vão ter que estudar e se preparar para enfrentá-lo. Enquanto isso, contem comigo para encaminhá-los até um futuro a salvo de tudo.

Se a alguém lhe escapou as implicações dessa promessa, o que mamãe estava dizendo nas entrelinhas era que não iria nos deixar em paz um minuto de nossa vida até que conseguíssemos um diploma universitário (e pelo menos um doutorado) e logo um trabalho estável graças ao qual pudéssemos poupar toda a vida como ela fazia. Apesar do que possa lhe

parecer, doutora Sazlavski, minha mãe era também uma pessoa incrivelmente carinhosa, em parte por natureza mas também com o objetivo de educar seres humanos sensíveis, capazes de receber e transmitir afeto. Sei pertinentemente que todas as pessoas veem a sua mãe como uma mulher bonita mas, digo com toda a franqueza – e ninguém poderá se atrever a me contradizer –, mamãe superava os padrões de beleza não só mexicanos como de qualquer país com possibilidades de êxito. Não lia livros sobre educação (seguramente pensava que ninguém lhe poderia ensinar), mas em lugar disso lia religiosamente Wilhelm Reich e sua teoria do orgasmo como panaceia universal. Enquanto eu e meu irmão construíamos castelos de areia nas praias a que nos levava meu pai, minha mãe participava de seminários em Santa Bárbara sobre como desbloquear sua energia sexual, quando na realidade lhe teria sido melhor um curso para aprender a convertê-la. Minha mãe estava decidida a deixar para trás todas as suas inibições e a impedir que nós adquiríssemos as nossas. Para isso, organizava em casa atividades lúdicas nas quais devíamos mover o corpo ao compasso da música ou modelar com barro e depois nos lambuzar com ele nosso corpo nu. Basta me ver interagir uns quinze minutos para compreender que, em meu caso, seus esforços foram em vão, se não contraproducentes. Por outro lado, nunca deixei de escrever. Meu gênero predileto seguia sendo o conto fantástico com inclinações ao *gore* e ao terror, mas também poderia acontecer de compor um poema ou elegia para um pássaro atropelado ou para uma planta morta. Ao contrário dos demais adultos, que viam nisso uma atitude infantil inofensiva, tão excêntrica quanto passageira, minha mãe fazia uma festa com isso. Celebrava cada texto novo como se se tratasse de uma obra-prima e assegurava que naqueles parágrafos de letra cursiva e desenhos involuntariamente ingênuos se escondiam os indícios de uma forte vocação.

Muitas vezes, sobretudo nos períodos da minha vida em que me senti encarcerada nessa obsessão pela linguagem, pela construção de uma trama e – o mais absurdo de tudo – por fazer das letras uma profissão, um *modus vivendi*, lhe reprovava aquele entusiasmo desmedido. Talvez seria mais feliz

agora, doutora Szlavski, se cobrasse mensalmente um nutritivo salário da IBM. Como sabê-lo?

Depois da separação, minha mãe começou a frequentar um grupo de pessoas muito diferentes dos amigos que tinha tido até então: artistas de todo tipo, a maioria gente de teatro entre os quais havia vários estrangeiros e alguns homossexuais escandalosos que me pareciam os mais divertidos do mundo. Com muita frequência, organizavam festas à noite, às quais nunca tivemos o privilégio de ir, mas lembro com gosto de um par de comidas e dias no campo na casa de alguns deles. Italianos, suíços, espanhóis filhos de eminentes republicanos e Livross, conviviam conosco nesses bacanais. Entre eles lembro especialmente de Rafael Segovia, a quem voltei a ver muitos anos depois na cidade de Montreal, e de Daniel Catán. Muito poucos deles tinham filhos. Também se organizavam almoços em nossa casa de campo. Mamãe não tinha nenhuma dúvida em mostrar meus escritos a seus amigos literatos, sem pedir minha autorização. Eles – movidos por um sentimento cuja natureza jamais poderei adivinhar – mostravam assombro e benevolência a respeito. Poderia inclusive dizer que, ao lado da reação de meus colegas de escola, me iniciaram no vício do elogio, de que alguém se recupera mas não se cura jamais.

Embora o caráter de minha mãe fosse muito mais manso que o de papai, quando perdia as estribeiras podia cair em atitudes extremamente violentas que incluíam golpes, bofetadas e puxões de cabelo que costumava chamar *sanjuanizas* e pelos quais nunca se desculpava. Em vez de assumir a perda de controle, sua técnica consistia em dizer que nós a havíamos provocado. Há que se notar também que eu fui o alvo desse tipo de reprimendas com muito mais frequência que meu irmão. E entretanto, doutora, se nesse momento me tivessem perguntado se não preferia me mudar para a casa de meu pai, me haveria negado terminantemente. Chame-o síndrome de Estocolmo ou da maneira que melhor lhe pareça. A casa de minha mãe era o lugar onde tinha vivido sempre e considerava meu. Ali estava a árvore onde subia para baixar a adrenalina depois de cada cena de terror. Entrançados com as lembranças desses golpes estão também as lembranças

de seus abraços na hora de dormir, de suas mãos esfregando álcool nas plantas dos meus pés durante as noites de febre e de suas palavras ternas.

No continente de meu pai se passava tudo ao contrário. A austeridade e estoicismo se convertiam nos valores mais inúteis e masoquistas do mundo. Meu pai, que nessa época era dono de uma companhia de seguros e de várias oficinas mecânicas, era fã de cassinos, de carros esportivos (tinha um MG conversível carmesim) e do luxo dos grandes hotéis. Bastava anunciar o desejo de um brinquedo e encontrar-se no lugar indicado para que nos comprasse; pouco importava seu preço e o que tivesse gastado em nos presentear no mês anterior. Não vou negar que os acontecimentos de sua vida o mudaram muito, mas nessa época havia nele certa arrogância de *self-made man* que tinha triunfado nos negócios. Como se fosse pouco, havia tido a firmeza, a sensibilidade e a inteligência para converter-se em um psicanalista reconhecido, ao menos dentro da escola em que tinha se formado, e isso coroava com uma aura intelectual a satisfação que sentia por si mesmo. Quando estávamos com ele, meu irmão e eu tínhamos uma liberdade total para usar palavras tão altissonantes quanto quiséssemos – coisa que minha mãe não tolerava –, para ver filmes B e ir para a cama mais tarde que de costume. Ao mesmo tempo, ficava muito mal se brigássemos entre nós e essa era uma das coisas que mais o tirava de si. Acho que nem meu irmão nem eu julgávamos essas duas realidades em que transitávamos alternativamente. Ao contrário, nos adaptávamos a ambos os sistemas de crenças, de maneira indistinta e sem os questionar, como alguém que se adapta ao clima de duas cidades distintas nas quais se vive de vez em quando.

Devo dizer que, por trás de sua separação, meus pais fizeram o possível para preservar a unidade familiar. Pelo menos uma vez por semana comíamos juntos em casa e muitas vezes viajamos em família durante o verão. Com ambos também passamos temporadas mais compridas em nossa casa de campo. Ao final ficava sempre uma sensação de nostalgia pelo que podíamos ter sido e não havíamos chegado a ser, mas era melhor que nada. Não foram muitas as férias que meu irmão e eu estivemos a sós com minha

mãe, e entre essas lembro muito particularmente de uma viagem que fizemos com ela ao estado de Sonora.

Nessa época, minha mãe se interessava particularmente pela vida em comunidade. Talvez pensasse que, como o esquema tradicional do matrimônio não lhe tinha resultado efetivo, outros sistemas mais novos ou mais arcaicos (tudo depende de como se olha) poderiam conduzi-la a uma vida satisfatória. Por isso visitamos uma comuna conhecida como Los Horcones, localizada no estado de Sonora. Viajamos de avião até Hermosillo e no aeroporto alugamos um carro para nos levar pelo deserto até dar com o lugar. Chegamos de noite, à hora do jantar. Quando escutaram o motor do carro, um dos membros mais antigos saiu a nos cumprimentar e nos convidou ao refeitório, parecido com o de um colégio, onde estavam sentadas umas sessenta pessoas ao redor de longas mesas de madeira. A comida era simples mas tinha bom sabor: feijões *charros*, guisado de carne de vaca em caldo de tomate, *tortillas* de farinha. Tínhamos chegado famintos depois de cinco horas de viagem na estrada e comemos vorazmente. Durante o jantar, nos explicaram as regras de convivência. Escrevo aqui as que marcaram minha lembrança.

REGRA NÚMERO 1: não havia propriedade privada. Os objetos não eram de ninguém. Nem a escova de dentes, nem a roupa de baixo, nem os sapatos, nem a comida ou as camas desse lugar tinham um dono, mas eram todos *comunitários*.

REGRA NÚMERO 2: os filhos também eram comunitários. Todos os adultos tinham a responsabilidade de cuidar de qualquer criança como se fosse sua.

REGRA NÚMERO 3: toda pessoa tinha uma tarefa a cumprir dentro da fazenda. Geralmente as crianças menores se ocupavam de ordenhar as vacas.

O propósito de nossas férias, isso nos explicou minha mãe, consistia em saber se éramos capazes de nos adaptar o suficiente a esse programa bem como de nos mudarmos para lá. A primeira noite, depois de jantar, encaminharam Lucas (que a partir desse momento deixava de ser *meu* irmão) e a mim a um quarto enorme onde as crianças dormiam sem ter, é

claro, uma cama designada para si. Devo admitir que, no começo, a ideia me pareceu entusiasmante. Na minha curta experiência, cada vez que se nos permitia dormir sozinhos com mais de duas crianças, havia diversão garantida: guerra de travesseiros, esconde-esconde, subida de cortinas. Aproveitávamos de todas as maneiras possíveis os recursos que oferecia esse quarto. Dessa vez éramos mais de quinze e era de esperar que a festa durasse toda a noite. Porém, as coisas aconteceram de outro jeito. Quando abriram a porta para nos deixarem entrar, as crianças tiraram as roupas e, sem lavar os dentes ou o rosto, entraram estrepitosamente para se apoderar das melhores camas e, uma vez nelas, não houve poder humano que as tirasse do lugar. Diego e María, dois adolescentes de doze anos, os mais velhos do quarto, se encarregaram de verificar se não faltava ninguém e de apagar a luz. Nem uma só brincadeira se escutou aquela noite, no meio do silêncio campestre, cheio de grilos e de pios de coruja. As crianças dormiram imediatamente. Perdido nessa multidão empalamada, meu irmão devia estar tão surpreso quanto eu. Sabia aproximadamente em que cama se encontrava. Entretanto, com a luz apagada era impossível localizá-lo para comentar o que estava acontecendo. Além disso, corria o risco de que alguém aproveitasse para ocupar meu lugar.

Lucas e eu nos levantamos ao alvorecer como os outros e fomos até os reservatórios de metal onde se ordenhavam as vacas. Acho que nunca em toda a minha vida tinha estado tão perto de um desses animais, menos ainda de suas rugosas tetas. Alguém nos explicou como devíamos apertá-las para obter o leite e nos deixou, eu e meu irmão, à mercê da vaca que, ante nossa inépcia, começava a se desesperar. Saímos dali com um reservatório semivazio que provocou uma expressão de desgosto na cara dos encarregados, mas como não tínhamos prática ninguém se atreveu a nos criticar. Nos chamavam de “os novos” e ao escutar essas palavras eu sentia cólicas no estômago pensando que nosso futuro próximo poderia desembocar nesse lugar tão estranho. Tudo dependia de uma simples decisão da minha mãe, que, claramente, se encontrava em uma época meio desorientada acerca de seu projeto de vida. Depois da ordenha passamos ao refeitório, onde nosso café da manhã estava quase pronto, exceto pelo leite

que era necessário ferver antes de poder bebê-lo. Na nossa mesa estava Diego, o garoto que tinha apagado todas as luzes na noite anterior. Nossa vida na Cidade do México lhe despertava uma curiosidade mórbida. Nos perguntava detalhes sobre o colégio, o cheiro das ruas, o transporte público. Haviam dito a ele que a capital cheirava a merda e que as pessoas eram intrometidas.

– Ao menos cada um sabe qual é sua cama – respondi –, e ninguém nos rouba o quarto.

Passar um dia ali me bastou para compreender a atitude tão desconcertante que demonstravam à noite: a jornada de trabalho no estábulo, lustrando sapatos, esfregando pisos ou lavando pratos era tão exaustiva que de noite ninguém tinha ânimo nem força para brincar. Tornamos a ver nossa mãe depois do café da manhã. Nos abraçou como se nada tivesse mudado entre nós e, sem se fixar a normas de comportamento, nos chamou como sempre *meus* tesouros, *meus* pedacinhos de céu. Um dos chefes daquele lugar, um homem altíssimo e corpulento com cabelo negro e liso, como os dos índios yaqui, mas vestido de menonita, demonstrava uma simpatia particular por nossa mãe e nos propôs essa manhã uma visita guiada pelos arredores. A comuna era muito grande. Além das vacas, tinham carneiros, porcos e galinhas. Também cultivavam verduras hidropônicas para o consumo dos sessenta e três habitantes. Entretanto, a verdadeira função daquele lugar, que lhe tinha dado certo prestígio na região, e também certa proteção do governo local, estava em uma casa diferente daquela em que tínhamos passado a noite. Tratava-se de uma escola para crianças e adolescentes com síndrome de Down, alguns mexicanos mas sobretudo estadunidenses, cujos pais não podiam – ou não queriam – cuidar, e que pagavam grandes quantidades de dinheiro para que outras pessoas os mantivessem no meio do deserto. O granjeiro, que olhava para minha mãe com evidente admiração erótica, nos explicou que as pessoas que se encarregavam dessas crianças “com problemas” se haviam formado com ele em escolas nacionais e de San Antonio, Texas. Paramos em um banco do jardim para observá-los atuar durante um dos seus momentos de descanso: se viam contentes e amigáveis, muito mais que as

crianças com quem tínhamos passado a noite. Ao vê-los correr pelo gramado, morrendo de rir, abraçando-se e fazendo-se carinhos nos cabelos, me disse que se alguém tinha um problema ali não eram eles mas sim todos os outros. Era a primeira vez que me defrontava com a segregação de pessoas “diferentes” ou, como ainda se diz, “com algum defeito”. Me disse que talvez, se tivesse nascido nessa comuna, a mim também me teriam colocado em uma casa à parte, longe das outras crianças, as “normais”, que trabalhavam como bestas para se integrar à sua sociedade; essas crianças que desde a minha chegada na granja não tinham deixado de me perguntar o que tinha me acontecido no olho e por que motivo tinha em seu centro uma nuvem tão densa, como de uma tempestade; essas crianças que no fundo de minha alma se compadecia a certeza de que, cedo ou tarde, minha mãe voltaria à razão e nos levaria de volta para casa.

Apesar da sensação de eternidade que gera o calor e as condições tão diferentes de vida, sei que não ficamos muito tempo na comuna. No terceiro dia, uma mulher enlouquecida, provavelmente envolvida com o granjeiro yaqui, xingou minha mãe no meio do café da manhã e a acusou de lhe estar roubando *seu* homem. Pelo visto, ainda que naquele lugar as crianças não tivessem dono, os pais delas tinham. A mulher estava tão alterada e violenta que ninguém, nem o próprio yaqui, se atreveu a intervir. Quando aos gritos nos aconselhou que regressássemos à “cloaca urbana de onde tínhamos saído”, minha mãe se levantou da mesa e nos levou até o carro onde estavam nossas bagagens. Enquanto o carro cortava a estrada que cruza o deserto, eu agradecia aos céus sonorenses por termos sido tirados para sempre da vida em comunidade e voltar à selva, selvagem se alguém achar mas pelo menos conhecida, do capitalismo.

Quase vinte anos depois, voltei a ver Diego, o pré-adolescente que cuidava do quarto das crianças, em Puerto Vallarta. Eu estava ali para participar de um festival literário. Ele passava as férias com sua família no hotel onde me haviam hospedado. Por mais estranho que possa parecer, nos reconhecemos de cara. Como este dia eu tomava o café da manhã sozinha no terraço do restaurante, ele me convidou a me sentar em sua mesa e me perguntou se eu me lembrava de sua esposa. Respondi que não.

– Não sabe – disse – como nos mudou a vida com sua visita. Ver você com sua mãe e seu irmão, escutar como era a vida no mundo exterior, nos deu muita inveja e nos fez pensar na possibilidade de sair dali alguma vez.

– Fecharam a comuna – perguntei, confusa com este plural tão enigmático –, ou você foi um caso especial?

– Fomos eu e Patricia. E agora estamos aqui, gozando deste hotel de luxo com que nunca sonhamos em nossa infância.

Se referia à sua esposa, sentada perto de nós, e seguiu falando por ela e por sua família a manhã inteira. Não tinha perdido seu sotaque sonoreense. Diego e Patricia já estavam seis anos fora de Los Horcones. Nesses anos tiveram tempo de se reproduzir quatro vezes. Olhei até a piscina ao redor da qual corriam seus filhos. Me disse que, depois de uma infância como a sua, provavelmente nem ele nem sua mulher teriam podido se acostumar com facilidade à vida de solteiros.

Dois anos depois de se separar de meu pai, mamãe foi vítima de uma forte depressão que acabou por nos afetar a todos. Seu mal-estar se manifestava sob a forma de um choro recorrente que costumava irromper toda tarde como as tempestades se apossam da Cidade do México durante o verão. Cada tarde e pelo espaço de várias horas se fechava em seu quarto para chorar, às vezes muito ruidosamente. O motivo era em parte um amor mal correspondido. Fiel ao seu costume de nos ocultar as coisas, mamãe nos havia explicado que tinha uma relação com um homem casado que lhe tinha feito várias promessas não cumpridas. Apesar de seu caráter muito prático e racional, adquiriu o costume de consultar o I Ching várias vezes por semana, coisa que ela mesma qualificava como doentia e reprovável. Também nessa época começou a interpretar com particular pessimismo os resultados de alguns exames médicos. Um sábado de manhã, nos convocou em seu quarto para nos anunciar que sua saúde estava em perigo. Ainda hoje a vejo deitada sobre sua cama desfeita, as cortinas fechadas criavam uma atmosfera de penumbra artificial. “Estão me estudando”, nos disse, “e a coisa não parece boa. Poderia estar muito doente.” “E se eu morrer?” Não nos informava quais eram os diagnósticos possíveis. Claro que nós a abraçávamos dizendo que isso nunca ia acontecer, que íamos estar sempre

juntos, mas a angústia já havia sido semeada pelo resto da tarde e da semana. Depois, seu ânimo se tranquilizava e deixava de falar do assunto durante um par de dias. Houve ao menos três alarmes falsos. Que lhe parece, doutora Szlavski, aterrorizar de tal forma e sem nenhuma certeza a crianças nessas idades? “Normal em uma mulher transtornada, que atravessa um período particularmente duro”, você me dirá com toda a razão, mas nessa época não nos ocorria olhar dessa forma nossa progenitora, senão como o pilar mais sólido de nossa família. Lembro com muita clareza da sensação de impotência que me invadia ao escutá-la chorar do outro lado da porta. Seu choro paralisava qualquer atividade da casa, incluídos as minhas brincadeiras e o ir e vir da empregada. Meu irmão e eu nos sentávamos em nossa cama para esperar que passasse. Ficávamos ali, em um silêncio expectante, até que, afinal, as lágrimas terminavam e era possível voltar às nossas brincadeiras ou aos rituais vespertinos. Acostumada a tomar as rédeas de sua vida, minha mãe lutava encarniçadamente com todas essas emoções e, nesse combate interno, sua parte forte levava a melhor. Ao menos assim foi durante esses três anos, durante os quais se submeteu ao mais inútil dos psicanalistas de que se tenha tido notícia.

Finalmente, em um impulso de vontade desesperada, decidiu exilar-se do país. Seu exílio não foi político, e sim amoroso. O pretexto era estudar um doutorado em urbanismo e planejamento regional no sul da França. Meus pais chegaram a um acordo em que viveríamos o primeiro ano desses estudos com ele, no México, enquanto ela arranjava as condições para nos receber lá. Durante esse tempo, Lucas e eu estudaríamos o idioma. Entretanto, esse plano nunca se concretizou. Algo aconteceu na vida de papai que o impediu de seguir com nossos projetos, algo de que nos inteiramos quase um ano depois de forma clara e contundente, e que haveria de modificar por completo nossa vida. Um dos primeiros indícios dessa nova situação foi que meu pai começou a aparecer com menor frequência em nossa casa. Quando perguntávamos dele, nos diziam que estava viajando e que nesse momento estava resolvendo vários assuntos relacionados com seus negócios em San Diego. Depois de vários meses de trâmites burocráticos, minha mãe obteve uma bolsa do governo francês para

eclipsar-se. Fez isso em meados de julho. Como estava previsto, ficamos no México, no mesmo apartamento onde sempre havíamos vivido, mas, em vez de meu pai, quem se ocupou de nós foi nossa avó materna. Este, doutora Szlavski, constitui o período mais nebuloso e confuso de toda a minha vida. Por que diabos meu pai continuava no exterior é algo que ninguém nos soube dizer. Que podia ser mais importante que lhe impedisse ficar conosco quando mais precisávamos dele? Por que minha mãe se aferrava a essa viagem ainda que tivesse que nos deixar nas mãos de sua mãe velha e conservadora, cuja figura encarnava justamente o tipo de educação que *não* tinha querido nos dar? Por que, depois de apregoar tanto a importância de dizer sempre a verdade, ninguém nos oferecia uma explicação convincente? A única pessoa que ficava ali para se perguntar isso era minha avó e sua resposta era crítica e sempre a mesma: – Desde quando os pássaros usam espingardas?

Com isso queria dizer que as crianças não devem tirar satisfações dos adultos.

II

Se os dois hemisférios de meus pais jamais nos causaram, a meu irmão e a mim, problemas de navegação, o universo do século XIX ao que nos transportou a avó representava o território menos hospitaleiro que havia conhecido até o momento. Nesse universo se impunham algumas leis totalmente arbitrárias, ao menos no meu entender, e que demorei meses para assimilar. Várias delas, por exemplo, se baseavam em uma suposta inferioridade das mulheres em relação aos homens. Segundo sua visão das coisas, a obrigação principal de uma menina – antes mesmo que assistir às aulas – era ajudar na limpeza do lugar. As mulheres deviam, além disso, vestir-se e se comportar “adequadamente”, à diferença dos homens, que podiam fazer o que tivessem vontade. Foi assim que eu, que gostava de jeans e de calças esportivas que permitiam subir com maior comodidade montes de pedra, tive de regressar várias décadas atrás no sistema da moda e incorporar aos meus trajes cotidianos vestidos de bordado e sapatos de verniz. Tudo isso em plenos anos setenta, década da qual minha avó não tinha nenhuma notícia. Um verdadeiro ultraje à dignidade de qualquer um. As meninas, evidentemente, tampouco deviam andar por aí “batendo bola” na rua, brincando com os homens, e muito menos subindo nos galhos das árvores. Que alguém questionasse alguma de suas decisões – coisa que nos haviam ensinado a fazer tanto meus professores quanto meus progenitores – era a seus olhos uma falta de respeito e prova de uma insolência muito perigosa que devia ser reprimida imediatamente e sem compaixão. Além de seus preconceitos de gênero, a avó criticava constantemente minha forma de andar e a maneira como se movia meu corpo. Perto dela, a atitude corretiva de minha mãe parecia brincadeira de criança. Mesmo que nunca tenha dito uma palavra ofensiva sobre minha visão escassa, criticava constantemente a postura deselegante com que antes minha mãe havia se preocupado. Segundo ela, sobre minhas costas estava se formando uma corcova já não semelhante à de uma barata mas sim à de um dromedário.

– Pelo amor de Deus, endireite-se! – me instava ao menos dez vezes por dia, fazendo retumbar as paredes de nosso apartamento. Chegou até mesmo a me presentear com um corpete que escondi no último canto do meu closet. Também a consistência de meu cabelo ondulado, muito parecido, diga-se de passagem, ao que ela mesma teve na juventude, lhe parecia desalinhada cada vez que eu não a mostrava alisada e recolhida. Até minha forma de falar era constantemente censurada por ela. Me acusava de pronunciar os esses à colombiana sem ter nenhuma razão pra isso e me pedia que praticasse tirando a língua da área dos dentes para evitar o assobio, algo que, evidentemente, nunca fiz.

Ao contrário de mim, que lhe tirava o juízo sem remédio, minha avó sentia por meu irmão uma adoração evidente. Não deixava de exaltar suas virtudes e, ao falar com outros membros da família, lhes contava o maravilhoso que era esse neto que, apenas com sua presença, sabia fazê-la feliz. Lembro que bem no começo, durante os primeiros dias de sua presença em nossa casa, meu irmão pediu permissão para descer ao jardim onde toda tarde as crianças de nossa unidade jogavam futebol. Minha avó esteve de acordo, assim saímos até que caiu a noite. Quando voltamos, tínhamos a roupa suja de lama e vários arranhões nos joelhos. Minha avó nos recebeu alarmada. Segundo ela, tinha descido para nos buscar várias vezes e, como não aparecíamos, esteve a ponto de chamar a LOCATEL, o serviço para localizar pessoas perdidas, acidentes ou mortes. Do estado dos joelhos de meu irmão não disse nada, dos meus ao contrário falou como se se tratasse de uma falta de decência.

– Parece que você se arrastou na terra – assegurou, indignada. Desde então eu comecei a aprender a decifrar a implicação moral em muitos de seus comentários.

As técnicas de repressão de minha avó não tinham nada a ver com as que eu havia conhecido até então. Os castigos a que meus pais me acostumaram eram claros e sem rodeios: nos trancar no quarto por uma hora “para que pensássemos no que tínhamos feito” e, quando a coisa era demasiado grave ou exasperante, uma sessão de “palmadas bem-postas”, frase que costumavam usar para justificar o emprego da violência física ou

um safanão humilhante. A avó entretanto usava métodos de tortura muito mais sutis e desconcertantes. Entre eles a chamada “lei de gelo”, que consiste em fingir que a pessoa que nos cometeu uma ofensa não existe e, portanto, não é possível escutá-la ou dirigir-lhe a palavra. Depois daquele jogo de futebol, minha avó banhou meu irmão amorosamente. Também lhe preparou o jantar, levou-lhe na cama e ficou junto dele até que dormisse. De minha parte, tive de ir ao meu quarto com o estômago vazio, porque esta noite não havia comida para os seres transparentes. Em vez de mostrar um comportamento mais submisso, optei pela resistência. Minha divisa – uma divisa idiota que adotei sem me dar conta e que mantive por quase toda a vida – consistia em evitar a todo custo que conseguissem me fazer chorar. Era um prazer que não estava disposta a dar a minha avó nem a ninguém. Apesar disso, como necessitava daquilo naquele momento! Além do mais, quem diz que se eu chegasse a comover minha avó ela não iria mudar de atitude em relação à minha pessoa? Em vez disso, me dediquei a contrariá-la em tudo quanto fosse possível. Eu, que até então havia sido considerada a mais antissocial do nosso prédio, comecei a sair toda tarde. Não me dava com as meninas de seis que brincavam com *matatena* e *resorte*^[1] no estacionamento, nem com as meninas que recatadamente repetiam até a exaustão as tabuadas de multiplicar atrás de um arbusto, mas sim com os jogadores de futebol. O que meu corpo exigia era tirar através do exercício físico todo o ódio que eu estava gerando. A raiva de minha mãe, que ligava de vez em quando de um país distante, a raiva contra meu pai, que sem nenhuma explicação tinha desaparecido do mapa, a raiva contra essa velha injusta que tentava por todos os meios “baixar a minha bola”, como se as circunstâncias vitais já não tivessem se encarregado, com grande eficácia, de fazer isso antes dela. Por sorte, os homens do meu prédio não achavam ruim que eu me unisse a seus jogos contanto que eu seguisse parando os gols do time inimigo: pela minha altura, maior que a de todos eles, me colocaram na defesa. É verdade que depois não era fácil voltar pra casa, mas eu preferia muito mais as longas broncas de minha avó e sua falta de atenção a passar a tarde inteira fechada debaixo de seu poder despótico.

Devo dizer, doutora Sazlavski, que minha avó não foi para mim uma simples inquisidora com ideias atávicas, mas também um dos personagens mais originais com os quais pude viver. Estava cheia de manias e costumes estranhos, alguns dos quais fui adquirindo sem me dar conta. Havia deixado sua casa em um bairro central da cidade para viver conosco. Essa casa, aonde ia diariamente, era um armazém com todas as coisas imagináveis. Vítima do que se chama comumente como síndrome de Diógenes, minha avó guardava montões de revistas e exemplares do jornal *Excélsior* desde os anos quarenta. Dois quartos constituíam sua íntima e desordenada hemeroteca. Além desses papéis, conservava em seu closet não só a roupa de seu falecido marido como também a sua e a de seus filhos durante as últimas três décadas. Essa maré de objetos anacrônicos formada de sapatos, bolsas de baile, vestidos de noiva, perucas, chapéus de luxo, rádios de transistor, luvas, globos terrestres, livros, pentes, penteadeiras, bonecas e vá saber quantas coisas mais, constituía uma espécie de massa com vida própria que se movia lentamente, em função das necessidades da casa, a que denominávamos “a onda verde”. Se alguma de suas filhas residentes no interior decidisse ir passar o verão na Cidade do México, minha avó esvaziava os quartos centrais e acomodava a onda na parte de baixo da garagem. Isto lhe levava dias, às vezes semanas inteiras, de um trabalho extenuante. Embora naquele lugar se misturassem odores muito diversos, o mais imponente era o da naftalina. Ela mesma contava que durante suas gravidezes chegou a gostar tanto dessas bolinhas venenosas para afugentar as traças, que as chupava amiúde como se fossem caramelos. Parecia impressionante a maneira com que, apesar da desordem parcial, a casa conseguia conservar sua dignidade e sua elegância. Os móveis eram quase todos antigos mas em excelente estado. Os pisos de parquê estavam cobertos por tapetes trazidos diretamente do Irã. Nos anos anteriores à sua morte, meu avô havia se dedicado a viajar com sua esposa por todo o mundo, durante vários meses. Muitos dos objetos comprados nesse tempo adornavam as vitrines da casa e as mesas de centro, onde era frequente encontrar lâmpadas de bronze, menorás ou esculturas de marfim. Todos esses badulaques e, em particular, a vasilha japonesa com motivos

desenhados em azul muito tênue, despertavam minha fantasia e me ajudavam a escapar dessa realidade que tanto me custava tolerar. A casa continuava sendo habitada por uma servente que, na ausência da dona, se dedicava ao seu melhoramento pessoal. A avó preferia que ficasse ali a levá-la a viver conosco e evitar desta maneira que entrassem na casa e a roubassem. Embora quase sempre usasse o transporte público, guardava um carro novo na garagem de sua casa, um Celebrity branco com bancos de couro, e quando era necessário, conseguia um motorista que a transportasse aonde quisesse chegar. Há alguns fungos capazes de viajar vários quilômetros graças a umas patas invisíveis que detectam a comida. De maneira similar, os alcances da onda ultrapassavam os limites da casa. Desde a chegada da avó, os quartos do nosso apartamento se haviam enchido de roupas e papéis que aguardavam ser classificados algum dia. Mesmo assim, fosse o que fosse, a desordem não podia alcançar a superfície da cama que toda manhã fazia obsessivamente até suprimir qualquer ruguinha na colcha ou nos lençóis. Essa desordem impregnava também a forma de dispor o tempo. Chegava tarde a todas as partes, também à saída do colégio. Desde que tinha chegado, a hora da refeição nunca havia sido respeitada em casa. Para ela, cujo estômago era inferior ao tamanho de uma amêndoa, lhe bastava comer três colheres de arroz para obter combustível e pretendia que, em plena etapa de crescimento, nós fizéssemos o mesmo. Nunca gostou de cozinhar e é provável que nem soubesse. Muitas vezes comprava a base de uma pizza feita de pão e tomate na seção de congelados do supermercado e isso era o que servia às três e meia da tarde, sem nenhum tipo de guarnição ou acompanhamento. Ainda que os cardápios que servia não merecessem, a avó não perdia uma refeição para nos inculcar as maneiras que pregava Antonio Carreño, seu escritor favorito. Durante os meses em que cuidou de nós, a escutei falar de seu manual várias vezes por dia mas se passaram anos antes que eu pudesse me encontrar frente a frente com um exemplar. Numa feira de livros onde fui quando era estudante de letras, descobri um volume empoeirado de mais de cem páginas cujo título completo era: *Manual de urbanidade e boas maneiras para uso da juventude de ambos os sexos no qual se encontram as*

principais regras da civilidade e etiqueta que devem se observar nas diversas situações sociais, precedido de um breve tratado sobre os deveres morais do homem. Comprei por nostalgia masoquista. A leitura do livro parecia muito prática e ilustrativa. Se detém por exemplo em como uma mulher deve descer da carroça quando esta for conduzida por um ou mais cavalos e coisas do tipo.

Discretamente, meu irmão e eu fomos adquirindo o costume de convidarmos para comer em casa algum membro do time – um de cada vez –, o que seguramente acabou sendo muito cômodo para a avó. As crianças da Vila Olímpica, ao menos as crianças da minha geração, as que conhecíamos e com as quais meu irmão e eu brincávamos todas as tardes, tinham uma personalidade dupla ou pelo menos uma dupla cultura: nos jardins e na praça falavam com sotaque e expressões mexicanas mas ao chegar em casa se comunicavam com seus pais em perfeito portenho ou santiaguino,^[2] comiam pastel de batata com ervilhas e pediam que lhes servissem abóboras. Antes de sair, calçavam os sapatos e pegavam sua bola de futebol. Muitos desses meninos pareciam perceber o horror que haviam conhecido suas famílias antes de deixar suas respectivas cidades. Entretanto alguns deles viviam de fato atormentados por lembranças de separação e de luto, de violência e vá saber quantas coisas mais, a tal ponto que, tivéssemos a idade que tivéssemos, era impossível deixar de notá-lo. Entre eles estava Ximena, de quem falarei mais tarde, a única menina com a qual cheguei a me identificar nessa época e que, talvez sem nunca sabê-lo, deixou uma impressão muito profunda em minha história.

Demorei anos a escolher um time para torcer. Não me sentia pertencer a nenhum dos que via jogar nos torneios da primeira divisão. Finalmente, quando tive de escolher, me encantei com a Unión de Curtidores, o time menos glamoroso, o menos conhecido e com menores possibilidades de ganhar algum dia um campeonato. Deixe-me falar, doutora, sobre este time, de que provavelmente nunca tornará a ouvir em sua vida. A maioria das pessoas pensa que se trata de um time de coitados e ninguém pode crer que eu torcesse seriamente por esse esquadrão tão desalinhado. Não me refiro somente ao uniforme branco com uma faixa diagonal azul-escura que

lembra as de Miss Universo, mas sim a seu modo fatalista de jogar. O que o tornava especial era seu nervoso sobe e desce entre a primeira e a segunda divisão, já que se tratava de uma equipe que vivia sempre à margem da tragédia, do opróbrio, na pior das incertezas. Seu objetivo não era ganhar o campeonato, com o que nem sequer sonhavam, mas sim conservar a compostura. Em uma escala menor, representavam a nossa própria seleção nacional que a cada quatro anos se pergunta com angústia se obterá ou não vaga no próximo Mundial. Não consigo entender ainda como a maioria dos mexicanos torcem pelo América e seu multimilionário dono, e não pelo Unión de Curtidores. Suponho que por razões similares às que têm as classes baixas para votar a cada seis anos na direita católica. Apesar do que as pessoas acreditam, a Unión não sumiu do mapa. O time tem mudado de nome ao longo dos anos mas sua essência segue sendo a mesma. Como os animais mais antigos que povoam o planeta, os curtidores têm precisado das mutações para sobreviverem.

Às vezes a avó resolvia comprar chocolates ou alguma outra guloseima e, para administrar essa riqueza, para dispor da forma e do momento em que podíamos comê-la, a escondia em algum lugar de seu closet. Uma tarde, enquanto procurava o frufu para o cabelo, dei de cara, quase sem me dar conta, com o espaço que havia entre o chão e o estrado da cama. Então descobri um dos melhores esconderijos. Encontrei ali uma bolsa cheia de lichias, totalmente quebradas, que tinha levado para casa três semanas atrás, uma caixa de biscoitos com velhas fotografias de família e um pacote de chocolates belgas que, apesar de seu aspecto ainda saboroso, não me atrevi a provar. Outro dos hábitos da avó consistia em anotar em um caderninho pautado e de capa dura cada evento diário, por mínimo que fosse, e também cada objeto ou alimento que comprava, para ela ou para a casa, sem omitir o peso ou a quantidade. Segundo me explicou ela mesma, tinha feito assim desde o primeiro dia de sua vida de casada, em 1935, para que meu avô não pudesse acusá-la nunca de gastar dinheiro. E continuava fazendo isso agora, onze anos depois da morte de seu esposo, por inércia ou por motivos que ninguém tinha conseguido decifrar. Com ela aprendi que o obsessivo não é forçosamente alguém com as unhas lindas e um penteado impecável, cuja

casa se assemelha a uma vitrine, mas sim um ser tenso e quase sempre temeroso de que o caos tome por completo o controle de sua vida e da de seus entes queridos.

Minha avó não gostava que a tocassem mais que o estritamente necessário. Não era contra os beijos mas os outorgava somente se houvesse uma razão poderosa para isso. Em todo o tempo que viveu conosco, me deu dois. Mais tarde lhe explicarei, doutora, quais foram ambas as situações. O problema de ter conhecido no passado pais tão amorosos como os meus é que depois, quando eles não estavam, senti irremediavelmente falta de contato físico que nem a avó nem ninguém podia me dar nesse momento. Para o cúmulo dos males, minha mãe falava da França muito poucas vezes por mês e, pela diferença de horário, suas chamadas raras vezes coincidiam com os momentos em que estávamos em casa. A avó nos contava – vá saber se era verdade – que tinha falado com ela, que nos mandava carinho e que, ainda que sentisse muita saudade, “ela estava passando bem”. Por egoísta que soe, saber que minha mãe era feliz em um lugar distante do mundo não me fazia sentir o mesmo. Claro que me alegrava saber que lá do outro lado do Atlântico já não chorava toda tarde, mas entre isso e “estar passando bem” havia um abismo. Mais de uma vez, afogada pela sensação de injustiça que se respirava em casa, haveria dado o que fosse para contatá-la, para falar longamente com ela e contar-lhe o que estava vivendo. Mas isso nunca foi possível. As chamadas de longa distância nessa época eram algo totalmente inusual. Além disso, eu não tinha nenhum número para localizá-la e essa circunstância me fazia sentir-me totalmente desamparada.

Foi em torno dessa época que começou a produzir-se uma situação estranha. Um sábado, por volta das onze, enquanto nos preparávamos para ir a um almoço familiar em um bairro distante da cidade, e depois de uma discussão intensa sobre a roupa que eu ia usar este dia, descobri uma lagarta no meu sapato. Uma lagarta peluda de cor verde-clara e brilhante. Tentei tirá-la daí batendo a sola várias vezes contra o chão mas o bicho não parecia se mexer. Ajudado por suas patas em forma de ventosa, resistia comodamente aos meus embates.

– Corre, estamos atrasados! – trovoou a voz de minha avó, tirando-me subitamente do transe em que me encontrava. Assim, escolhi colocar outros sapatos e continuei me preparando para sair. Quando cheguei à porta, a avó perguntou por que tinha colocado essas sandálias e não as sapatilhas brancas com presilha que tinha comprado pra mim. Então expliquei o que aconteceu. Como era de se esperar, não me deu nem um segundo de crédito. A avó saiu exasperada em busca dos sapatos e, quando os trouxe, a lagarta já não se encontrava dentro. Qual teria sido a sorte do pobre animal? Não me atrevi a perguntar isso. Uma vez no almoço, comecei a sentir algo se mexendo na sola do meu pé. A sensação era tão perturbadora que me vi obrigada a me agachar por baixo da mesa para verificar isso que já temia. Então tornei a ver o verme, machucado pelo peso de todo o meu corpo e derramando um líquido escuro sobre minha meia novinha. Encontrá-lo ali novamente e com o corpo tão maltratado me causou uma sensação de medo incontrolável e comecei a gritar como uma histérica. Não sei se a avó não viu o bicho esta vez ou simplesmente não quis admitir que se tinha equivocado. O caso é que me pegou pelo braço, me levantou da mesa onde comiam os demais e me fechou em um quarto à parte – exatamente como se tira um inseto indesejável da casa para não ter de esmagá-lo em frente aos convidados. Lá desse quarto a escutei se queixando de meu temperamento e também ouvi comentários que vários familiares fizeram contra mim e minha mãe. Pobre avó, diziam, por nossa culpa estava passando um momento muito desagradável no fim de sua vida, que até então havia transcorrido de forma tão tranquila. Mais tarde, já de noite, quando voltamos para casa e por fim chegou o momento de dormir, tornei a ver o verme sobre os lençóis. Então eu mesma comecei a duvidar de minha sanidade.

Os insetos seguiram aparecendo com certa frequência dentro do meu quarto. Já não era só a lagarta, mas também insetos diferentes, muitas vezes venenosos, que vinham me visitar. Podia ser uma aranha vermelha, um louva-a-deus religioso, com cara de criança, nunca uma borboleta ou um grilo, bichos bem mais raros que apareciam de repente, me obrigando a gritar. Não era a ameaça dos insetos que me enchia de pânico, tampouco

que os demais me acusassem de mentir para chamar atenção. O que me fazia reagir desse modo era a possibilidade de que eu tivesse perdido para sempre – e a tão tenra idade – um importante parafuso. Se não pudesse contar comigo mesma, com quem poderia contar? Se a verdade era algo inacessível para mim, então devia ficar satisfeita com as versões dos outros, os que me chamavam de mentirosa, de insolente, de grosseira, de uma molestadora de velhinhas? Frente à presença dos insetos e de todas essas perguntas sem resposta, a única coisa que me ocorria fazer era deixar de pensar na medida do possível e jogar, jogar, jogar o futebol e, nos descansos, falar disso, até cair morta de cansaço na cama, mesmo que fosse sem comer. A noite em que vi o verme ressuscitado nos lençóis, senti que algo tinha mudado dentro de mim. Algo muito profundo e inacessível tinha sido alterado dentro da minha consciência. Não pude voltar à cama. Tampouco podia sair e me refugiar com ninguém na casa, de modo que optei por me aproximar da janela do quarto e ali fiquei acordada várias horas. A noite é raramente o território das crianças. Eu tinha dormido bem toda minha vida e não era das pessoas que se detêm a ouvir os ruídos da madrugada. Para não pensar no bicho, procurei meu binóculo e concentrei minha atenção, em geral ameaçada pelo sonho e histórias fantasiosas, no que sucedia abaixo do prédio. Ali de pé, detrás das cortinas, vi pararem homens de atitude ébria ou cansada a caminharem até suas respectivas portas; vi um adolescente com sua namorada aparecer e desaparecer várias vezes detrás dos arbustos que havia em frente ao estacionamento; vi um gato se esquivando dos automóveis em um jogo suicida. Nada disso conseguiu me interessar muito tempo até que levantei o olhar e descobri que no prédio da frente, justo à altura do meu apartamento, em uma simetria impressionante, havia outra menina que observava o mundo de sua janela, com uma expressão tão infeliz como a que eu devia ter naquele momento. Se chamava Ximena. Eu a conhecia de vista e ia com sua cara. Em várias ocasiões a tinha observado atravessar a rua com esse ar um pouco ausente que a caracterizava. Entretanto, posso dizer que essa noite a vi pela primeira vez, não da maneira indiferente com que alguém pode observar o ir e vir dos vizinhos, mas sim de forma realmente atenta, e com empatia. Não podia

estar segura, mas algo me fez sentir que ela também estava me olhando. De repente a distância que separava nossos prédios se fez muito curta e senti que, se quisesse, me teria sido possível perceber seu hálito impresso no vão da janela, escutar sua respiração, compreender o que estava vivendo.

Essa noite inaugurou um costume: quando as luzes se apagavam em nossos respectivos apartamentos, ela e eu acudíamos ao local combinado sem falta. O ritual consistia em permanecer de pé, uma em frente à outra, e assim nos acompanhar até que nos vencesse o sono. Nunca nos comunicamos de forma ortodoxa, nem ali nem em nenhum outro lugar, mas, consciente ou inconscientemente, Ximena me fez sentir que, apesar da ausência dos meus pais e da absoluta incerteza que tinha em relação ao futuro, havia alguém no mundo com quem podia contar. Pense o que quiser, doutora Sazlavski, estou convencida – agora mais que nunca – que essa comunicação existiu e de forma tão profunda que ultrapassou os limites espaço-temporais, como costuma ocorrer entre as pessoas mais próximas. Dela sabia muito pouco mas o suficiente para fazer uma ideia de quais eram suas emoções. Sabia, como disse antes, que era chilena e que desde sua chegada ao México tinha vivido com sua mãe e sua irmã nesse prédio. Seu pai, por sua vez, tinha sido torturado pelos homens de Pinochet, antes que tentasse sair de Santiago. À diferença de Paula, sua irmã menor, que era loura de olhos claros e caráter alegre, Ximena era taciturna. Seu cabelo e seu jeito de olhar eram escuros e provavelmente também eram escuros seus pensamentos. Talvez pensasse com nostalgia nos tempos em que a paz tinha reinado em seu país, em sua família e em todas as lembranças felizes que armazenava em sua alma. Quase não saía à praça e quando o fazia não era para se juntar às brincadeiras das outras crianças. Como eu, gostava de sentar-se na árvore que havia no estacionamento, mas em vez de trepar nos galhos como eu fazia, ficava nas pedras e raízes. Ximena pintava a óleo. Eu a tinha visto um par de vezes concentrada em frente ao seu cavalete, nesse quarto que me revelava pela metade, graças ao limitado aumento de meu binóculo. Que relação tinha com sua família? A que colégio ia e como se dava com seus colegas de classe? Estas e outra dezena de perguntas são as que me ocorriam pela noite, enquanto a via do meu quarto. Também

gostava de encontrar afinidades entre nós, além da localização de nossas janelas, como a cor do nosso cabelo e o fato de que, para nenhuma de nós duas, a infância era um campo de flores.

Uma tarde em que estava especialmente triste e necessitava com urgência encontrar-me com ela, cheguei na janela antes da hora, para ver se por acaso a avistava, mesmo que de passagem, através das cortinas de seu quarto. Então notei que havia fogo em seu apartamento. Abri de um golpe a porta de meu quarto e gritei à minha avó que chamasse os bombeiros. Lembro que saí correndo pela rua e subi ao montículo sobre o qual estava a árvore e esperei que chegassem. Então me dei conta: a imagem não era a de um incêndio habitual em que o fogo sai pelas janelas, mas um espetáculo muito mais discreto. As chamas formavam uma silhueta semelhante à de uma árvore de luz. Depois de um tempo insuportavelmente longo, se escutaram as sirenes e com elas vimos aparecer o caminhão de bombeiros. Também chegou uma ambulância que levou Ximena em uma maca. Soubemos depois, pelos vizinhos de seu prédio, que ela mesma se havia banhado em solvente para óleo e ateou fogo em seu quarto. A notícia saiu em todos os jornais. Alguém pronunciou a palavra “esquizofrenia”. Para mim a explicação era simples: Ximena tinha resolvido escapar de uma vez por todas do cativo de sua vida.

Nunca mais ia me acompanhar lá de seu quarto. Entretanto, as coincidências não se acabaram com sua morte. Muitos anos depois, após a publicação de meus primeiros livros, fui convidada a fazer parte do júri de um concurso de contos que a revista chilena *Paula* organiza todo ano. Visitei Santiago em uma viagem relâmpago, cheia de atividades. Ao passear pelas ruas dessa cidade, pensei em algumas das crianças que compartilharam parte de minha infância. Teriam voltado a seu país depois da chegada da democracia? E, por assim dizer, podiam se reconhecer nessas ruas renovadas e brilhantes nas quais anos atrás tinham sido perseguidas suas famílias? Pensei em Ximena, claro, e também em um par de pessoas com histórias muito trágicas como Javiera Enríquez, a quem conheci depois, durante a adolescência, e que perdeu sua família aos quatro anos de idade. A única manhã que tive livre, pedi para visitar a casa de Pablo

Neruda em Isla Negra, a uma hora da capital. Além de meu filho de dez meses, me acompanhava Silvia Ossandón, redatora da revista, com quem entabulei amizade. Nos recebeu o encarregado de relações públicas da Casa Neruda, um homem que tinha vivido e livros no México e com quem simpatizei de cara. Se chamava Bernardo Baltiansky. Trocamos um par de frases antes da minha visita à casa-museu e descobrimos que, durante os anos oitenta, tínhamos vivido no mesmo bairro. Enquanto observava as inumeráveis coleções do autor de *Confesso que vivi* e todos os vestígios de sua residência na terra, tinha só uma coisa em mente: Ximena. Quando saísse dali perguntaria a este homem se a havia conhecido, se podia me dizer algo dela. Qualquer informação, qualquer dado que me aproximasse um pouco mais dela bastaria para me satisfazer. Necessitava encontrar a maneira de introduzir o assunto. Enquanto pensava nisso, me disse que, durante sua vida, Neruda tinha escrito, viajado, desempenhado funções diplomáticas, tinha se casado várias vezes e sobretudo havia construído casas, móveis, uma obra colossal. Ximena, ao contrário, tinha passado pelo mundo com pés inseguros e escorregadios. Sua passagem havia sido curta mas fulgurante para os que tivemos a sorte de chegar a vê-la.

Ao terminar a visita, Bernardo nos convidou a tomar algo no café do museu. As ondas do oceano lambiam a areia a uns metros dali. Me parecia que sua suave persistência sussurrava segredos desse tempo não tão longínquo em que o Chile havia visto sobre suas costas as piores atrocidades, segredos que ninguém queria escutar ainda, como se o que mais essa gente temesse fosse despertar os fantasmas dos desaparecidos. Silvia me lembrou que se quiséssemos encontrar um restaurante aberto não devíamos demorar em ir. Perguntei a Bernardo se tinha conhecido mais chilenos na Vila Olímpica. E, como se tivesse esperado a pergunta, respondeu que sim, que sua irmã também tinha vivido ali com suas filhas.

– Minha sobrinha se suicidou em um desses prédios.

Dentro do meu corpo, senti o sangue tornar-se tão frio quanto as ondas desse mar azul-cobalto.

– Como se chamava ela? – perguntei, já sabendo perfeitamente que não podia se tratar de outra pessoa. Bernardo confirmou o nome. Também me

contou que, vários meses antes de sua morte, tinha diagnosticado esquizofrenia em sua sobrinha, uma enfermidade que servia para englobar todos os transtornos inclassificáveis e que casualmente também havia sido atribuída a Javiera Enríquez. Bernardo falou dela sem acrescentar nada de novo ao que já sabia. Até que começou a falar de sua pintura.

– Tinha muito talento. O melhor quadro que chegou a pintar ainda está na casa de minha irmã e representa uma árvore imensa que havia na Vila Olímpica, bem em frente à sua casa e onde passou muitas horas.

– E sua irmã? – perguntei. – Continua vivendo lá?

– Não, ela mora em Santiago. Se quiser, podemos ligar para ela.

Essa tarde tinha um compromisso para jantar na casa de Alejandro Zambra, escritor e amigo meu. Ao chegar, lhe contei a história e lhe pedi que me acompanhasse ao apartamento dessa mulher. Não era longe de onde ele morava e aceitou de bom-tom. Quando a mãe de Ximena abriu a porta, vi o quadro sobre a parede principal da sala. Tratava-se de uma pintura com um poder de atração como o que pode ter um rosto com muito magnetismo. Ao menos esse foi o efeito que teve sobre mim. Era efetivamente o retrato da nossa árvore, se é que as árvores pertencem a alguém. Sobre as pedras vulcânicas, as silhuetas de algumas crianças sentadas de frente ou de costas, cujos rostos não se podiam ver claramente; crianças meditabundas que não brincavam nem sozinhas nem entre elas. Crianças como ela e como eu. A pintura me emocionou até as lágrimas. De golpe revivi a sensação de desamparo constante daqueles anos mas, do mesmo modo como nesse tempo em que o choro em frente aos demais era a última coisa que eu podia me permitir, me contive. Os comportamentos adquiridos durante a infância nos acompanham sempre, e mesmo que tenhamos conseguido, à força de uma grande vontade, mantê-los cercados, encolhidos em um lugar tenebroso da memória, quando menos esperamos nos saltam na cara como gatos enfurecidos. Me dediquei a olhar as outras pinturas que me mostrava a mãe de Ximena e a responder cortesmente às perguntas que fazia. A conversa não foi longe. Creio que nenhuma das duas estava disposta a abrir a comporta de emoções por medo da torrente que a cada uma lhe sobreviesse; assemelhavam-se mais a pontas de dois icebergs em

movimento submarino. Mesmo que fosse meu dia livre, estava em viagem de trabalho, e não queria ingressar nessa zona de vulnerabilidade que se impõe a cada vez que invoco com palavras todas essas lembranças e da qual me leva vários dias sair. Tampouco desejava deixá-la triste nem colocá-la em um estado semelhante. Nessa casa, Alejandro e eu tomamos um chá e falamos de literatura, deixamos que meu filho brincasse com um tambor marroquino que havia ali. Fiquei sabendo que Paula, sua outra filha, também tinha voltado para Santiago, que tinha sido mãe como eu e que era fã de Manu Chao. Depois saímos. Sem deixar mais rastro que uma chupeta esquecida.

Após a morte de Ximena, a presença dos insetos se tornou muito mais frequente e cotidiana mas já não me assustavam. Tinha aprendido que há coisas muito mais aterradoras que aqueles animais diminutos por mais peçonhentos que sejam. Também há que se dizer que os insetos que me apareciam deixaram de ser tão venenosos como no começo. Em vez de taturanas ou tarântulas, via agora minhocas, escaravelhos e baratas. Estas últimas em particular surgiam para mim com uma atitude amável, até mesmo benevolente em relação à minha pessoa. À diferença dos demais insetos, as baratas não me olhavam com olhos agressivos e desafiantes, ao contrário, pareciam estar ali para impedir que outros animais viessem me molestar. Por isso, cada vez que encontrava uma em meu quarto, em vez do nervosismo de sempre me invadia uma misteriosa calma.

Exceto pela desordem de minha avó, o apartamento seguia exatamente igual como tinha sido deixado por minha mãe. Muitas de suas roupas estavam no closet: a velha saia cinzenta que quase sempre usava em casa e a que nós chamávamos “a pele”. Também seu escritório com os lápis sempre apontados e toda a sua biblioteca. Incluído o I Ching. Tudo dava a sensação de que tinha saído de fim de semana e que a qualquer momento ia voltar à sua vida cotidiana. Talvez tivéssemos sentido menos falta dela se mudássemos para um lugar totalmente distinto ao que ela nunca tivesse estado e onde, portanto, não fosse possível encontrar nenhuma de suas trilhas. Nas raras ocasiões em que podia ficar sozinha em casa, repassava com atenção seus bens, como se buscasse uma mensagem cifrada capaz de

me indicar a data de seu regresso e um indício de que este efetivamente teria lugar. E foi assim, revisando seus livros e os papéis inseridos nas páginas de alguns deles, que dei com um volume cujo título chamou de imediato minha atenção. Tratava-se de um romance curto de Gabriel García Márquez, *A incrível e triste história de Cândida Erêndira e sua avó desalmada*. Foi um sábado de manhã. Minha avó tinha ido com meu irmão ao centro comercial que havia perto de casa. Abri o exemplar e me pus a ler com uma voracidade primitiva. Desde a partida de minha mãe, eu tinha deixado de lado muitas das coisas que gostava de fazer. Nem sequer descia às escadas de serviço para refrescar o corpo e as ideias em tempos de calor. Nesses meses li muito pouco e não escrevi absolutamente nada. À minha avó os livros despertavam suspeita. Sabia que na biblioteca de sua filha havia exemplares muito pouco edificantes como os que expunham as novas maneiras de abordar o sexo. Não gostava de me ver instalada no escritório e sempre que me encontrava rondando a estante se queixava: – Não sei para que sua mãe deixou todos esses livros aí, ao alcance de vocês. Devia tê-los guardado. Não seria má ideia vendê-los por quilo.

Isso dizia ela, que armazenava jornais de 1930 nos quartos de sua casa.

Não queria que minha avó vendesse os livros da minha mãe num brechó, assim preferia fingir que não me interessavam, mesmo que isso representasse um sacrifício. Entretanto, na manhã que encontrei aquele romance não pude soltá-lo e li, li tudo o que pude em sua ausência e, quando voltou, continuei lendo no banheiro, escondida, debaixo do lençol, assim que fechava a porta do quarto. Essas páginas contavam a história de uma menina pouco mais velha que eu que vivia escravizada por sua avó proxeneta e que daria qualquer coisa para se desfazer dela. Erêndira tentava de tudo: desde disparar um revólver na cabeça da velha, até matá-la lentamente com veneno para rato, mas a avó resistia a qualquer arma. O romance, como se fosse pouco, falava de amor, de política e de erotismo. Em poucas palavras, era exatamente o tipo de livro que minha avó temia ver em nossas mãos e essa transgressão o tornava particularmente apetitoso. O descobrimento desse romance foi semelhante, doutora, por exagerado que possa parecer, a um encontro com o anjo da guarda ou pelo menos com um

amigo confidente, tão improvável na minha vida daquela época. O livro me compreendia como ninguém no mundo e, como se fosse pouco, também se permitia falar de coisas que dificilmente uma pessoa consegue confessar a si mesma, como as vontades irreprimíveis de assassinar alguém de sua família.

Foi também nessa época que conheci um garoto, pouco mais velho que eu, irmão de um jogador do time, que conseguia me deixar nervosa com sua mera presença. Chamava-se Oscar Soldevila e morava no prédio seis. Lembro poucas coisas de sua pessoa. Sei por exemplo que tinha o cabelo liso e um pouco comprido, uma franja caía sobre um de seus olhos ao estilo pirata. Não posso dizer se era realmente bonito ou se minha percepção se devia à grande quantidade de hormônios que, sem que eu suspeitasse, conspiravam uma revolução dentro do meu corpo. Não era a primeira vez que eu gostava de um menino, mas a primeira vez que essa sensação estava acompanhada de semelhante produção de estrógeno. Mesmo que jogasse bem, o futebol não era o principal interesse de Oscar. Sei que gostava de ler e que, diferentemente de mim, preferia se aproximar de gente mais velha e não com os amigos de seu irmão caçula. Acho que era exatamente o contrário, me pareciam tão interessantes que estava convencida de que nunca poderia ser amiga deles. O que mais lembro de Oscar é a sensação de euforia que me produzia quando estava perto. Estou certa de que essa sensação foi recíproca – pelo menos durante um tempo – porque cada vez que jogava com a gente e fazia algum gol era a mim que abraçava para comemorar. Também houve uma tarde em que coincidimos no mesmo esconde-esconde, enquanto os demais procuravam se encontrar. Durante uns minutos escutei sua respiração intranquila junto à minha como se houvesse subido correndo todos os andares do prédio. Eu desejava que ocorresse algo mas não sabia exatamente o quê. E claro que nada aconteceu. Cheguei em casa e abri o I Ching de minha mãe em uma página qualquer, como ela fazia em seus tempos de obsessão máxima, para saber o que podia esperar daquela história. Nunca vou esquecer a frase que li esse dia porque descreve exatamente o que estava acontecendo: “Por dentro se move tudo, por fora nada se move. Não é conveniente atravessar a grande

água.” A época de glória de nossa relação deve ter durado umas três semanas nas quais conseguimos conversar e contar um ao outro de modo geral quem éramos. Nos víamos por acaso. Nunca me convidou para sair, nunca me pediu o telefone, mas nessa época eu nem sequer suspeitava que esses fossem os costumes. Uma tarde, peguei um marcador vermelho e escrevi seu nome em um cartão branco de alta gramatura, maravilhada pela intensidade daquela emoção desconhecida até então que, como uma substância embriagante, circulava por todas as partes do meu interior, preenchendo-me de uma espécie de felicidade dolorosa. Apesar do interesse evidente que me demonstrava, eu tinha me convencido de que jamais poderia gostar dele. Quando olho as fotos desse tempo, vejo uma menina magra e alta com um rosto bonito. Alguém bem atraente, e, mesmo assim, o que via no espelho naquela época era algo parecido com a lagarta que tinha encontrado a morte em meu sapato. Um ser viscoso e repugnante. Às vezes penso que ter-me iniciado na vida amorosa com tal carência de amor-próprio foi de péssimo augúrio e determinou minha maneira de me relacionar com o sexo oposto durante os anos seguintes. Depois de um tempo em que nos encontrávamos quase todo dia, Oscar deixou de aparecer com a mesma frequência. Não é que tivesse deixado de me ver de modo repentino, apenas que passava menos tempo comigo. Logo me dei conta de que tinha uma nova amiga, Marcela Fuentes, uma menina mais velha que ambos, um pouco gorda e de estatura bem mais baixa mas muito menos tímida que eu. Toda tarde, saía à janela de seu prédio situado na parte da frente, junto ao de Ximena, e assobiava unindo as mãos em forma de ocarina. O som que produzia era tão forte que alcançava um diâmetro muito amplo. Oscar respondia de sua própria janela e assim passaram um tempo, fazendo sinais. Confesso que pratiquei escondida aquele assobio até que aprendi a fazê-lo exatamente igual a eles. Inclusive algumas vezes cheguei a emití-lo da janela, oculta atrás das cortinas de meu quarto.

Minha rival era amiga de Paula, a irmã de Ximena. Tinham um grupo de adolescentes e se reuniam para cantar em um jardimzinho ensolarado que havia atrás do prédio. Também nesse grupo estava Florencia Pageiro, minha vizinha – cujo irmão estava no time –, e um par de meninos mais que eu

não conhecia. Todos já tinham passado ao ensino médio e, para aqueles que ainda não tinham entrado, se tratava de um grupo totalmente inacessível, exceto por Oscar. Eu os via como pessoas livres, com muito mais autonomia e mais soltura do que eu podia sonhar naquela época. As mulheres usavam jeans apertados que ressaltavam suas formas femininas ou saias largas de tecidos finíssimos, lenços da Índia e sandálias de couro. Segundo me explicou um dia o irmão de Florencia, o que ouviam em sua casa e repetiam em coro nesse jardim eram “canções de protesto”.

Uma tarde, enquanto voltava banhada em lama e suor de um jogo de futebol, encontrei com Marcela em frente ao prédio seis. Perguntou à queima-roupa se eu gostava de Oscar. Não me ocorreu a possibilidade de que ele estivesse escutando e tampouco que ela fosse contar-lhe minha resposta. Me parecia praticamente um abuso que uma menina mais velha e amiga sua me viesse com isso. No entorno varonil de dez anos em que eu me movia, que alguém gostasse de outro era um sinal de debilidade e patetismo. Me faltou esperteza para lhe responder que não era assunto seu e que seria melhor se meter onde fosse chamada. Em vez disso, respondi que Oscar me dava nojo. Em poucas palavras, chutei a bola com a canela e a presenteei na boa ao inimigo. O caso é que desde então passei a ver Oscar com ainda menos frequência.

Tinham se passado mais de seis meses desde minha incorporação ao time do prédio quando abriram uma liga no clube esportivo de nossa unidade. Como era de esperar, todos os meninos que à tarde jogavam na praça conosco quiseram entrar nesse lugar com campos de verdade e gols de metal, onde se usava uniforme e se organizavam campeonatos. A mim também parecia muito atraente tudo isso, o único problema é que não aceitavam meninas. Além disso, a matrícula custava três mil pesos e minha avó não ia me dar nunca essa quantidade para que eu continuasse a desobedecê-la. Minha única opção, no caso de conseguir ser aceita, era pegar dinheiro de sua carteira. Algo que até então não tinha feito jamais e que me assustava só de pensar. Entretanto estava disposta a tudo. No dia em que meu irmão se inscreveu, resolvi acompanhá-lo aos escritórios do clube e defender minha causa. Argumentei que havia meses que não fazia outra

coisa que não jogar futebol e que, apesar de meu gênero, no mundo nada me interessava mais que isso. Pedi que me fizessem uma prova para comprovar que sabia me defender tão bem quanto qualquer homem, falei de futebol nacional e do desempenho do México no Mundial Sub-20, mas apesar de tudo isso me mandaram embora, sem remédio. Essa tarde, meu irmão ficou treinando nos campos mais verdes e melhor podados que eu tinha visto em meus dez anos de vida. Do meu lado, escondi a cara entre as mãos e comecei a chorar, primeiro timidamente e em seguida cada vez com mais confiança até me soltar por completo em algo que parecia uma torrente inesgotável. Poucos minutos depois, senti uma palma em meu ombro. Uma palma quente e familiar que não reconheci até que me volvei e encarei de frente a minha avó.

– Olha como você está chorando – disse com expressão assombrada –, parece uma viúva. – Seu tom era de repreensão, como sempre, e entretanto desta vez se vislumbrava um traço de preocupação genuína. Não tive mais remédio senão contar-lhe meu problema.

Sua reação foi totalmente inesperada, ao menos para mim. Em vez de me reprimir que continuasse interessada neste jogo selvagem e para meninos, como havia feito toda tarde desde sua chegada em casa, escutou com interesse o relato de minha visita ao escritório do clube e, quando terminei, se ofereceu para me ajudar.

A solução que minha avó propôs foi escrever uma carta de reclamação solene ao diretor de nosso clube esportivo.

– Já vai ver como logo a aceitam – disse ela, convencida da estratégia. Ainda que sua ideia tenha me parecido totalmente descabelada, não me atrevi a contradizê-la. Estava decidida a fazer qualquer coisa para conseguir que me admittissem nessa liga, incluindo escutar os conselhos de minha avó. Além do mais era a primeira vez que ela se interessava por um assunto relacionado comigo e, fora isso, que se mostrava disposta a se colocar ao meu lado. Depois de me criticar durante tantos meses, de me chamar de machona e não sei o que mais, tinha acabado aceitando minha paixão futebolística. O feito em si já representava uma pequena vitória.

Como era de se esperar, os argumentos da carta que minha avó escreveu a essas insígnias pessoas, como minha tutora, não recorriam à igualdade de gêneros nem ao direito das meninas de jogar o que quiserem. Ao contrário, falava das dificuldades que representa para uma anciã ocupar-se sozinha de duas crianças com excesso de energia e do calvário que estava enfrentando. Dizia também que ela não podia se ocupar de mim durante o dia e que preferia mil vezes pagar para saber que sua neta se encontrava em uma instituição segura, dedicada ao esporte, e não na rua, jogando com desconhecidos. Minha avó levou pessoalmente a carta ao escritório que antes me havia rechaçado. No papel timbrado em que anotou seu endereço, como fazia em toda correspondência, vi que estava escrito “com cópia para João Avelanche [sic], diretor da FIFA”. Eu a havia acompanhado ao clube mas preferi esperá-la fora. Não queria enfrentar outra negativa.

A entrevista não durou mais de quinze minutos. O diretor acompanhou minha avó à porta com um sorriso nos lábios e me perguntou em qual dos diferentes times eu queria jogar. Expliquei a ele que meu irmão e os outros meninos do prédio tinham entrado no Vikings e que esse era o time onde eu queria jogar.

– Vai para o campo – me disse –, e pergunta pelo Jerónimo, o treinador, para que te avalie.

A avó não me tirava os olhos de cima. Tinha na cara uma expressão severa e era impossível decifrar seus pensamentos. Quando o diretor se foi, me deu um beijo em cada bochecha. Um beijo, doutora Sazlavski!, o primeiro em toda a sua passagem pela casa. A coisa mais inesperada que poderia acontecer nesse momento – ainda mais inesperada que meu ingresso na pequena liga – e que, durante vários segundos, me deixou com a mente em branco.

– Te espero no apartamento – me disse, ao se despedir. – É melhor agora você passar nessa avaliação.

O exame foi tranquilo. Sabendo que sempre tinha sido a minha posição, o treinador me colocou outra vez na defesa. Treinávamos às terças à tarde e jogávamos aos sábados das dez ao meio-dia. Eu punha todo o meu esforço e concentração nesses treinamentos e creio que meu desempenho não era

nada reprovável. Entretanto, nem todo mundo estava contente com minha presença ali. Os que estavam acostumados a me ver jogar na praça não se surpreenderam, mas no time havia integrantes novos que não moravam no nosso prédio e que duas vezes por semana andavam vários quilômetros para jogar conosco. A eles parecia não só arriscado ter uma mulher em sua equipe como também vergonhoso. Diziam que por minha culpa faríamos um papel ridículo. Qualquer um sabe que não é fácil jogar quando se carrega a hostilidade dos colegas. Ainda assim, acho que me defendi corretamente. Me mantiveram no banco nas três primeiras partidas e depois me permitiram entrar no segundo tempo, sempre e quando estávamos em vantagem. Pouco a pouco, fui ganhando lugar entre os jogadores. Quando por fim estava adquirindo certa legitimidade no time, surgiu um novo obstáculo, talvez previsível para muitos mas totalmente inesperado para mim: como se de repente tivesse ganhado vida própria, meu corpo começou a me sabotar. A primeira coisa que notei foi uma hipersensibilidade na área dos mamilos que aumentava com o roçar da camiseta e me impedia matar a bola no peito. Toda vez que recebia um chute nessa área, a dor me fazia cair no chão. Senti medo, se isso acontecesse no meio de um jogo oficial, de imediato começariam a chover as vaias, coisas como “Tetas, fora de campo!”, que já tinha escutado em outras ocasiões, sem nenhum outro motivo a não ser minha presença.

Uma sexta à noite tive um sonho em que chegava a esta descoberta: todos os meses que meu irmão e eu tínhamos passado com minha avó, papai tinha estado vivendo em nossa casa de campo com uma família diferente. Despertei com a certeza de que se encontrava lá e decidi comprovar isso. Que ia fazer, doutora Szlavski, se realmente conseguisse vê-lo depois de tudo o que tinha acontecido nos últimos tempos? Ia lhe pedir explicações ou lhe repreender que nos tivesse deixado à nossa própria sorte? Essa manhã levantei muito cedo e saí de casa sem que ninguém me visse. Levava comigo uma muda de roupa e mil pesos em moedas de cinquenta que tinha conseguido tirar de um cofre de minha avó. Era a primeira vez em minha vida que cruzava as portas da Vila Olímpica, o que pareceu muito mais simples do que tinha imaginado. Peguei um táxi na

entrada e lhe ordenei que me levasse à rodoviária de Taxqueña. Por sorte, o taxista não me pediu, como fazem todos, que lhe indicasse o caminho porque eu não tinha a mais remota ideia de como chegar lá. Apenas entrei, procurei o primeiro balcão que encontrei na minha frente e pedi um boleto para Amatlán, Morelos. Em nenhum momento a empregada do balcão me perguntou de meus pais. Me surpreendeu circular tão livremente pela rua e pelos corredores dessa estação, a meus olhos imensa, sem que ninguém se assombrasse de ver uma menina sozinha. Toda a minha vida tinha escutado histórias de como as crianças e os pré-adolescentes são sequestrados em nossa cidade assim que se distanciam cinco centímetros de seus familiares. Antes de subir no ônibus tive tempo de comprovar que não era a única. Outros púberes como eu se moviam por ali à sua sorte, sem a companhia de nenhum adulto. Alguns somente eram passageiros, outros inclusive trabalhavam vendendo chicletes ou carregando malas. Viajei em um dos primeiros assentos e ao chegar na estação me pus a perambular uns minutos pelo centro, até reconhecer uma rua que levava diretamente à minha casa. Tive que caminhar uma meia hora antes de chegar ao portão de madeira. Apesar do nervosismo que me provocava a ideia de encontrar meu pai, também me sentia exaltada pela aventura, e orgulhosa de mim mesma. Estava disposta a enfrentar o que fosse. Ambas as possibilidades, a ausência ou a presença de meu pai nesse lugar, não seriam para mim uma derrota. Foi com essa certeza que toquei a campainha. Me havia proposto, em caso de que ninguém abrisse, a pular o muro. Os dois metros de pedra não eram nenhum obstáculo para meus pés, acostumados a escalar árvores e qualquer tipo de rachadura. Também necessitava saber o que havia acontecido com a casa a que não havíamos voltado em tanto tempo. Alguém continuava pagando o jardineiro para que cuidasse dela? Assim, então, havia pensado em quase todas as possibilidades, exceto a que encontrei quando, afinal, a porta se abriu e me recebeu uma mulher vestida de enfermeira. Demorei um par de minutos até falar.

– Meu pai tem algum problema?

A enfermeira sorriu com atitude amável mas não respondeu à minha pergunta. Em vez disso, me perguntou meu nome e me convidou a entrar.

Tinha a impressão de algum equívoco, um desnível ou algo semelhante. A roupa era sua atitude evasiva.

– Não que eu saiba – respondeu. – Faz muito tempo que não vem aqui. Mas é melhor me acompanhar para ver sua irmã, a senhora Anita. Ela fala com ele de vez em quando. Vamos ao escritório.

Minha tia Anita era a irmã mais velha do meu pai. Fazia mais de três anos que não a via. Que estava fazendo nesse lugar?

Não entendi picas mas preferi não insistir nas explicações e me limitei a segui-la.

A enfermeira me conduziu ao quarto principal da casa, na parte de cima, que eu sempre tinha conhecido como a suíte. O que encontrei no caminho aumentou meu desconcerto: tanto o jardim como o terraço e os arredores da piscina estavam ocupados por velhos. Um par de enfermeiras os levavam em cadeiras de rodas. Não havia nenhum rastro de nossa cachorra. Seguramente a tinham trancado para que não atacasse os velhinhos. Continuei subindo escadas sem fazer perguntas. Quando cheguei, vi que o quarto estava efetivamente transformado em um escritório: estantes, arquivos e mesas com pastas tinham sido colocados no lugar da cama e do armário. Minha tia estava do outro lado do escritório. Ao me ver, se levantou de sua cadeira e correu para me abraçar.

– Amor – disse –, que está fazendo aqui? – Seu olhar era de preocupação e de tristeza. A mesma pergunta eu poderia fazer a ela. Entretanto preferia lhe fazer uma muito mais urgente: – Onde está meu papai?

Minha tia voltou a me abraçar e respondeu o que todos respondiam.

– Continua nos Estados Unidos. Ainda não sabemos quando vai voltar. Quem está aqui é sua avozinha. Quer vê-la? – O sangue se congelou nas minhas veias. Era possível que me tivesse seguido até a estação? Demorei alguns segundos para entender que se referia à minha avó paterna, a que não tinha tornado a ver fazia mais de um ano.

– Foi ideia de teu pai transformar a casa em lugar para a terceira idade. Assim cuidamos dela e, ao mesmo tempo, ganhamos um pouco de dinheiro.

Sua explicação soava sensata mas o resultado não era. Para mim, ao menos, parecia sem nexos ver tantos velhos de camisola e pijama pelos corredores e quartos. Em toda a construção se percebia um evidente odor de urina coberto apenas por um sutil aroma de desinfetante. O estado atual de nossa casa era a prova de que tudo tinha se alterado de forma irreversível. No muro da sala, descobri um letreiro que dizia: “Aprende a morrer e terá aprendido a viver.” A frase ficou na minha memória. Aproveitei que caminhávamos em silêncio para perguntar onde estava a Betty, nossa cachorra. Me explicaram que deviam tê-la levado à casa de Guillermo, o jardineiro, com a promessa de devolvê-la quando pedissem. Me alegrei pela cachorra, o cuidador era uma pessoa boa e carinhosa. Certamente viveria melhor com ele e sua família que nesse lugar onde todos esperavam a morte.

Anita me levou a um dos terraços distantes, um lugar que enquanto a casa tinha sido nossa, nunca tínhamos tomado conta. Ali era onde estava minha avó paterna, sentada em uma cadeira de rodas, com expressão ausente. Vários meses atrás, tinha escutado papai dizer que sua mãe padecia de uma enfermidade mental que a fazia regressar a diferentes épocas de sua vida sem que ela nem ninguém pudessem evitá-lo, mas essa era a primeira vez que eu via alguém com Alzheimer.

– Seu estado piorou muito – comentou minha tia, com voz grave. – Quase não pode falar. Mas sabe o quê?, tenho certeza que ficou alegre de te ver.

A expressão de minha avó não mostrava nem uma pitada de júbilo. Mas bem se notava a tendência da boca de se mexer de cima para baixo que herdamos todos os familiares, um sorriso ao contrário muito acentuado, o qual temos eu, meu irmão, meu pai, a própria tia Anita e que, anos depois, haveria de brilhar em meu filho desde a incubadora. Minha avó havia se convertido no ser mais vulnerável deste mundo, incapaz de decidir onde e como queria viver – como acontece com as crianças –, mas, ao mesmo tempo, contava com uma invejável capacidade para escapar para tempos melhores. A abracei um pouco como a tia havia feito comigo no escritório e, ao fazê-lo, reconheci o cheiro de sua pele. Fiquei com ela em silêncio

enquanto Anita se afastava uns metros para explicar não sei que coisas às enfermeiras. Quando voltou, me coloquei detrás da cadeira de rodas e beijei o cabelo cinzento de minha avó. Foi a última vez que estive com ela.

Minha tia perguntou se queria passar a noite ali. Também se ofereceu para me levar a Cuernavaca, onde ela morava, e passar com sua família o resto do fim de semana. Entretanto, preferi voltar à Cidade do México. Não queria que em casa se inteirassem do que havia feito. A avó se alarmaria e, o que era muito pior, redobraria a vigilância, limitando essa liberdade tão provisória que acabava de ganhar. Voltei ao apartamento como qualquer sábado à tarde. Quando meu irmão me perguntou por que não tinha ido ao campo, respondi que não me sentia com ânimo para ver ninguém. Não disse nada mais. Uma vez em casa, repassei as imagens do dia e, pela primeira vez em nove meses, me senti contente de estar ali.

Como era de se esperar, meus problemas familiares e de autoestima se refletiram também na escola, ainda que, para ser honesta, creio que a situação já estivesse mal desde antes. Durante quase três anos tinha passado as manhãs escrevendo contos com toda a tranquilidade, sem me dedicar a outra coisa. Quando minha mãe se foi, escrever deixou de me interessar, assim como tudo, menos o futebol. Toda a minha energia vital se tinha centrado nesse esporte, como um jeito efetivo de me esquecer de mim mesma e de minhas circunstâncias.

Tenho poucas lembranças de meus colegas deste ano. Alguns tinham estado comigo desde o começo dos tempos e mantinha com eles uma relação quase familiar. Na minha mesa se sentavam Kenya e Paulina. No ano anterior tínhamos ficado bem amigas e continuamos sendo agora que tudo era tão diferente. No que me diz respeito, a ausência dos meus pais e o conflito contínuo com a avó me tinham transformado em uma pessoa diferente. Não só mudei de roupa e de penteado, como também se modificou a expressão da minha cara. Em termos escolares mostrava um atraso considerável. Enquanto meus colegas sabiam dividir e começavam a ver as frações e as divisões, eu continuava tendo problemas com a multiplicação. Nos anos anteriores, haviam-se formado em minha mente lagunas de uma profundidade insondável, como as que aparecem no

programa de geografia de quinto ano, sobre o qual eu ignorava tudo. Meu caráter, preso nas mudanças típicas da puberdade, se tornou mais lúgubre, mais taciturno. Falava menos. Não contava quase nada da minha vida. Tampouco me motivava aprender. Agora, em vez de escrever, me dedicava exclusivamente à leitura. As *Histórias extraordinárias* de Poe e alguns contos de Kafka eram meus preferidos. Me identificava por completo com o personagem d'*A metamorfose*, a quem ocorreu algo semelhante a minha história. Eu também tinha me levantado uma manhã com uma vida diferente, um corpo diferente e sem saber muito bem no que tinha me convertido. Em nenhum lugar do relato se diz exatamente que inseto era Gregor Samsa, mas eu presumi muito rápido que se tratava de uma barata. Ele havia se convertido em uma enquanto eu o era por decreto materno, senão desde meu nascimento. Após a leitura desse livro, me pus a investigar no colégio sobre esta espécie e descobri seu extravagante pedigree, com o qual não muitas pessoas ao meu redor pareciam inteiradas. Assim como os reis da Espanha descendem dos Bourbon, as baratas descendem dos trilobitas, os mais antigos povoadores do planeta. Tinham sobrevivido a mudanças climáticas, às piores secas e também a explosões nucleares. Sua sobrevivência não implica que desconhecem o sofrimento, senão que tinham sabido superá-lo. Minha leitura d'*A metamorfose* foi mais confusa. Durante as primeiras páginas, não consegui saber se era uma desgraça ou uma bênção o que havia acontecido ao personagem que, como se fosse pouco, nunca demonstrava nenhum entusiasmo, tampouco dramaticidade. Como ele, eu também causava certa repulsa entre meus colegas. As crianças são muito perceptivas e distinguem claramente o cheiro de infelicidade que exsudava meu corpo. Por sorte, a professora que me tocou nessa época também era. Se deu conta de que algo não andava bem e começou a colocar em mim uma atenção particular. Não só compreendeu que necessitava cutucar-me para que recuperasse o nível de conhecimento, como também soube intuir que minha inquietude não era unicamente acadêmica, como também afetiva. Com muita suavidade, foi formulando perguntas para conhecer minha situação em casa. Contei-lhe tudo. Falei a ela dos insetos que me apareciam constantemente e do medo que tinha de perder a sensatez

ou o que me restava dela. Falei a ela também de *Cândida Erêndira*. Em nenhum momento reprovou que tivesse lido um livro inadequado para a idade que eu tinha. Pelo contrário, se expressou com elogios em relação a este relato e a seu autor, e me pediu que lhe contasse o que mais tinha gostado do personagem. Foi assim que cheguei a lhe falar de Ximena, do que tinha feito à vista de todos e de minha admiração pelas pessoas que encontram a maneira de escapar de seu destino.

– É melhor que queira matar sua avó e que não faça mal a si mesma – recomendou.

Iris, assim se chamava, se converteu em um grande apoio neste momento. No sistema Montessori, os alunos costumam trabalhar por sua conta e a professora apenas se aproxima deles para lhes mostrar o uso de algum material didático que ainda não conheçam. Graças à independência dos outros, Iris se apegou a mim como uma sombra benéfica, nunca estorvante, nunca moralista e desaprovadora. Parecia ter-se imposto como missão me ajudar a emergir e posso dizer que teve êxito. Em alguns meses, não só consegui que alcançasse o nível dos meus colegas como também ensinou o programa do ano seguinte em gramática, geografia, história e matemática. Se alguma vez desfrutei dessa matéria foi nessa época em que me afastava do mundo tirando raízes quadradas e cúbicas de quantidades incríveis com ponto decimal. Quando tinha superado o nível dos colegas, Iris mandou chamar minha avó para lhe fazer uma avaliação acadêmica. Ao sair desta junta, a velha estava deslumbrada. Não quis me contar exatamente o que lhe tinham dito mas intuí que foi algo muito bom porque, ao sair dali, me outorgou o segundo beijo durante sua estada na casa.

Pouco tempo depois, minha avó nos anunciou a mim e a meu irmão que faríamos uma viagem com ela para visitar nossos tios na fronteira dos Estados Unidos, em Juárez, cidade que hoje padece de uma terrível reputação. Além de minha mãe, minha avó havia parido cinco filhos, um homem e quatro mulheres, divididos em diferentes estados da República. Os de Juárez, como costumávamos chamá-los, eram da família da minha tia Victoria. Uma mulher generosa, de caráter amável, que desde sempre nos tinha demonstrado afeto e benevolência. Mesmo que não me agradasse a

ideia de sair do México e deixar durante duas semanas a companhia da minha professora, tinha muito boas recordações dessa família que havia visitado muitas vezes com meus pais, compartilhando com eles de longas férias. Além do mais, minha tia era parecida com Iris em muitos aspectos: carinhosa, capaz de compreender a psicologia das crianças, de colocar-se em seu lugar e de tranquilizá-los. Enquanto a maioria dos adultos somente via em minha pessoa uma menina hostil, insolente e agressiva, ela entendeu, desde o começo, que meu comportamento respondia à enorme fragilidade e ao medo que me asfixiavam naquele momento. Dedicou muitas horas de seu tempo a falar comigo. Suas palavras tinham o efeito de uns dedos delicados e habilidosos que entravam secretamente na minha cabeça para desativar uma bomba-relógio. Um pai presente, jovial e autoritário; uma mãe devota da casa e da família, com estudos de psicologia, afeita ao trabalho humanitário e às obras de caridade; quatro filhos alegres e bonitos que brincavam conosco; uma casa com jardim em um quarteirão seguro, onde se podia patinar eternamente e andar de bicicleta: os de Juárez eram exatamente o que nós não éramos. Talvez por isso nos atraíam tanto. Conviver com eles, morar em sua casa, adotar seus costumes, pertencer por uns dias à sua vida de família funcional era como ganhar uma viagem à *Ilha da Fantasia*, aquele programa de TV em que os participantes realizavam um sonho na época e na dimensão que mais lhes agradasse, mas somente por alguns dias. Além do mais, a quinze minutos de carro estava a fronteira e esse país que também – ao menos desde a infância – parecia um mundo maravilhoso, com seus parques temáticos, seus centros comerciais, suas casas de revista, suas lojas de brinquedos de três andares, seus cinemas limpos, seu permanente cheiro de novo. A viagem, que em princípio devia durar duas semanas, se prolongou por mais de um mês. Durante esse tempo meus tios nos acolheram como a dois de seus filhos e nos incorporaram à sua vida cotidiana. Como a nossa, a escola de meus primos era uma Montessori e por isso podíamos acompanhá-los de manhã.

Mesmo que a cidade não fosse tão violenta como hoje, já se falava de alguns sequestros e tráfico de drogas. Nós, claro, interpretávamos isso como podíamos, através de frases soltas que se escutavam por aí, no meio das

conversas adultas, nos noticiários do rádio e da TV locais. Uma tarde, no quintal da minha tia, apareceram várias notas penduradas no varal. Eram dólares americanos, pouco mais de trinta, em notas pequenas. Ondulavam como bandeiras ao vento sobre os fios de metal. Atrás, o céu desértico de Juárez. Ninguém pôde dizer de onde tinham saído nem se se tratava de alguma mensagem cifrada. Meu tio era cirurgião e pelo seu consultório passava todo tipo de gente. Finalmente, meu primo Jorge, o menor, de uns cinco anos de idade e a quem tínhamos tratado de manter à margem de todo o assunto, esclareceu o mistério: os dólares eram dele. Tinha escutado falar em diversas ocasiões da lavagem de dinheiro e pensou que já era tempo de limpar suas próprias economias. Assim foi que, à hora da sesta, enquanto todos sucumbíamos ao calor soporífico de Juárez, foi à lavanderia e mergulhou uma a uma suas notas em uma vasilha com sabão, antes de colocá-las para secar. Voltamos de Juárez mais fortes e renovados. A influência da avó se havia diluído na família amorosa e de atitude muito mais relaxada que a sua.

Minha mãe regressou este verão. Não tivemos muito tempo de assimilar a notícia. Lembro que sua presença me pareceu surpreendente, sem saber quando tinha deixado de acreditar em sua volta. As duas tínhamos mudado nesses dez meses. Estava mais solta, mais desenvolta, como se o tempo passado sem seus filhos a tivesse suavizado notavelmente, enquanto que comigo tinha se passado o contrário. Não só era a expressão tensa da minha cara, também meu corpo tinha acusado várias transformações: agora tinha esses peitos incipientes que minha mãe entreolhava, de vez em quando, sem dizer nada. Não gostava que eu me encurvasse para ocultá-los, mas agora já não se atrevia a pronunciar-se a respeito. Teria sua longa ausência acabado com sua legitimidade para me criticar? Ou, pelo contrário, pensava eu ingenuamente, talvez os franceses a tornaram mais tolerante? Como sabê-lo? Tampouco emitii um só comentário quando minha avó expôs sua larga litania de queixas contra mim. Era impossível saber de que lado estava. Talvez se negasse a tomar partido de uma das duas, coisa que tanto minha avó quanto eu consideramos uma traição de sua parte.

Durante esse primeiro ano na França, enquanto morava na cidade universitária de Gazelles, mamãe havia encontrado um galã a que de vez em quando se referia como “meu namorado africano”. Falava dele como quem menciona um primo distante com probabilidades de aparecer em casa, mas sem nenhuma certeza. Sabíamos que se chamava Sunil e, ainda que tivesse nascido e vivido quase sempre nas ilhas Maurício, sua família e sua cultura eram da Índia. Também nos avisou que era muito jovem e que tinha doze anos a menos que ela. Para dizê-lo de outra maneira, se encontrava exatamente à metade entre sua idade e a minha. Mesmo que mamãe nunca o tivesse dito, meu irmão e eu não descartávamos a possibilidade de que se instalasse conosco quando chegamos.

Também papai apareceu de repente, mas só uma tarde. Trouxe consigo uma bolsa de brinquedos gringos e, depois de nos ensinar como brincar com eles, nos levou a um parque. Ali nos explicou sua estada nos Estados Unidos: não podia ficar no México porque estava fugindo da polícia. Tampouco podia aparecer no apartamento nem ficar muito conosco. O telefone de casa estava interditado há vários meses. Viajava incógnito, usando só seu primeiro nome e seu segundo sobrenome. Não sabia quanto tempo demoraria essa situação até se solucionar e tampouco se se solucionaria. Apesar do que se poderia pensar, toda essa informação não me pareceu alarmante ou angustiante. Pelo contrário, dissipava parte da incerteza na que eu e meu irmão estávamos vivendo. Mesmo que ainda houvesse muitos mistérios por entender, a verdade entrava afinal pelas janelas de casa, como uma luz cálida e benéfica, dissolvendo com seu reflexo tímido a umidade e a sujeira da dúvida.

1. *Matatena*: brinquedo de plástico semelhante a um asterisco, que se monta um ao outro. No Brasil, *resorte* é a “mola maluca”. (N. do T.) 2. Ambos sotaques espanhóis, o portenho é originário da Andaluzia, e o santiaguino da Galícia. (N. do T.)

III

Em outubro de 1984, minha mãe, meu irmão e eu fomos morar no sul da França. Passamos quase cinco anos em Aix-en-Provence, uma cidade com ruínas romanas que conheceu seu apogeu no século XV, durante a corte do rei René. Aix está cheia de vestígios daquele esplendor remoto. A cidade é conhecida como uma das mais burguesas e esnobes deste país. Entretanto, a poucos quilômetros do centro, existe também um dos bairros considerados de alta delinquência e foi ali onde achamos uma casa.

Ainda que não lembre nada da despedida nem do voo, tenho muito presente a tarde em que chegamos a Aix. Após aterrissar no aeroporto de Marselha, pegamos um ônibus que nos levou à nossa nova cidade. Essa noite dormimos em um quarto de hotel na parte mais antiga, localizada no centro. Tinha onze anos recém-cumpridos e era a primeira vez que ia para a Europa. Tudo ao meu redor parecia inusualmente velho, deteriorado e diferente. As janelas altíssimas do nosso quarto, o aquecedor de ferro, o banheiro dividido, a descarga na privada (uma cadeia autêntica de elos, não uma maçaneta ou botão para pressionar junto ao tanque de água), os móveis, as almofadas (uma muito comprida em forma de salsichão e outras quadradas), tudo, em poucas palavras, me parecia surpreendente. Perguntei à minha mãe se nossa escola também ia ser assim, mas ela não compreendeu ao que me referia.

– Assim estranha – insisti.

Já que tinha estado em nosso futuro colégio para nos matricular e visitar as instalações, podia ter dado uma resposta mais extensa. Entretanto, enquanto eu me dedicava a registrar qualquer dado novo, qualquer informação adiantada sobre esse país desconhecido, a pobre soçobrava em um oceano de coisas por resolver (algumas bem imediatas como o jantar desta mesma noite). Mesmo que já tivéssemos escola ainda não contávamos com uma casa. Até o momento minha mãe tinha vivido na Cidade Universitária e devia solicitar um apartamento para estudantes casados.

Estávamos no meio de outubro e começava a esfriar. Ao menos isso parecia naquela tarde. Mamãe nos deixou no quarto uns minutos e desceu para conseguir algo para comer. Jantamos o que encontrou no único mercado que estava aberto àquela hora: um iogurte natural embalado em vidro e alguns sanduíches do presunto mais gorduroso e delicioso que tinha provado em minha vida. Suponho que também trouxe pão mas não lembro, por outro lado não me esqueço do sabor curioso do *croissant* que comi na manhã seguinte.

Não foi fácil convencer à secretária do CROUS que nos outorgasse uma das casas que eram dadas aos casais recentes, mas à minha mãe nunca faltaram argumentos. Através da porta entreaberta do escritório, escutei-a discutir com aquela mulher durante quinze minutos até persuadi-la de que dois filhos contam ao menos tanto quanto um marido. De modo que saímos dali com as chaves de nosso novo lugar na mão e um endereço aonde fomos imediatamente para deixar todas as nossas malas. O que não nos explicou a secretária é que o prédio ia feder a inseticida nem que a zona onde haveríamos de viver era a de maior delinquência em toda a cidade.

Nosso bairro se chamava Les Hippocampes e era considerado a parte mais conflituosa da ZAC (zona de urbanização concentrada), construída na periferia da cidade. Era um bairro novo que reunia um conjunto de edifícios ao redor de um estacionamento onde, toda semana, seus habitantes queimavam carros roubados durante as noites. Nosso apartamento era luminoso, tinha uma boa vista e, até se poderia dizer, também certo encanto. A maioria dos vizinhos era de origem magrebe mas também havia franceses, africanos negros, portugueses, asiáticos e ciganos assentados. Por mais que perguntássemos, não conseguimos encontrar nenhum latino. Conservo algumas imagens duras daquela época, como a tarde em que me encontrei com uma jovem esposa gravemente golpeada, nas escadas que davam para o segundo andar, onde quase sempre se distinguia um forte odor de cominho que emanava dos apartamentos. Ver uma mulher assim, machucada, em um lugar que sempre tinha considerado um refúgio, um lugar íntimo por excelência, me horrorizou por completo e não pude senão me perguntar que segredos teria ela para que alguém desejasse reprimi-la

dessa forma. Não é preciso dizer que, desde então, me foi impossível fazer dessas escadarias o esconderijo perfeito para explorar meu corpo.

Apesar do que se possa pensar, a zona de urbanização a que pertencia nosso bairro não era nada feia. Estava, ao contrário, cheia de jardins e espaços verdes, áreas de lazer para as crianças, contava inclusive com um centro de investigação arquitetônica, criado por Victor Vasarely, conhecido como o papa da Op Art, onde se guarda parte importante de sua obra. Muitas vezes, enquanto passeava com minha família pelo bairro, as pessoas nos olhavam com desconfiança pelo nosso aspecto excessivamente ocidental (o cabelo tão louro de meu irmão e os olhos claros da minha mãe os desorientavam), mas, quando escutavam que nosso idioma era outro e, sobretudo quando comentávamos que éramos do México, nos abriam automaticamente as portas de sua simpatia.

O colégio em que nos haviam matriculado não ficava no mesmo lugar, mas um pouco mais perto do centro. Tratava-se da escola pública mais progressista de toda Aix e seus arredores. Seguidora do método Freinet, gozava de muito prestígio e de um bom nível acadêmico. Se chamava La Maréchale e para chegar a ela de nossa casa bastava subir no ônibus no coreto que havia em frente ao prédio e descer na porta da escola. As aulas tinham começado várias semanas antes de nossa chegada e isso tinha um grande inconveniente: as duplas de amigas que se formam no começo do ano já estavam constituídas. Por decisão do professor, me sentaram ao lado de uma bonita menina de cabelo castanho. Se chamava Julie. Seu pai era espanhol e supuseram que por isso haveríamos de nos entender. Em dois minutos já sabia que Julie conhecia no máximo dez palavras da língua paterna, que certamente não era o castelhano mas sim o catalão, e também que não íamos criar muita intimidade. Mais que a nacionalidade, eu atribuo isso às ideias tão diferentes que cada uma tinha de si mesma: ela era uma princesa de fábula e eu era Gregor Samsa. Certamente, doutora, num outro dia, enquanto caminhava pelas imediações de uma escola, vi uma mãe que tratava seu filho com atitudes de sargento. A criança, de uns três anos de idade, parecia humilhada pelos gritos daquela mulher descontrolada. Para se defender, abaixava a cabeça e levantava os ombros como quem está a ponto

de enfrentar a queda de um teto. Senti uma pena profunda: parecia efetivamente com o corpo e a atitude de uma barata.

A melhor amiga de Julie – com quem havia tido de rivalizar pelo interesse de minha companheira de banco – se chamava Céline Bottier e também era, digamos, muito convencional. Em seus onze anos e meio, seu cabelo comprido e escuro estava salpicado de fios grisalhos e seu rosto parecia o de uma mulher mais velha, dotada de um caráter muito sério. Entretanto, diferente de mim, Céline tinha um conceito muito alto de si mesma e tratava Julie com admirável condescendência. No salão havia outras duas estrangeiras, uma belga e uma neozelandesa. Mesmo que a belga fosse de origem flamenga, a neozelandesa e eu éramos as únicas que não falávamos o idioma.

Semanas antes de sair do México, tanto minha avó quanto minha mãe nos haviam advertido que cuidássemos de nossos modos no refeitório da escola, já que as crianças francesas eram muito tradicionais e educadas. De modo que quando entramos pela primeira vez na famosa *cantine*, meu irmão e eu nos sentimos tão nervosos como se à nossa frente se houvesse reunido um júri capaz de nos expulsar não só de La Maréchale como também da sociedade francesa. Para nossa sorte e felicidade, nem minha mãe nem minha avó estavam bem informadas. Quando chegou a bandeja com os frios que serviram como aperitivo nesse primeiro dia de aula, os meninos se jogaram com suas mãos sujas sobre os sanduíches e assim, sem cortá-los ou colocá-los sobre um pedaço de pão, foram metendo os frios na boca como se, em vez de saciar a fome, lhes interessasse armazená-los no estômago na maior quantidade possível. Frente a um espetáculo desses, não pude sentir senão um profundo alívio: os franceses não eram esses monstros limpinhos e ascéticos que nos haviam pintado, e sim pessoas comuns e normais, até um pouco primitivas.

Não tenho nenhuma dúvida de que minha mãe procurou nessa cidade a instituição mais parecida com a nossa escola no México. Ao menos, a porcentagem de seres atípicos era igual ou ainda mais alta. Entretanto, como disse antes, tudo me parecia estranho ali. De um lado estava o intrinsecamente francês e de outro o sistema Freinet com seus bemóis: os

franceses escreviam em letra cursiva muito redonda, usavam canetas com cartuchos descartáveis, cuja tinta era possível apagar usando canetões transparentes de cheiro nauseabundo. Punham vírgulas em vez do ponto decimal e representavam as operações matemáticas com singulares diferenças gráficas. Demorei semanas até entender que as contas que meus colegas faziam debaixo de uma “casinha”, semelhante à de raiz quadrada, eram na realidade simples divisões de dois dígitos. No México os cadernos são claros: os quadriculados servem para a matemática e os pautados para as línguas e as ciências sociais. A separação entre as linhas desses últimos mede exatamente um centímetro e não é possível trocá-la como lhe der na telha. Nos cadernos franceses, ao contrário, todas as páginas têm quadros e linhas de dois tamanhos diferentes e, para pessoas indecisas como eu, saber onde se deve escrever representava um dilema. À diferença do sistema Montessori, no Freinet quase não havia material ludodidático. Na realidade, se limitava a fichas e cartões com perguntas sobre diferentes temas. Outra diferença radical: ali o horário escolar se estendia até as cinco da tarde. Cada aluno trabalhava em seu ritmo mas com limitações: todas as segundas deviam estabelecer um “contrato” que especificasse o trabalho que teriam de realizar durante a semana e a tarefa do professor era verificar que o cumprissem cabalmente. Também às segundas celebravam reuniões chamadas “*Quoi de neuf?*” [“Que há de novo?”], em que as crianças podiam contar algo que desejassem comunicar ao resto da classe. Como eu não falava francês, costumava passar em branco nessas tertúlias.

Na escola havia três pátios aonde íamos durante o recreio. Estava na esplanada principal onde toda manhã formávamos filas para entrar em nossa sala e outras menores, situadas ao largo desta. Mesmo que não estivesse escrito em nenhum lugar, os alunos tinham decidido que no pátio mais comprido e profundo, um terreno inclinado e de terra, se jogavam exclusivamente as bolinhas de gude e no outro, quadrado e com vestígios de grama, aconteciam as partidas de futebol. Também ali se achava meio estranho que uma menina participasse disso. Nunca tinha brincado com as bolinhas de gude e me inclinei primeiro pelo esporte da minha infância, mas bem cedo parei de fazê-lo pelas mesmas razões que me haviam feito

abandoná-lo no México. Assim foi que, pouco a pouco, fui me aproximando das bolinhas de gude, atividade totalmente desconhecida para mim, que eram regidas por Dimitri, um menino do Leste Europeu com atitudes ostensivas para dirigir um cassino. Foi ele mesmo quem me presenteou minha primeira bola de gude junto com uma explicação sumária sobre as regras, acompanhada de muitos sinais, que me permitiu acertar o tiro e ganhar outras cinco esferas de vidro com as quais segui jogando o resto da semana. Lembro do ambiente movimentado daquele lugar. O ir e vir nervoso dos jogadores, o estalido do vidro e seu girar sobre a terra. Mesmo que tenha esquecido do valor que atribuía a cada uma delas, também lembro o nome das diferentes famílias de bolas de gude: *oeil de chat*, *arca-n-ciel*, *plomb*, *neige*.^[3] Essas palavras constituem também as primeiras que aprendi em francês. Para surpresa do meu irmão, e de qualquer um que me conheça, não fui tão má nesse negócio (não consigo chamá-lo de outra forma) em que a vista e a precisão têm um papel tão importante. Talvez a ajuda de Dimitri tenha me trazido sorte. O caso é que, alguns dias, consegui uma quantidade considerável de bolinhas de diferentes tamanhos e valores. Para minha nova coleção, fiz uma bolsa de lã que acabou se sujando toda de terra.

Outra característica desconcertante da escolaridade francesa nos surpreendeu na metade da primeira semana depois da nossa chegada. Era meio-dia de quarta-feira e as crianças, em vez de se dirigirem ao refeitório, se precipitaram até a porta da escola com o mesmo entusiasmo que mostravam todo dia às cinco da tarde. Meu irmão e eu nos encontramos nessa bagunça como quem se vê arrastado por uma passeata. Perguntamos a uma professora que entendia algumas palavras do nosso idioma se havia acontecido algo extraordinário e ela nos respondeu cabalmente, em um espanhol que parecia castiço: “Às quartas-feiras as aulas terminam ao meio-dia. Vossa mãe deve sabê-lo.” Segundo ela, iam nos recolher, como a todos, fora da escola. Mas mamãe nunca chegou. Pouco a pouco, a rua foi se esvaziando e nós nos resignamos à ideia de esperá-la cinco horas, sentados em frente aos portões da escola. Uma das mães que chegaram no fim nos perguntou se tudo estava em ordem. Ao ver que não falávamos francês,

tornou a nos perguntar em castelhano. Contamos o que tinha acontecido e ela nos levou para comer em sua casa.

Chamava-se Lisa e seu filho Benjamín cursava a mesma série que meu irmão. Viviam em uma parte muito bonita da cidade, cheia de casas isoladas, pequenas mas com muito encanto. Todos os móveis eram exóticos e estavam ao rés do chão, como nas ilustrações d'*As mil e uma noites*. Nos contou que tinha sido casada com um marroquino, o pai de seu filho, mas que as coisas não tinham funcionado bem entre eles. Agora morava de novo na França e se sentia muito mais feliz. Enquanto falava, tocou a campainha várias vezes e, pela porta entreaberta de sua casa, vimos chegar duas ou três pessoas que pareciam ser seus amigos.

– Nesta casa as quartas-feiras são coletivas. Faço o cuscuz como em Casablanca e as pessoas que quiserem podem chegar para nos acompanhar.

Nos sentamos para comer no chão, sobre uns colchonetes dispostos ao redor de uma mesa muito baixa. Se na *cantine* tinha visto usar os talheres como lanças, ali nem sequer estavam presentes. Me sentia agradecida por aquele convite que nos havia evitado passar horas em frente à escola. Quando acabamos de comer, Lisa serviu chá de menta para todos e nos emprestou seu telefone para avisar a minha mãe onde estávamos.

– Se não puder vir, não tem problema. Vocês podem ficar aqui até a hora que for.

Mas mamãe chegou quase imediatamente e assim acabou ela também participando da cerimônia de chá com os demais convidados. Simpatizou desde o começo com nossa anfitriã e trocaram telefones.

Desde essa tarde, ao sair de sua casa, minha mãe começou a chamar Lisa de *baba cool*, expressão coloquial usada na França para se referir com simpatia aos hippies. Nessa época havia muitos em Aix e é provável que sigam vivendo lá agora pois a cidade se presta para isso. Lisa nos abriu as portas daquele universo. Conhecia muito bem os pais da escola e com alguns deles mantinha boas relações. Conforme a fomos conhecendo, descobrimos que no fundo era uma mulher muito intransigente. Não suportava ninguém que pudesse mostrar indícios de burguesia. Sua atitude, mais que *cool*, podia até mesmo atingir o fundamentalismo. Cada vez que o

azar a levava à casa de uma família endinheirada e conservadora cometia atos de terrorismo de classe, como peidar sonoramente na mesa de Ano-Novo ou abaixar a calcinha para urinar na piscina. Conosco, ao contrário, se comportava como uma dama. Continuamos frequentando sua casa durante toda nossa estada em Aix e também depois. Às vezes, me convidada para sair, como se fosse sua amiga, e tomávamos café antes de entrar em algum cinema de arte. Com ela descobri Pedro Almodóvar, cujo filme *Que fiz eu para merecer isto?* lembro perfeitamente apesar de nunca ter voltado a vê-lo.

Embora o namorado da minha mãe não vivesse conosco, muitas vezes ficava para dormir. Quando o conheci soube que não tínhamos nada a ver um com o outro, nem sequer um interesse comum sobre o qual fincar uma relação diplomática. Se com meu irmão a estratégia de Sunil consistia em falar de futebol ou de carros de corrida, comigo a estratégia era fingir que eu não estava presente. Talvez nossa pouca diferença de idade o desconcertasse ou ele tivesse medo de que um laço afetivo entre nós pudesse parecer ambíguo para minha mãe. Talvez minha presença lhe parecesse insossa e irrelevante. Ninguém poderá responder. Sua influência em minha vida foi sobretudo musical e culinária. Quando ficava em casa, o ar se enchia de odores fortes como o de feno-grego ou de açafão-da-terra. Costumava pôr Pink Floyd a todo volume, Bob Marley e também um grupo chamado Barcklay James Harvey [sic] que poucas vezes voltei a escutar em outro lugar. Costumava cozinhar com curry caseiro e leite de coco. Foram as suas receitas que minha mãe me ensinou a fazer toda vez que, na repartição das tarefas domésticas, cabia a mim preparar a refeição. Sunil se dizia comunista. Tinha o cabelo comprido e muito negro, um nariz proeminente e uns olhos em forma de amêndoa. Era alto, muito magro e de pele escura. Jogava futebol na universidade e em casa se largava em rituais incompreensíveis como observar o sol e fazer sinais com as mãos, enquanto respirava por um só orifício do nariz.

– Está fazendo ioga – comentava minha mãe toda vez que o observávamos intrigados, procurando uma explicação para suas atitudes repentinas.

A família de Sunil, uma das mais ricas da ilha de onde vinha, não estava nem remotamente de acordo com sua relação com minha mãe, cujo principal defeito não era ser divorciada e mais velha, mas o de ter sido educada em uma sociedade sem castas. Contudo, ela o acompanhou a Maurício um par de vezes.

Entre o ponto de ônibus e o colégio, havia uma loja de doces e papelaria (no México as lojas de doces costumam também ser tabacarias ou farmácias). Estou convencida de que a mercadoria que alguém associa às guloseimas infantis está diretamente relacionada a seus interesses adultos. Eu, por exemplo, gosto muito das penas e dos cadernos com papel de alta gramatura, que conheço quase tanto quanto os remédios e os desodorantes. Devo dizer que durante o primeiro ano os doces franceses me pareciam um pouco sem graça. Nenhum era picante, tinha cores fluorescentes ou aspecto radioativo e isso diminuiu em boa medida minha paixão por eles. Seus nomes acentuavam a diferença com os de meu país. Em vez de Pulparindo ou Burbuzest, lá se chamavam como as frutas e os animais: *oursons*, *mini-bananes*, *fraises tagada*, se é que não se distinguiam simplesmente pela substância genérica de que eram feitos. Em poucas palavras, careciam de mistério e, sobretudo, do caráter escatológico que enchia de nojo a expressão dos adultos e que aumentava sua atração. Com o passar do tempo, fui começando a gostar dessas guloseimas bem-comportadas e sem ambiguidades. Entre os meus favoritos estava o Malabar, um chiclete que incluía a possibilidade de fazer uma tatuagem com a saliva apenas lambendo-se sua embalagem e apertando-a no braço, e também um caramelo comprido chamado Carambar, cujo sabor era semelhante ao dos chicletes de leite, mas de melhor qualidade.

Nossa origem mexicana parecia despertar a curiosidade das crianças dessa escola. Quando havia oportunidade, nos perguntavam se em nosso país se seguia usando penachos, se vivíamos em pirâmides ou se já nos acostumamos a usar automóveis. Eu contava de tudo para impressioná-los. Dizia a eles, por exemplo, que havia poucos automóveis e que muitas vezes era necessário usar um elefante para chegar à escola.

Passou o tempo e a menina belga voltou ao seu país. Ficou vaga então a amizade da neozelandesa e a aproveitei. Se chamava Nathalie O'Callaghan. Tínhamos várias coisas em comum. Além de ser estrangeira, era alta e sem graça como eu, e seu irmão Michael, da mesma idade que o meu, era como Lucas, um craque do futebol infantil. Moravam em um bairro muito semelhante ao nosso. Seus pais também estavam separados embora eles soubessem seu paradeiro exato. À diferença de todos os outros, nem Nathalie nem sua mãe tinham medo de ir à nossa casa e tampouco que passeássemos pelos arredores, entre os potenciais delinquentes. Lembro que uma tarde, enquanto caminhávamos rumo ao meu prédio, encontramos uma menina de aparência agressiva. Tudo nela – sua roupa de saco de algodão, suas pulseiras de contas, seus coturnos, sua expressão irada – parecia desenhado para dar medo. Ao vê-la, não nos ocorreu coisa melhor que começar a perturbá-la. A atividade pareceu muito divertida até que chegou sua irmã. Pela primeira vez fui golpeada por pessoas da minha idade e recebi isso de maneira muito diferente dos safanões que ocasionalmente minha mãe me dava. Rachida e Besma, as crianças da Zac, nos deram uma merecida surra, e, ainda assim, em vez de viver isso como uma humilhação, me pareceu que o episódio tinha algo de épico e até excitante. Sem soltar uma lágrima, Nathalie e eu caminhamos com a cara vermelha e a respiração acelerada até minha casa. Por sorte, não havia ninguém essa tarde. Assim ficamos tomando chocomilk com muita nostalgia e falando dos costumes inerentes a quem vive em um país colonizado pelos gringos, onde havia Kentucky, McDonald's, Disneylândia por perto, coisas que nos uniam e nas quais éramos incompreendidas pelas crianças francesas e também pelos que vinham de outro tipo de colônia. Fizemos isso de forma instintiva, sem suspeitar jamais que quase duas décadas depois nossa luta com o mundo muçulmano, que acabava de nos derrotar de tal jeito, se veria reproduzida em escala internacional.

Terminei o ensino fundamental em La Maréchale e no ano seguinte minha mãe me matriculou no ensino médio do bairro, uma escola conhecida pelo nome de Collège du Jas de Bouffan. *Jas* é um termo provençal para designar um cercado. Anos antes, aquele lugar tinha sido uma residência de

verão comprada pelo pai do pintor Paul Cézanne e que este recebeu depois por herança. Nessa escola, os professores já não eram progressistas e liberais, muito pelo contrário. Tratavam de impor a todo custo uma disciplina férrea para mitigar o ambiente insubmisso e violento que reinava entre os estudantes. Eu tinha então doze anos. Não tinha acabado de assimilar a metamorfose a que meu corpo havia sido submetido. Minha roupa era antiquada e meu corte de cabelo mais parecido com o de Spike Lee que com o de Madonna (o modelo de beleza seguido pelas meninas da minha classe). Usava uns óculos enormes cor-de-rosa, falava francês com sotaque latino e tinha um nome impronunciável, vagamente similar ao de uma ilha francesa perdida no Caribe. O efeito corretivo do curativo tinha dado resultados sobretudo ao que se refere ao estrabismo. Graças a ele, durante quase dez anos meus olhos estiveram alinhados. Entretanto, quando deixei de colocá-lo, o olho foi se acostumando às delícias da preguiça e, cada vez mais atrofiado, se aproximava do nariz com uma languidez exasperadora. Obrigá-lo ao movimento iria requerer que eu tapasse o olho trabalhador e, portanto, que me infligisse a mim mesma aquilo que tinha tanto detestado e sofrido durante a primeira infância. Devia então escolher entre a disciplina do suplício em prol de uma normalidade física – que de toda forma jamais seria absoluta – ou a resignação. Pelo contrário, meu olho esquerdo se empenhava em captar a maior visão possível sem a ajuda de ninguém. Esta atividade frenética lhe produzia um movimento de tremor, conhecido medicamente com o nome de nistagmo, que as pessoas interpretavam como insegurança ou nervosismo. Nem os nerds chegavam perto de mim. Outra vez tinha voltado a ser uma *outsider* – se é que alguma vez tinha deixado de sê-lo.

Nessa nova escola havia garotos provenientes de vários países, a maioria situados no continente africano. Lembro de Kathy, por exemplo, uma garota de pele muito escura, sorriso devastador e seios grandes, originária da ilha de Reunião; havia igualmente uma grande quantidade de marroquinos, alguns asiáticos e também hindus. A melhor aluna da classe, cujo nome esqueci, era do Rajastão. Tinha, em seu boletim escolar, notas altíssimas, inclusive vários 20/20 que, no sistema francês, são quase

impossíveis de se obter. Uma tarde em que lhe haviam outorgado uma dessas qualificações para gênio em um exame de física particularmente difícil, perguntei-lhe se sabia a que ia se dedicar quando crescesse. Me respondeu sem titubear: – Faz tempo que pensei nisso. Vou ser assistente de pedicure, como a minha tia.

Tratava-se de uma menina sem malícia, discreta e silenciosa, que passava as horas livres estudando e, ainda assim, achei muito difícil me convencer de que não estava tirando sarro da minha cara com sua resposta. Depois me explicou que sua tia era a única mulher com trabalho na família e que, à diferença de todos os demais empregos, dedicar-se à beleza de outras mulheres não era malvisto em seu clã. Vários meses depois, em um programa escolar que consistia em escolher um ofício para concluir suas práticas profissionais, esta menina – que por seu histórico acadêmico poderia ser aceita pela Nasa ou na Aerospace se quisesse – escolheu o trabalho de estética tal e qual me havia anunciado. Essas práticas não correspondiam unicamente a uma vontade informativa. Para muitos dos meninos que estudavam ali era aconselhado interromper seus estudos para formar-se em um ofício. Suponho que aos professores lhes aterrorizasse a possibilidade de não concluírem nenhuma formação e se entregarem por completo às atividades criminosas que alguns deles já praticavam. Havia portanto muita frustração no ambiente daquele colégio, a mesma que, ao menor descuido, se transformava em violência verbal e física. O refeitório da escola era o lugar privilegiado para as afinidades pessoais, raciais ou de idade que pudessem haver entre nós – ao redor de umas mesas compridíssimas que ninguém parecia estar vigiando e que quase sempre terminavam sob a influência de algum menino de comportamento mafioso. Minha mesa, por exemplo, permaneceu todo o ano sob a autoridade de Cello, um jovem italiano de olhos azul-celestes cujo sobrenome pronunciávamos “Sheló” e que se divertia atormentando os mais jovens e menos espertos. Constantemente pegava minha sobremesa ou os pedaços de queijo que me correspondiam. Também costumava jogar migalhas em nossos copos d’água. Entretanto, a brincadeira mais pesada que me fez este aprendiz de vândalo não teve lugar no refeitório mas sim no pátio de recreio

e suas consequências foram mais devastadoras. Falarei dele um pouco mais à frente. Para sobreviver em um ambiente como aquele, tive de adaptar meu vocabulário ao *argot* – mescla de árabe com francês do sul – que se falava ao meu redor e meus modos aos que imperavam na *cantine*. Aos doze anos, o tempo passa ainda muito lentamente. Mesmo que eu viesse de uma família instruída e bem acomodada, o fato de conviver vários anos com imigrantes pobres, sendo eu mesma um imigrante pobre, de cultura e língua diferentes dos locais, fez com que acabasse me identificando com essa nova condição e também com o ambiente.

Todo ano os trailers dos ciganos se instalavam durante vários meses atrás do meu novo colégio. Uma tarde meu irmão teve que voltar andando para casa por culpa de uma falha no transporte – na França essas coisas ocorrem com certa frequência – e encontrou com um par de garotos rons. Segundo a descrição que fez ao voltar, deviam ter por volta de doze anos, enquanto ele acabava de fazer nove. Também nos contou que, ao vê-lo, se colocaram um na frente e outro atrás para intimidá-lo. Em seguida, lhe pediram que tirasse o relógio e o casaco que levava e os desse a eles. Meu irmão então apelou à solidariedade entre estrangeiros: disse que não era francês e que tinha chegado do México com sua mãe e sua irmã em busca de uma vida melhor, como faziam eles.

– E seu pai? – perguntou um dos meninos.

– Teve que ficar no México – respondeu –, não tínhamos dinheiro para trazê-lo.

O mais incrível da história não é que tenham acreditado nisso mas que também devolveram suas coisas de maneira amigável e com um aperto de mãos. Existem regras de ética entre os marginais.

No colégio, havia também um grupo de alunos franceses que se destacava dentre toda aquela “fauna étnica”, como nos chamava o diretor da escola. Tratava-se de umas vinte crianças que viviam nas zonas rurais nos confins de Aix, a maioria em bairros residenciais e que pertenciam claramente a outra classe econômica. Os meninos de Ventabren, Éguilles e outros lugares parecidos vinham em ônibus de luxo para a escola, usavam roupas de marca e, o mais importante, só se relacionavam entre eles.

Embora tivéssemos mais de um ano de França, o México seguia sendo onipresente em nossas vidas. À diferença de muitas famílias emigradas, continuamos falando espanhol em casa, a não ser quando estava o namorado da minha mãe, e às vezes inclusive em sua presença. Não é que pensássemos o tempo todo na vida que tínhamos deixado para trás ou que comparássemos o DF com Aix, coisas que muito raramente fazíamos, mas sim que, de vez em quando, nosso país atingia grandes demonstrações de protagonismo na cena internacional. Uma tarde, por exemplo, ao voltar da escola, encontramos minha mãe postada em frente à TV com uma expressão de estupor com que poucas vezes a vi. O noticiário mostrava imagens da capital mexicana convertida em um monte de escombros. Edifícios inteiros tinham vindo abaixo. Segundo o apresentador, várias fábricas, alguns hotéis de luxo e um dos hospitais mais importantes do país haviam sido derrubados também. As ambulâncias públicas e a Cruz Vermelha não conseguiam auxiliar a enorme quantidade de pessoas que continuavam vivas debaixo das construções. Pensei no meu pai primeiro, então em minha avó e, pela primeira vez em um ano e meio, não senti uma migalha de ressentimento; pensei em meus tios e nos amigos que tinha deixado na escola. Lembrei também de Iris, minha querida professora, e a imaginei tratando de fugir do prédio, acompanhada de um séquito de crianças. Em repetidas ocasiões tentamos ligar para a família para saber se continuavam com vida mas foi inútil, os telefones estavam desligados. Não havia jeito de falar com ninguém que se encontrasse ali dentro, a cidade inteira estava incomunicável. Compreendi o esforço desmesurado que minha mãe fazia para se manter calma e não fiz nada a não ser me assustar ainda mais. Não podia evitar imaginar todos os meus conhecidos sepultados sob os restos da nossa capital. O passado podia ter-se extinto por completo em pouco mais de dois minutos de oscilação terrestre. E ao mesmo tempo havia algo irreal em tudo isso: em nossa sala, o sol entrava pelos janelões como em toda tarde de outono, a fonte seguia ligada, enchendo o espaço com seu som bucólico, e nas janelas se escutavam os risos de crianças felizes e despreocupadas. Meu irmão escolheu esquecer o assunto e se pôs a brincar no corredor com sua bola de esponja. Enquanto isso, mamãe girava

mais uma vez o disco do telefone: o consulado oferecia um serviço de informações telefônicas e, embora não fosse possível saber a sorte que havia tido cada parente, poderia nos dizer de modo geral quais tinham sido as ruas afetadas e quais não. Quando afinal responderam, a pergunta de minha mãe me deixou totalmente perplexa: – Pode-me informar, senhorita – disse com angustiada urgência –, se houve algum morto no Reclusório Norte?

Só depois perguntou pelas ruas onde vivia sua família.

Quando tirou a orelha do telefone, seu rosto havia ficado mais leve algumas toneladas.

– Podem ficar tranquilos – comentou –, seu pai continua vivo.

Embora nunca tivesse escutado falar do Reclusório Norte, não precisei pensar muito para me dar conta de que só podia se tratar de uma prisão: vinte e oito meses de silêncio e ignorância se iluminaram com uma só frase. Foi assim que o terremoto levou também meus últimos vestígios de ingenuidade e inocência. Passei vários dias digerindo a notícia que não me pareceu nem devastadora nem indignante como esperada, mas que alterou drasticamente a representação do mundo que eu havia feito até aquele momento. Foi como se minha mente tivesse levado um tempo para apagar meu pai do mapa de San Diego para regressá-lo por terra até a capital mexicana onde o haviam julgado e finalmente detido. Durante esses dias de ajuste falei muito pouco. Quando o fiz, foi para perguntar à mamãe algum detalhe que me interessava compreender. Não me importava tanto o que papai tinha feito ou deixado de fazer mas sim sua saúde e seu estado de ânimo e, acima de tudo, queria saber a data de sua saída, que todos supúnhamos iminente.

Umás semanas depois, recebi, pela primeira vez em dois anos, uma grande carta do meu pai. Teria sido encantador conservá-la para reproduzir aqui algumas dessas linhas. Mais que dar explicações ou dissipar nossa possível inquietude, era óbvio que essa carta tinha sido escrita em um momento de grande desespero e catarse. Nos falava que fazia frio e que a umidade em seu quarto era insuportável. Nos dizia também que fazia mais de uma semana que não podia mover um pé, que um dos dedos tinha ficado

inchado, e então enegrecido, por conta de uma trombose; que o médico tinha visto e lhe tinha dado remédios mas ainda continuava sem sentir os efeitos. Nos dizia também que nós, seus filhos, éramos a melhor coisa de sua vida. Lembrava da gente juntos toda manhã e essa lembrança amorosa o ajudava a seguir vivo, sem perder a esperança. Quando chegou a carta, um mês e meio depois da data estampada pelo correio, era provável que tivesse sarado (seja por conta dos remédios seja pela amputação cirúrgica do dedo negro) e entretanto a carta era como um grito de socorro suspenso no tempo que assim chegava aos nossos ouvidos. Se eu fosse maior de idade e contasse com meus próprios recursos, não duvido que teria pulado no primeiro voo para o México para vê-lo, mas nessa idade e nas minhas circunstâncias a única coisa que me restou fazer foi responder à carta e esperar outro mês e meio para considerar que a havia recebido. Assim comecei uma correspondência dilatada com meu pai, muito benéfica para os dois, cujas provas físicas estão perdidas em algum lugar do oceano, mas já esquecidas.

O segundo grande ato de protagonismo mexicano, menos lúgubre, claro, mas também muito intenso, ocorreu no ano seguinte durante o Mundial de 1986, que meu irmão e Sunil seguiram sem tirar os olhos da mesma televisão onde meses antes tínhamos visto as imagens de nossa cidade devastada. Mesmo que nós vivêssemos em um lugar diferente, tudo parecia girar ao redor desse país onde ocorreram os desastres. Lembro perfeitamente de Pique, a mascote do mundial, porque meu irmão e eu ganhamos esse apelido durante os últimos meses de escola, e de Mar Castro, a “Chiquitibum”, que as crianças mencionavam no refeitório me perguntando se a conhecia pessoalmente; lembro também da final e do polêmico gol de Maradona pelo qual em casa torcemos, pois o México tinha perdido e Sunil detestava o time da Alemanha. Entretanto, contrariamente ao que se podia esperar de mim, não acompanhei o Mundial com a paixão desmedida que sem dúvida teria demonstrado um ano antes. Tinham-se passado tantas coisas nos tempos mais recentes que já não restava muito espaço em meu ânimo para mais emoções fortes.

3. Olho de gato, arco-íris, chumbo, neve. Preservou-se a grafia incorreta de *arc-en-ciel*, como no original. (N. do T.)

IV

As primeiras férias que passamos no México estivemos o tempo todo no casarão de minha avó. Várias mudanças haviam tido lugar durante todo esse tempo. Muito além dos escombros do tremor, visíveis em todas as partes, tampouco na escala familiar haviam terminado as demolições. Uma dessas mudanças, pequenas mas eloquentes, notamos logo ao chegar do aeroporto. No caminho, a avó vinha repetindo que havia uma surpresa no terraço de sua casa. Quando estacionaram o carro, meu irmão e eu subimos ao terceiro andar para ver de que se tratava. Ali encontramos a Betty, que tinha desaparecido dois anos antes nas ruas de Amatlán. Quando nos viu, se pôs a latir de alegria e se jogou amorosamente sobre nós. A avó comentou que, pela primeira vez em vários meses, se mostrava tão contente. Em seguida me disse com um tom entre misterioso e divertido: – Dizem que os cães se parecem com seus donos e esta saiu idêntica a você.

Ficamos naquele lugar quase todas as férias, desde meados de junho até o fim de agosto. Minha mãe voltou à França quase imediatamente para começar a redação de sua tese. Apesar da nossa difícil convivência anos atrás, permanecer na casa da avó não me pareceu tão horrível como poderia se pensar. Desta vez, ambas sabíamos que ia ser por um tempo relativamente curto e isso nos relaxava. Além do mais, em um par de semanas, meus primos viriam visitá-la por quinze dias e a casa estaria alegre, cheia de crianças de idades diferentes. Como sempre fazia quando chegavam parentes, a avó começou a mover seus pertences de quarto em quarto até acomodá-los. As bolsas e os sapatos dos anos quarenta circularam de novo pelos corredores e pelo hall, em um movimento impossível de decifrar e muito menos de prognosticar. Entretanto, dessa vez a onda continha um elemento novo e inquietante: entre os recortes de jornal, os chapéus e a roupa que assomavam de todas as caixas, pude reconhecer meus próprios brinquedos. Parecia que já estavam incorporadas a essa bagunça todas aquelas coisas que decidimos não levar à França. Minha

infância fazia já parte daquele passado movediço e ao mesmo tempo presente como ninguém nesta casa, como uma substância arenosa disposta a engolir isso tudo ao menor descuido. Mas o evento mais memorável que teve lugar durante essas férias foi nosso esperado reencontro com meu pai. Agora, que afinal tinha sido revelado seu paradeiro, era possível visitá-lo.

Papai estava preso no Reclusório Preventivo Norte, conhecido também como RENO, uma prisão para pessoas que ainda não haviam sido julgadas em definitivo. Enquanto esperava sua sentença, tinha direito a usar roupa em tons bege, uma cor vaga e indefinida, a meio caminho entre o marrom escatológico e o branco inocente. No cárcere dos condenados – soubemos depois – se usava o azul-marinho, uma cor que não permite ambiguidades. Minha avó, que já havia ido antes vê-lo, foi nosso Virgílio por aquela instituição, um lugar que não era exatamente um inferno mas um purgatório e também uma espécie de cassino onde a sorte pode favorecer você de repente ou deixá-lo na pior das bancarrotas. Muitos dos presos influentes, os mafiosos e os narcotraficantes, viveram ali durante essa década, em celas acondicionadas a seu extravagante e luxuoso nível de vida. A maneira que minha avó escolheu para nos levar até aquele lugar não foi o asséptico automóvel, tampouco o táxi em que costumava se mover, escolheu – e creio que com uma certa razão – nos levar pelo caminho que a maioria das pessoas que vão ali usam: o transporte público, que nessa época era particularmente velho, sujo e disfuncional. Empreendemos pois uma espécie de procissão trabalhosa que cruzava toda a cidade pelos rumos que inspiraram Luis Buñuel em *La corte de los milagros*, bairros onde as pessoas vivem em construções frágeis de madeira ou papelão e esquentam as mãos sobre fogareiros fumegantes. Já sobre a penitenciária, se podia ver um amontoado de barracas de comida, relógios, bolsas, ursinhos, lingerie, videocassetes ou decorações para a casa, semelhantes aos que rodeiam algumas estações de metrô. Aquele passeio pareceu ser uma transição adequada e também uma anestesia. Graças a isso, ao chegar às portas do presídio não sentimos espanto e tampouco uma surpresa desconcertante.

A penitenciária era de cor cinza e de forma bem quadrada ou retangular, o que em arquitetura se costuma chamar de estrutura tipo pente. Nela se

havam distribuído originalmente dez pavilhões estruturados em paralelo, além dos pavilhões de Ingresso e outro de Observação e Classificação por onde devia passar inevitavelmente todo novo interno antes que lhe indicassem um pavilhão definitivo. Para chegar ao lugar onde estavam os presos, tivemos de entrar em várias filas e esperar nossa vez. Ao começar cada uma dessas esperas, nos pediam para anotar em uma lista nosso nome e o nome do nosso familiar, debaixo da coluna “Réu”, como em um estranho ritual de iniciação ou integração. Também perguntavam a relação ou parentesco e foi assim que escrevemos, umas cinco vezes, a palavra “pai” nessa lista onde estavam nomes dos supostos criminosos da nossa capital. A sensação que eu tinha nesse momento é que se tratava de um erro monumental, uma injustiça arbitrária do destino à que devíamos fazer frente como havia ocorrido antes com o divórcio, a morte de Ximena ou a partida de minha mãe para a França. Não sei o que você acha, doutora Sazlavski, mas, para mim, o supostamente maravilhoso que tem a infância, segundo muita gente, são esses enganos a que a memória nos leva. Por mais diferenças que existam entre uma vida e outra, estou convencida, doutora Sazlavski, de que nenhuma infância pode ser de todo prazerosa. As crianças vivem em um mundo onde a grande maioria de suas circunstâncias lhes são impostas. Outros decidem por eles: as pessoas com quem tratar, o lugar onde viver, a escola onde estudar, inclusive o que devem comer todo dia. O fato de que meu pai estivesse preso era parte da mesma coisa. De nada servia chorar ou estar em desacordo.

As pessoas que faziam fila na chuva e depois na sala de espera pertenciam, quase todas, ao gênero feminino. Eram mães, irmãs, esposas e até sogras e ex-sogras – como no caso de minha avó – as que iam visitar os detentos. Muitas levavam cestas com alimentos grelhados ainda quentes, tortilhas, provisões para a semana, e por isso demorávamos tanto para circular: deviam se certificar de que ninguém levasse armas ou substâncias tóxicas. Tinha acontecido muitas vezes. Meu pai nos contou que uma senhora costumava colocar maconha nas fraldas de seu filho, para que o marido vivesse desse comércio. Nós, até onde lembro, não levávamos nem comida nem maconha. Tínhamos nos vestido, isso sim, com maior

formalidade que de costume. Meu irmão, que nessa época rondava os oito anos, levava um agasalho azul-marinho e eu uma saia com meias brancas, um ponche algo ridículo, ou pelo menos deslocado, que só fazia sublinhar nossa inadequação àquele lugar. Não éramos os únicos louros que estavam ali. Outras pessoas de classe média e alta esperavam também naquela antessala e reluziam como ratos brancos em uma jaula de esquilos. Mas tampouco havia cumplicidade entre nós, ao contrário, todos assumiam a atitude de quem se encontra ali por engano. Nem sequer no interior de cada classe social mexicana existe uma sensação de integração ou de clube. “Solidariedade” era uma palavra quase desconhecida nessa época que pouco tempo depois haveria de desprestigiar um presidente. Mesmo que não levássemos nem cesta nem sacola de mercado, tivemos de suportar várias inspeções em nossa roupa e na bolsa de minha avó. Nos fizeram tirar os sapatos e revistaram até nossas meias. Mãos toscas da zeladora passaram pela superfície de todo o meu corpo para constatar que não estava introduzindo nada ilegal. Depois daquele preâmbulo, afinal acessamos o espaço para internos onde pudemos nos reunir com meu pai em um enorme refeitório. Os que viviam ali costumavam chamar o presídio de “Reino Aventura”, em alusão ao Reino da Aventura, um parque de diversões construído poucos anos antes ao sul da cidade, muito perto de onde moravam as irmãs Rinaldi.

São assombrosos os deslizes da memória. Sei, por exemplo, que devo ter sentido muita pena de meu pai ao vê-lo em uma dessas mesas, com os olhos cheios de lágrimas pela emoção de encontrar-se conosco e ao mesmo tempo lembro que me quis fazer acreditar que esse lugar austero e limpo não era tão mau, e tampouco insuportável estar aí dentro, como se editando as imagens remotas se pudesse conseguir mitigar a dor já passada. O que me dói ao lembrar não são as circunstâncias, que por sorte já não são essas, e sim o único reconhecimento do que antes sentimos, e isso nada, nem sequer uma amnésia ou o melhor dos analgésicos, pode mudar. A dor permanece na nossa consciência como uma borbulha de ar cujo interior está intacto, esperando que se lhe invoque ou, no melhor dos casos, se lhe permita sair. Depois de alguns minutos de reconhecimento alegre e

emocionado (parecia que tínhamos crescido e mudado muito desde a última vez), meu pai começou a fazer piadas sobre sua condição e o lugar em que nos encontrávamos. Nos contou os apelidos de alguns prisioneiros e as histórias mais surpreendentes e extravagantes que esses lhe haviam dito. Seu cheiro tinha mudado mas se mostrava são e bem alimentado. Minha avó foi muito insistente a esse respeito. Mantinha o incrível senso de humor que sempre o caracterizou e que costuma aflorar nos momentos mais patéticos de nossa história familiar, como os velórios, as esperas pré-operatórias ou a agonia de nossos entes queridos. Alguém que não o conhecesse demoraria talvez a compreender: não se trata em absoluto de uma atitude frívola mas sim de uma capacidade assombrosa de se distanciar do momento presente e rir dele. Embora tenha falado da corrupção dos guardas e da dificuldade em conseguir boa companhia ali dentro, reservou as piores histórias para outro momento. Só muitos anos mais tarde iria nos contar as histórias de maltrato e extorsão que ocorriam ali e que tinha presenciado.

Meu irmão, que não tinha aberto a boca durante toda nossa estada ali, soltou por fim a pergunta que parecia atormentá-lo: – Papai – perguntou –, onde estão os assassinos?

Então meu pai nos explicou que o pavilhão 5 era dos narcotraficantes e o 3 dos homicidas. Nesse lugar se admitia tacitamente que nem todos os homicídios podem ser julgados da mesma maneira, que alguns são involuntários ou imprudentes, outros em autodefesa e portanto necessários, outros correspondem finalmente a crimes passionais. Por outro lado, os que recebiam toda reprovação e ignomínia eram os estupradores. Sempre que chega alguém acusado de tal coisa ao presídio deve passar por um largo corredor espontâneo de presos que lhe aplicam golpes na cabeça e no rosto. Papai nos contou também que lhe tinham destinado o pavilhão 4, “o mais tranquilo de todos”, destinado aos delinquentes de colarinho-branco.

Nessa época, haviam detido dois dos maiores chefes da droga no México nos anos oitenta, conhecidos como Ernesto Fonseca, Don Neto e Rafael Caro Quintero, com toda uma corte de colaboradores, de modo que o pavilhão 9 foi deixado inteiramente à sua disposição e foi preciso realocar

os presos restantes em edifícios anexos. Várias vezes por semana, se organizavam festas para eles, em que a batucada rolava até altas horas da madrugada.

A lembrança que tenho dessa visita, uma vez que estivemos juntos, é bem alegre e afetuosa. O reencontro de que tanto estávamos precisando. A comida na prisão não era tão ruim quanto costuma-se pensar.

Um trio tocava em uma das esquinas mais distantes daquele pátio, ambientando o lugar com suas canções românticas, sem que chegasse a incomodar. Às seis da tarde, anunciaram que era hora de se despedir. Nos dissemos adeus desejando em voz alta que nosso encontro seguinte fosse em outro lugar. Outra vez tivemos de entrar em filas longas e passar apertados na massa. A avó decidiu que voltaríamos de táxi e assim a volta foi muito mais curta.

Que tinha feito meu pai? De que delito era acusado exatamente? Isso era algo que – ainda que estivesse longe de me ocupar disso – eu nem queria saber. Poderia tê-lo perguntado à minha mãe, ou à minha avó, as quais teriam me respondido sem nenhum problema, mas preferi não fazê-lo. Seguramente cada uma teria me dado sua própria versão dos fatos e seu próprio juízo moral (minha avó, do século XIX, e minha mãe, dos anos setenta). Tive a oportunidade, durante a visita ao presídio, de pedir a ele mesmo seu ponto de vista e escutar de seus lábios sua própria história e entretanto também preferi me abster. Queria demonstrar ao mundo que, como o seu, meu amor por ele era incondicional e que a falta que o achacava, assim como o fato de ser inocente ou culpado, estava totalmente fora de minhas preocupações. Tratava-se portanto de uma espécie de pacto tácito comigo mesma e tenho a sensação de que meu irmão adotou uma atitude semelhante. Sabia muito bem quem era meu pai. Sabia que era uma pessoa amorosa e responsável que tinha demonstrado sempre muita atenção e cuidado por sua família, incluindo sua ex-mulher. Sabia que era um homem generoso e de bons sentimentos, capaz de se comover com uma criança ou uma velhinha em condições de indigência até esvaziar seus bolsos; alguém que não trapaceava nos jogos, nem sequer para se divertir, e que cumpria quase sempre sua palavra. Entretanto, a distância, me

pergunto, doutora Sazlavski, se nesse posicionamento meu não se escondia também um grande medo de descobrir algo de que não gostasse, algo terrível e horroroso. Depois soube que o delito que lhe era atribuído era o do peculato. Uma palavra que eu nunca tinha escutado antes e que segue tendo para mim a sonoridade de uma enfermidade venérea mais que de uma falta de civilidade e que não significa outra coisa senão desvio de fundos. Nos anos posteriores à sua saída, tive a chance de falar com ele a respeito. Afirma, e creio nisso de pés juntos, que, se tivesse ficado com o dinheiro que o imputavam, teria podido pagar facilmente sua libertação dessa sociedade corrupta da que todos fazemos parte. A verdade é que meu pai saiu dali sem um centavo ou colchão onde passar a noite. Parte de sua sentença consistiu em destituí-lo da totalidade de suas propriedades e bens. Pudemos, por sorte, salvar um apartamento e a casa de campo que, após a separação, tinham colocado no nome da minha mãe e que constituem hoje em dia uma porcentagem importante do patrimônio familiar.

Betty, nossa cachorra, não era feliz no DF. Sua história me lembrava a de Heidi, aquela menina da estepe que, depois de ter crescido no campo, perseguindo texugos em toda liberdade e correndo feliz, se vê obrigada a viver sozinha na cidade de Frankfurt. Apesar da alegria que demonstrou quando voltou a nos ver, estava magra e em seu rosto canino se via uma expressão de ressentimento. Embora subíssemos para visitá-la toda manhã, isso não era suficiente para lhe dar ânimo. O normal teria sido levá-la para passear duas vezes por dia como a qualquer cachorro que se respeite, mas não deixavam que saíssemos sozinhos. Minha avó argumentava que fazer descer um pastor-alemão pelas escadas de metal que davam no terraço da casa, e logo pelas de serviço para acessar a rua, era não só uma complicação como também um tormento para a própria cadela. É verdade que a Betty tinha um corpo muito grande, mas também tinha vontades. Muitas vezes, durante a noite se escutava seu uivo de tristeza e aborrecimento lá dessa superfície de cimento onde a única coisa que via era o jardim dos vizinhos e o fluxo constante de um cruzamento viário. Segundo nos contaram, era necessário amarrá-la porque em várias ocasiões já tinha tentado fugir saltando de telhado em telhado por toda a quadra, até encontrar uma escada

de serviço, atitude bastante compreensível e em que, segundo minha avó, radicava nossa maior semelhança.

Pouco tempo depois de ter escutado essa história (e depois de minha primeira visita ao cárcere), subi ao terraço da casa e desamarrei a correia. A Betty não deixou de aproveitar a chance. Fugiu imediatamente e ficou sumida mais de uma semana. Sete dias de arrependimento em que não confessei minha responsabilidade a ninguém. Uma manhã finalmente a encontramos sentada em frente a casa. Estava esperando que a deixássemos entrar. O veterinário veio vê-la para inspecionar se não havia pegado sarna nem nada parecido durante seus dias de fuga, mas a única coisa que a cachorra contraiu foi uma incontestável gravidez.

Voltamos a Aix depois daquele verão. Ali o calor seguia no apogeu, a um ponto que parecia impossível cobrir-se com o lençol à noite. Entrei na 5ª série, que no México corresponde ao segundo ano do secundário, no mesmo colégio. Este ano, ao chegar o formulário de matrícula, minha mãe nos advertiu que a pergunta sobre a atividade profissional de nosso pai seria respondida com a palavra “psicanalista”. “Prisioneiro”, para começar, não era um trabalho. Além do mais, podia despertar todo tipo de suspeitas infundadas sobre sua pessoa. Que íamos fazer, por exemplo, se nos designassem uma assistente social – “uma dessas bruxas”, como as chamava minha mãe – para que nos avaliassem psicologicamente? Tinha que pensar em tudo. Embora nunca o tenha afirmado abertamente, acho que mamãe temia, e com toda a razão, que não passássemos naquele exame.

No segundo ano do secundário eu seguia sendo uma criança retraída, nos limites do antissocial, mas desta vez em minha sala apareceu um indivíduo que se me assemelhava em temperamento e interesses e com quem, estranhamente, simpatizei de imediato. Se chamava Blaise. Era louro e de estatura mais baixa. Até esse ano, e desde tempos quase imemoriais, os homens costumavam ser mais baixos do que nós. Por outro lado, a partir do ano seguinte, a maioria acusava uma mudança notável: os lábios superiores começavam a cobrir-se de um pelo escuro, a voz, pintada com modulações estranhas e incontroláveis, se estabilizava e os membros, assim como as costas, adquiriam em muitos casos uma grande corpulência. Por essa razão,

muitas das meninas da minha idade se colocavam durante o recreio em pontos estratégicos do pátio para que conseguissem ver os jogos de rúgbi ou de handebol quando os competidores eram os rapazes da 3ª ou da 4ª. As que mais algazarra faziam em relação à testosterona eram a reunionesa Kathy e sua amiga Mireille, natural de Pontoise, cuja pele leitosa e coberta de tal quantidade de acne a fazia assemelhar-se a um desses queijos demasiados maduros e com protuberâncias. Seus olhos azuis constituíam o único elemento realmente humano naquele rosto de superfície movediça. Ambas admiravam fervorosamente o gênero masculino de quase qualquer geração, incluídos os professores e os pais das demais alunas. Entre seus livros, costumavam intercalar revistas românticas especializadas em garotas de sua idade que publicavam conselhos sobre como utilizar corretamente a maquiagem e os acessórios para a roupa. Minha relação com elas era boa, embora não demasiado próxima. Às vezes, quando a aula ficava extremamente chata, ou me notavam nervosa por algum exercício deixado no quadro-negro na aula de álgebra, faziam chegar de mão em mão uma dessas publicações até a minha mesa. Lembro em particular de um artigo notável que discorria sobre o modo correto de praticar um beijo de língua, que em francês costumávamos chamar de “rodar uma palmilha ou pá”. O autor aconselhava praticar um tempo só com a metade espremida de uma laranja para adquirir a destreza e a sensibilidade necessária nos lábios. Entretanto, na hora da verdade, não se devia esquecer de deixar a língua o suficientemente longe como para encontrar a do outro, mas não tanto que o incomodasse. Nesse momento começava a atividade giratória que, no beijo francês, parece constituir o miolo do assunto. Então era importante encontrar a sincronia para girar com a língua do outro, à mesma velocidade, primeiro até um lado e logo ao contrário. Lembro que ao terminar o artigo levantei a cabeça e olhei para o conjunto da classe, que fingia estar absorta no cálculo. Olhei meus colegas tratando de averiguar quantos deles, e sobretudo quem, teriam passado já por um transe semelhante. Devo dizer que se tivesse feito uma pesquisa, a maioria teria mentido sobre sua situação: a essa idade parecia vergonhoso confessar-se carente de experiência. As palavras *pucelle* ou *puceau*, que se referem a um púbere

ainda virgem, constituíam o pior insulto que alguém poderia receber nesse colégio. Se podia ser *pucelle* de cima ou de baixo, o que indicava se a menina havia sido beijada ou se tinha ido para a cama com um rapaz. A maioria das meninas – com exceção das mais ousadas – preferia inscrever-se somente na segunda categoria, quase nunca na primeira e jamais nas duas, a menos que sua família fosse extremamente religiosa, como era o caso das indianas e uma ou outra muçulmana. Apesar de seu rosto deformado, tinha certeza de que Mireille tinha beijado já uns quantos. Notava-se uma certa segurança que tinha ao falar com os meninos mais velhos, da que carecíamos todas as outras, como se os conhecesse de trás para a frente. Kathy, por sua vez, era uma das meninas mais sensuais de toda a escola e se cochichava que tinha saído vários meses com um aluno da 4ª, mas de outro colégio. Também havia Ahmed, um rapaz argelino que tinha sido reprovado dois anos antes de cair no nosso grupo e que perseguia minhas contemporâneas com atitude de palmípede em um galinheiro. Fora esses três sabidos, parecia difícil adivinhar se alguém mais teria tido algum encontro significativo com o sexo oposto. Só a ideia era algo que me parecia atraente e repugnante em partes iguais. Morreria para estar nos braços de um desses galãs da 4ª e deixar-me beijar como quem devora uma laranja em pleno sol, mas o assunto da língua e da saliva, da fragilidade e a exposição que supunha aquele momento chegavam ao insuportável.

Blaise não era, nem muito menos, um desses rapazes de físico musculoso. Não gostava disso e estava claro que, por mim, ele sentia algo semelhante. Suponho que isso facilitou nossa relação tão próxima. Há quem assegure que não existe a amizade genuína entre homens e mulheres. Gostaria de saber sua opinião sobre isso, doutora, pois se trata de uma ideia com a qual estou em completo desacordo. Ao longo de minha vida, cheguei a estabelecer uma cumplicidade muito grande com alguns homens, quase tão grande como a que tenho agora com minhas melhores amigas. A presença de Blaise esse ano implicou para mim a saída do solipsismo. Em outubro já nos sentávamos juntos em quase todas as disciplinas. Também nos procurávamos durante as horas mortas que havia entre a merenda e a primeira hora de aula. Por outro lado, nos recreios ficava sozinha,

caminhando de um lado para o outro do pátio, enquanto cumprimentava meus conhecidos sem me sentir o suficientemente bem em algum grupo para permanecer ali mais de cinco minutos. Lembro que numa dessas manhãs sem sossego Cello, o menino mais velho com quem dividia a mesa no refeitório da escola, se aproximou abruptamente, transbordando simpatia. Depois de puxar papo sobre qualquer assunto durante um par de minutos, me disse que tinha algo para confessar: segundo dava a entender, Sebastien, seu melhor amigo, queria me conhecer e tinha pedido a ele que nos apresentasse. A campainha do recreio interrompeu o que estava dizendo.

– Enfim, um desses dias apresento vocês – sugeri antes de ir embora.

Meu desconcerto foi tal que, quando as filas começaram a se formar junto à porta do prédio, eu continuei no mesmo lugar, no meio do pátio. Tive de fazer um esforço para reunir os pedaços fragmentados de minha consciência e conseguir voltar à sala. Já tinha visto várias vezes o amigo de Cello e o localizava perfeitamente. Era, do meu ponto de vista, um dos meninos mais atraentes do colégio, e, por isso mesmo, a suposta confissão me parecia inverossímil. Como esse rapaz que podia escolher entre as diversas rainhas africanas ou louras da escola ia se fixar em uma das intocáveis que o espiavam sub-repticiamente pelo pátio da escola? Era para não dar crédito, assim resolvi pedir conselhos. Mireille e Kathy se olharam assombradas. Também elas consideravam muito bem o candidato.

– Não tem lógica – disse eu, tratando de ser realista.

– Mas o amor não tem – responde Mireille, com um tom decididamente esperançoso. – Mesmo que você não saiba – continuou com sua boca de queijo –, é uma garota muito bonita.

– Talvez lhe interesse o México – opinou, um pouco menos entusiasta, a reunionesa.

Jamais havia me ocorrido pensar que ser mexicana pudesse parecer interessante para um homem da 4ª.

Então me veio à memória o diálogo que tinha tido com Marcela na Vila Olímpica, em frente ao prédio de Oscar, um par de anos atrás. Não queria

que me acontecesse o mesmo e que Sebastien se sentisse rechaçado sem lhe dar uma chance.

– Por que não escreve uma carta pra ele? – sugeriu Kathy. Sua amiga estava de acordo.

– Uma carta! Pra quê? – perguntei, alarmada.

– Para dizer a ele que você também gosta dele mas que nunca saiu com um garoto e lhe falta prática.

Eu nunca tinha mencionado a elas minhas experiências com homens. Disse para mim mesma que se para elas era tão evidente que eu era uma *pucelle* fodida, também seria para ele. Para que colocar então o dedo na ferida?

– Assim você quebra o gelo – assegurou Kathy. – Se você quiser, podemos te ajudar mas não com a ortografia.

Nessa mesma tarde, na hora da merenda, em vez de me reunir com Blaise na sala de estudos, me sentei em um banco para redigir a famosa carta. As meninas a revisaram à tarde e trocaram um par de frases irrelevantes. Terminei de passá-la a limpo depois do jantar, enquanto fingia me concentrar na lição. Decorei a folha com decalques de borboletas que tinha no baú do meu escritório para simbolizar o que sentia por dentro. De noite, quando as luzes estavam apagadas em nosso quarto-sala de estar, contei ao meu irmão todo o sucedido. Nossa relação não era muito próxima naquela época, mas sempre tivemos uma regra subentendida de que, nas coisas graves e imponderáveis, podíamos contar um com o outro. Escutou com paciência os detalhes do meu relato e o resumo da carta.

– Não tem nenhuma possibilidade – disse, taxativo. – Sebastien nunca a levou a sério.

– Como sabe? – perguntei, tentando ocultar o tanto que me ofendia.

– Ele está na 4ª e é o melhor jogador de rúgbi da escola, todas as meninas querem ele. Você está na 5ª, é *pucelle* e, além do mais, bem feiosa.

– E você é um *minot* da 6ª com cérebro de peixe – disse, vingativa – que não sabe nada do amor nem de sua falta de lógica.

Essa noite não consegui dormir. Com a lâmpada acesa debaixo do edredom, passei quase oito horas lendo *A noite dos tempos*, de René

Barjavel, um romance que Blaise me havia recomendado. Embora fosse de ficção científica, situada no Polo Norte, em uma época futura e com grandes avanços na tecnologia espacial, a história não podia ser mais romântica. Sua influência não fez senão aumentar meu nível de expectativa sobre aquele encontro que supunha ameaçado.

Entreguei a carta a Cello na tarde seguinte, no refeitório da escola, e ele me olhou com um sorriso cúmplice.

– Não é melhor que venha e a apresento agora mesmo? – sugeri. Não encontrei forças para fazer isso: a carta havia esgotado todo o valor de que dispunha nesse momento.

Passaram-se três dias antes que tivesse alguma notícia dos dois. Por precaução, passei aqueles recreios com minhas duas assessoras. Estávamos juntas quando vimos Cello estendendo a carta ao seu amigo. Tinha demorado todo esse tempo para fazer isso! Sebastien leu em voz alta e, a distância, reconheci em seus lábios algumas das minhas palavras cuidadosamente eleitas. Antes de terminar, os dois se torciam de rir junto ao portão do pátio. Não sabia onde me enfiar.

– Par de idiotas – disse Kathy, indignada.

Minhas (más) conselheiras me obrigaram a dar meia-volta, sem pronunciar nada mais sobre aquele assunto e, sobretudo, sem me explicar como sentar-me essa tarde na mesa de Cello e todos os dias seguintes, nem tampouco como continuar indo à escola depois de tudo o que tinha passado.

Segundo o que pude observar, quando um acontecimento nos aflige, há duas tendências gerais para confrontá-lo: a primeira consiste em repassá-lo uma infinidade de vezes, como um vídeo que projetássemos uma vez após a outra em nossa tela mental. A segunda consiste em destruir o filme e esquecer para sempre esse fato doloroso. Algumas pessoas conseguimos empregar ambas as técnicas na edição de nossas memórias. Sei que primeiro o episódio da carta para Sebastien ocupou meus pensamentos obsessivamente e agora, quando quero evocá-lo, me escapam os detalhes. Sei por exemplo que faltei vários dias ao refeitório. Preferia o jejum à humilhação que implicava encontrar-me com seu amigo. Até pedi para o diretor da escola que me desse um lugar em outra mesa mas não me atrevia

a lhe explicar as razões pelas quais solicitava a mudança, de modo que minha petição foi rechaçada por inconsistente. Cedo ou tarde tive de voltar a esse lugar e manter, com todo o esforço do mundo, a cabeça erguida. Para minha sorte, Cello não voltou a me incomodar e a única vez que fez alusão ao assunto fingi que para mim não tinha a menor importância. A arte da dissimulação tem sido sempre uma das grandes armas que possuem os trilobitas. Que eu soubesse, Blaise nunca se inteirou dessa carta nem daquele episódio e, se o fez, manteve em respeito um amigável silêncio.

Blaise era filho de um desenhista de quadrinhos muito conhecido na França radicado em Paris havia muitos anos. Ele e sua mãe moravam também no Jas de Bouffan, mas em um bairro muito mais limpo e mais bonito que o nosso. Ele gostava de ler romances gráficos e estava muito a par das novidades e dos clássicos desse gênero. A literatura também o interessava, ainda que não no mesmo nível. De vez em quando nos aconselhávamos alguma leitura mutuamente, mas sempre pensando nos gostos do outro. Eu lhe recomendei por exemplo *Toda a vida pela frente*, de Émile Ajar, e *O retrato de Dorian Gray*, mas nunca lhe teria emprestado *As filhas do dr. March* pois sabia perfeitamente que esse livro o teria deixado enjoado até a náusea. Ele me recomendou *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley e aquele de Barjavel, mas nunca me sugeriu que lesse *O hobbit*, seu livro de cabeceira. Minha confiança em Blaise também era seletiva: embora não confessasse o assunto da carta, lhe revelei aspectos da minha vida que não comentava com quase ninguém, como meu amor pela escrita. Contei a ele a maneira como tinha conseguido me fazer respeitar pelos meus colegas de primário no México, escrevendo horrores sobre eles. Cheguei até mesmo a ler fragmentos de meu diário.

– Você precisa escrever mais a sério – me sugeria, fazendo-se de entendido. – Por que não escreve um romance sobre sua vida?

– Mas se tenho treze anos! Ainda não me aconteceu nada.

– Escreve sobre o que está acontecendo agora.

O que não lhe disse nem a ninguém era o que acontecia com meu pai. Tratava-se de uma maneira de protegê-lo e de me proteger do juízo dos outros. Para meus colegas de classe, meu pai se converteu em um

psicanalista lacaniano que vivia em San Diego, no bairro de Chula Vista. Passávamos parte dos verões no México e parte com ele. Isso era o que eu respondia toda vez que alguém me fazia perguntas a respeito, nunca de forma espontânea ou por gosto em mentir. Entretanto, foi assim que dei início à minha vocação mitômana que, desde então, tem regido boa parte da minha vida. Não era difícil falar de San Diego. Tinha estado lá em várias ocasiões para consultar o oftalmologista e visitar minha tia. Entretanto, fora as descrições geográficas, construir uma vida paralela não era uma tarefa simples. Para que se sustentasse, era necessário lembrar todas e cada uma das datas ou descrições que alguém ia proferindo por aí. Qualquer incongruência podia despertar suspeitas. Não se pode esquecer que – mesmo que estivesse em outra classe e em outro ano – meu irmão podia me contradizer em sua versão dos fatos. Mais que emocionante, toda essa situação parecia no geral bastante incômoda. Para dizer a verdade, não havia nada que eu desejasse mais naquele momento do que acabar com a pseudoclandestinidadade em que eu mesma me havia colocado. Essa espécie de isolamento unido à adolescência, cujos hormônios atuavam no meu cérebro com a força de um cataclismo, me fez passar várias tardes prostrada na minha cama com a cara fundida ao travesseiro, chorando a plenos pulmões e com vontade de me matar. Minha mãe optou então por colocar umas persianas verdes por cima de cada cama, que podíamos baixar para delimitar nosso território, a que denominamos “simulacro de intimidade”. Deixou de ser necessário colocar a lâmpada debaixo do edredom para poder ler e voltei ao onanismo com a veemência de quem abraça uma fé salvadora.

Como eu, Blaise tampouco falava muito de seu pai, a quem idolatrava e que às vezes lhe produzia um ressentimento incurável por sua ausência e sua vida tão distante da sua na cidade de Paris. Suspeito que várias de suas férias, supostamente felizes, eram tão falsas quanto as minhas pelo ríctus amargo que assomava em seu rosto enquanto as descrevia. Eu, que cheguei a conhecê-lo bastante bem, evitava fazer-lhe perguntas a respeito, mas muitos de nossos colegas eram admiradores do trabalho de seu pai e o interrogavam com frequência. Então transmitia com orgulho as últimas

notícias de seus livros, os prêmios e as traduções que tinham aparecido nos últimos meses. Blaise não tinha reparos em falar com as pessoas, tampouco tinha preconceitos contra os magrebes como ocorria com muitas crianças franco-francesas de nosso colégio. Os meninos com dinheiro tampouco o intimidavam. Era um ser espontâneo nesse sentido e suponho que por isso as pessoas se aproximavam dele facilmente. Para mim, sua amizade foi uma porta de acesso a pessoas que provavelmente nunca teria conhecido por mim mesma. Foi o caso de uma menina de aspecto misterioso. Se chamava Sophie Roy, a conhecemos no inverno, pouco depois de terem anunciado que The Cure ia tocar em Marselha. Blaise gostava muito dessa banda e uma tarde, enquanto caminhávamos juntos, se aproximou dessa menina vestida de preto para lhe perguntar se estava por dentro e se conhecia as datas exatas do concerto. Tanto por seu físico quanto pela expressão de sua cara, Sophie parecia muito maior que qualquer aluno da escola. Cochichava-se – e era verdade – que a haviam expulso de dois colégios privados e que sua passagem por Jas de Bouffan era a última chance que lhe deram os pais antes de mandá-la a um colégio interno. Todos os dias chegava à escola totalmente vestida de negro, com uma roupa antiquada e de muito boa qualidade. Em vez de abrigo ou jaqueta, usava uma capa à Arthur Rimbaud, cuja obra estudávamos esse ano na aula de língua e literatura francesas. Por baixo, levava uma saia muito justa que se colava à sua silhueta, arredondada e cheia de curvas, tão apertadas que pareciam a ponto de arrebentar o tecido, assim como o suéter de botões ajustado a seus abundantes peitos. Suas meias de lã eram opacas e muito grossas e nos pés usava umas botinas, também do século XIX, que lembravam sapatos de duende. Seu cabelo louro e ondulado quase sempre formava um *chignon* à altura da nuca. Seus olhos eram grandes e de um azul muito claro que ela destacava com delineador negro de óleo e uma abundante capa de rímel nos cílios. Tanto seu rosto como as suas extremidades eram redondos e um pouco toscos, como os que parecem ter as camponesas e as padeiras nos contos infantis franceses. Seu nariz esnobe tinha algo de porcino e, segundo meu irmão, lembrava uma tomada elétrica. A inocência que certamente tinha o rosto de Sophie se colocava em dúvida por uma cicatriz bastante

visível que corria ao largo de uma das bochechas. Entretanto, o resultado geral era de uma garota sexy de perturbadora originalidade. Apesar dos preconceitos que uma nerd como eu podia ter sobre ela por seu aspecto, Sophie não era uma pessoa cruel ou de más intenções. Desde o princípio se portou muito amavelmente conosco, ao ponto de nos propor ir ver o show do Cure juntos, com um grupo de garotos que ela estava convocando, amigos de outro colégio, porque no Jas ainda não tinha nenhum. Faltavam três meses para a noite esperada, assim não nos custou nada aceitar o convite e seguir frequentando-a enquanto isso. A partir desse momento, na hora da merenda, Blaise e eu começamos a formar um trio com a garota de negro. Nunca sentimos sua presença como uma intromissão, ao contrário, sua forma de ser nos fazia sentir em confiança. Mesmo que morasse em Éguilles, muitas vezes usava os ônibus escolares que levavam de volta os alunos às suas vilas. À saída da classe, subia em um coletivo urbano para passear umas horas pelo centro da cidade, visitar um amigo de algum colégio anterior e, quando começava a noite, voltava à sua vila em um dos ônibus normais da *gare routière*. À diferença de meus demais colegas, jamais emitii um juízo sobre meu modo de vestir, que os demais julgavam antiquado ou pouco atraente. Ao contrário, Sophie aprovava com entusiasmo minhas diferenças. Uma tarde, ao sair da escola rumo a casa, a encontrei plantada no portão de trás, por onde eu sempre cruzava para cortar caminho.

– Que faz aí? – perguntei, intrigada.

– Matando aula. E você?

– Voltando pra casa.

Então fez uma pergunta que me deixou aterrada e sem saber como responder: – Me convida?

Eu nunca levava gente ao nosso apartamento e, na medida do possível, evitava mencionar o nome do bairro onde morávamos pois causava um receio imediato na maioria das pessoas que escutavam. Tentei me safar mas ela não me permitiu.

– Te dá vergonha tua casa ou tua família? – perguntou à queima-roupa.

Em vez de responder a esta última, escolhi a tangente: – O bairro é muito perigoso. Já ouviu falar em Les Hippocampes? – disse, pronunciando lentamente o nome daquele lugar como se se tratasse de uma fórmula mágica, sabendo que não havia ninguém que não tivesse lido sobre ele na imprensa.

– Mora lá? – exclamou. – Por que não falou antes? Faz anos que eu quero conhecer esse bairro mas não tinha nenhum contato.

Não tive remédio senão levar Sophie até em casa. Entretanto, o bairro não cumpriu suas expectativas: imaginava um lugar muito mais lúgubre e escuro. Se queixou, como é natural, do cheiro de desinfetante e disse que era uma falta de respeito nos imporem isso. Quando entramos no apartamento, Sunil tinha acabado de preparar um chá de baunilha recém-trazido de sua ilha e Sophie lhe perguntou sobre todos os costumes que até então meu irmão e eu tínhamos observado com discrição, sem questionar nem nada, incluída a sociedade de castas. Sunil respondeu encantado sobre sua recém-adquirida ideologia comunista. A conversa tinha ficado apaixonante mas se viu truncada subitamente quando chegou minha mãe. Com cara de poucos amigos e da maneira mais amável que foi possível nesse momento, colocou a intrusa para fora e me mandou tomar banho.

– Gostei muito de ir à sua casa – me disse Sophie na manhã seguinte, no pátio do recreio –, pena que sua mãe seja tão ciumenta.

Pouco a pouco me fui dando conta de que a amizade com Sophie incrementava o respeito dos demais estudantes sobre minha pessoa. Algo eu devia ter para que essa garota, mais madura e mais rica que o resto, me tivesse escolhido entre todos, algo que ninguém tinha descoberto até então e subitamente lhes interessava saber. Várias vezes acompanhei Sophie ao centro da cidade, mas nunca tive a oportunidade de conhecer seus amigos. Aonde cheguei a ir – e considero uma enorme mostra de confiança de sua parte – foi a uma de suas visitas ao médico que dirigia – soube disso essa mesma tarde, sem preâmbulos nem introduções de nenhum tipo – sua terapia de desintoxicação. Foi a primeira vez que vi seus braços descobertos, cheios de cicatrizes e rastros de picadas. Escutei também seu peso e sua pressão sanguínea e finalmente sua idade: treze anos. Os mesmos

que eu tinha naquele momento. Fazia seis meses que estava indo àquele mesmo lugar e respondendo às mesmas perguntas.

Aquela tarde, ao sair do consultório, nos sentamos para tomar café, como faziam os universitários, em uma pracinha silenciosa. Me contou brevemente que tinha vivido em Aix durante o verão com um menino de 18 chamado Adam, com quem teve que romper quando decidiu deixar a *came* de uma vez por todas. Nunca voltou a falar do assunto. Tampouco me explicou a que se devia sua cicatriz. Do meu lado, falei a ela de Sebastien, com quem seguia sonhando secretamente, e do vergonhoso episódio da carta. Ao lado de sua história, a minha era de uma pudicícia embaraçosa, e, entretanto, ela escutou com a mesma seriedade e respeito que eu havia tido com ela. Essa visita selou nossa amizade, uma amizade marcada por uma grande quantidade de diferenças e nas quais nossas poucas semelhanças pareciam ser mais fortes. Quais eram? Antes de mais nada o fato de ser *outsiders*, também ter um par de segredos incômodos que não permitiam confidências e o fato de saber que a outra passava por um mau momento. Me equivoquei ao pensar que essas semelhanças, essa cumplicidade tácita que havia entre nós, implicavam também lealdade e algum tipo de compromisso. Mas disso soube depois, não nessa mesma tarde nem nos dias que seguiram e durante os quais vivi com a agradável ilusão de ter encontrado uma verdadeira amiga.

Uma noite, enquanto jantávamos com várias mulheres hippies e quarentonas na casa de Lisa, minha mãe começou a denunciar meu comportamento: disse que, desde que comecei a frequentar certas amizades, estava adquirindo a atitude de uma sedutora, que todos os movimentos do meu corpo, a entonação da minha voz e minhas expressões linguísticas respondiam a um estereótipo, a um clichê de mulher-vitrine, de bonequinha *pin-up*. Bastava analisar um pouco a maneira como me sentia para descobrir que não podia haver nada mais distante da realidade naquele momento. Mas, se fizesse o certo, doutora Sazlavski, não seria mais digno dela se me aplaudisse ou incentivasse? A capacidade de seduzir o próximo é uma das ferramentas mais poderosas que uma mulher pode ter, melhor que o domínio de uma língua estrangeira ou a destreza culinária. Se realmente

tinha começado a praticar esta sutil disciplina, não teria sido melhor deixar que a adquirisse de uma vez, em vez de inibir minhas intenções? Suas amigas, claro, se colocaram do meu lado – as mais bonitas hipocritamente –, dizendo que tinha que enfrentar o trabalho de educar as novas gerações para que não caíssem nos cárceres mentais que a sociedade de consumo impõe. Talvez, no fundo, minha mãe não quisesse admitir uma possível concorrência e preferisse se assegurar de que eu continuaria levantando os ombros como um pequeno inseto na defensiva.

Poucos meses depois teve lugar uma das primeiras festas a que fui na minha vida. Foi em uma casa de praia da cidade de Martigues, a vinte minutos de Aix, onde morava uma menina da escola. Minha mãe tinha um casal de amigos ali e organizou uma carona com eles para poder me levar. O caminho de ida fiz com Sophie, Blaise e sua mãe. A casa da anfitriã tinha uma espécie de gruta na parte traseira. Talvez tivesse servido antes como caverna ou se tratasse de um depósito de grãos vazio. Tinham-na decorado ao modo de um clube noturno dos anos oitenta, com luzes giratórias de cores e gelo-seco. Havia também um bar onde se podia comprar cerveja e *pastis*, em quantidade suficiente para cair na bebedeira. A música era a habitual nesses anos: Depeche Mode, Europe, A-Ha, George Michael, Prince e Madonna, entre outros. Blaise, Sophie e eu nos apossamos de um espaço perto do bar. Me sentia feliz de estar com eles. Se separados, cada um parecia um bicho em perigo de extinção, juntos formávamos um conjunto bastante poderoso. Como também se nossas características mais estranhas: meu estrabismo, a estatura de Blaise e a cicatriz de Sophie, só para mencionar algumas, fossem na realidade distinções voluntárias, como pode ser um piercing ou uma tatuagem. Em algum momento da noite puseram The Cure – que então já tinha se tornado nosso grupo favorito – com “Just Like Heaven” e os três levantamos para dançar. Nosso entusiasmo pareceu contagioso e de repente a pista se encheu de meninos com aspirações dark. Entre eles estava Sebastien. Tinha chegado à festa sem seu grande amigo Cello e sua atitude era muito menos arrogante. Quando terminou a música se aproximou de nós e ofereceu cerveja aos três. Depois trocou de grupo um par de vezes mas voltava constantemente a nos visitar.

Tanta amabilidade de sua parte começou a me deixar tensa. Não tinha esquecido o momento que ele e seu amigo me tinham feito passar uns seis meses atrás, e desconfiava dele. Ao mesmo tempo, era tão atraente. Sua atitude essa noite parecia muito diferente da que ostentava junto a seu amigo italiano. Como não querer acreditar nele? Pensava em tudo isso enquanto ia para a fila do banheiro, tratando de localizá-lo a distância. Então vi dançando juntos Sophie e ele, uma dessas canções românticas que os adolescentes colocam nas festas para começarem a se abraçar. Não lembro qual foi a música exatamente. Só sei que já não pude entrar no banheiro nem me mover até nenhum outro lugar. Fiquei ali, presa à parede como quem antecipa sobre seu corpo a queda de uma imensa bota. Depois ambos sumiram. Blaise, que seguia sem saber nada de minha história com esse garoto, se aproximou com um copo na mão e colocou a última estocada: – Sophie foi para a casa com alguém. Acho que já a perdemos.

E com efeito a perdi essa noite, porque embora continuasse falando com ela e tenha suportado estoicamente a aventura que teve com Sebastien, nossa relação nunca voltou a ser a mesma. Nunca me ofereceu explicações e muito menos desculpas sobre o que tinha se passado entre eles. Tampouco voltou a sair com ele, ao menos de maneira pública, nem sequer o mencionava. Sua atitude continuava sendo a mesma que de antes da festa, como se ela mesma ignorasse o que tinha feito. Fui me distanciando pouco a pouco de Sophie. As férias estavam por chegar e fingia me preparar para os últimos exames até que um dia simplesmente deixei de cumprimentá-la.

V

Colonie de Vacances. Essas três palavras juntas evocam, para muitas crianças da França, os melhores momentos da sua vida. Trata-se em geral de acampamentos de verão organizados para crianças de certa idade onde vivem de forma comunitária e com um pouco mais de independência que dentro de suas famílias. Muitos estão centrados em um interesse particular como a música, a pintura, o caiaque, o esqui ou qualquer outro esporte ao ar livre. Meu irmão e eu tínhamos escutado falar desses lugares maravilhosos de vários colegas nossos, de modo que quando minha mãe nos veio com a proposta, a nenhum de nós ocorreu negar. Há que se dizer também que a maioria das meninas do meu colégio tinham sido beijadas pela primeira vez nessas circunstâncias, o que somava um ponto a favor do projeto. Embora esses acampamentos fossem organizados pela *mairie*, seu preço não era tão reduzido como se poderia pensar. Nos matricular em um deles significou para minha mãe um considerável investimento. Teve além do mais que comprar todos os equipamentos que nos solicitavam: colchão térmico, saco de dormir, mochila de camping, para as três noites que passaríamos ao ar livre, botas de excursionista, lanterna e não lembro quantas coisas mais. De outro lado, nos prometiam, para nós, duas semanas de aventura e diversão sem limites e, para ela, a possibilidade de avançar em sua tese. Entretanto, os grupos que constituíam a *mairie* se formavam, sem que eu soubesse, com base no bairro ou na zona onde vivia cada família. Em vez de propiciar um intercâmbio de classes sociais, preferiam manter os vizinhos juntos – como se a discórdia entre vizinhos não fosse algo universal, quase inerente a qualquer cultura. Foi assim que numa manhã meu irmão e eu nos encontramos em cima de um ônibus em que viajavam também todos os meninos do nosso bairro, os mesmos que durante mais de três anos tínhamos procurado nos esquivar na rua e na escadaria do nosso prédio. Nem em meus piores pesadelos tinha imaginado antes uma situação assim. Reconheci alguns colegas da escola, inclusive Rachida e sua irmã – as

meninas com quem Nathalie e eu tínhamos brigado anos atrás – estavam presentes, com seus sorrisos entusiasmados e suas mochilas enormes. Aquele ônibus nos levava a uma paragem desconhecida para mim, cuja beleza tinha escutado mencionar em muitas ocasiões, mas cujo nome não fazia senão aumentar minha inquietude essa manhã: as Gargantas do Luberon. Enquanto o ônibus se esforçava por avançar na pista direita da estrada, me imaginei emboscada por várias dessas crianças em umas grutas sombrias como o rosto de um lobo.

Por sorte, não viajava sozinha: passasse o que passasse, meu irmão estaria ao meu lado. Enquanto pensava nisso, o observei no banco ao meu lado com sua expressão serena e iludida. O pobre ainda contemplava a possibilidade de passar umas férias de sonho.

Não posso dizer que o trajeto tenha sido tranquilo. Os vizinhos gritavam e riam em muito altos decibéis, incluindo o monitor de dezoito anos que fingia controlá-los. Só alguns deles olhavam absortos pelas janelas. Me disse que seguramente tratavam de memorizar o caminho, para se de repente se fizesse imprescindível sair fugindo. Entretanto, ao menos durante a viagem, os meninos não se pegaram com nenhum dos tripulantes. Pareciam concentrados em sua atividade ruidosa e em se relacionar com seus amigos. Para conhecer – e molestar – os novos, teriam três longas semanas adiante. Todo o caminho fui rezando para que minha colega de quarto fosse uma dessas meninas prudentes e silenciosas. Entretanto, quando afinal chegamos ao acampamento, nos anunciaram que dormiríamos em grupos de vinte, dentro de cabanas: umas tendas de tamanho impressionante, como as que vemos nos filmes de apaches americanos, que já estavam ali montadas, esperando-nos no meio do nada.

– Quando souber pra que cabana você vai, cada um pode colocar seu colchão e suas coisas no lugar que quiser – anunciou o monitor.

Ato contínuo, leram uma lista com o nome de todos e o número da cabana correspondente. Meu irmão e eu não estávamos na mesma. As coisas pioravam a cada minuto. Entretanto, a nossa separação iminente não parecia afetá-lo minimamente. Quem estava comigo eram Rachida e Besma. Encontrei-as ocupadas em delimitar seu território a uns metros de

onde eu tinha colocado minhas coisas. Sua atitude em relação a minha pessoa não foi particularmente hostil. Tampouco pareciam ressentidas pelo incidente. Acostumadas como estavam em brigar na rua, era provável que o episódio tivesse em sua memória um lugar muito diferente do que ocupava na minha. Sorri-lhes por prudência, também para tatear o terreno e, para minha tranquilidade, ambas me devolveram o gesto com alegria.

– Aqui também vamos ser vizinhas – me disse a mais velha.

A tarde passou tranquila. Quando escureceu, às dez da noite, os monitores acenderam uma fogueira junto à qual permanecemos um par de horas. Eu olhava esses meninos interagirem, tratando de combater minha apreensão e meu receio. Me perguntei se um deles seria o indicado para um primeiro beijo. Era possível que algum chegasse a gostar de mim com o tempo? Já veríamos quando terminassem as férias.

Pouco a pouco, os meninos entraram em suas cabanas para se resguardarem em seus colchões infláveis. Só alguns permanecemos até o fim em silêncio. Lembro que, quando por fim voltei ao meu lugar, caí em um sono profundo e delicioso. Entretanto não despertei do mesmo modo. Antes de abrir os olhos, escutei os gritos de um indivíduo baixinho de cueca que gritava perto de mim.

– Estou muito quente, ouviram?, e estou pensando em tirar uma *meuf* ainda que tenha que estuprá-la.

Escutaram-se risos ao redor. Talvez porque eu fosse uma das poucas que continuassem dormindo naquele momento, o rapaz se aproximou do meu lugar fazendo movimentos insinuantes com a pélvis. Outros começaram a gritar: – *Z’y vas, Pierre! Acaba com ela!*

Não foi uma decisão. Foi mais como se meu corpo tivesse começado a agir por conta própria sem consultar a mente: de um salto, me levantei da cama e comecei a chutar o garoto que me atacaria até derrubá-lo no chão. Só parei quando vi que seu nariz estava sangrando. Não tinha ideia de quem era esse menino e tampouco qual era sua reputação entre os outros. Só mais tarde soube que se tratava de alguém temido por sua agressividade naquele ambiente. Tê-lo derrubado fazia de mim um personagem admirável e, ao mesmo tempo, já que ninguém me conhecia, digno de desconfiança.

Durante o café da manhã, alguns garotos, tanto da minha cabana quanto da cabana vizinha, vieram me expressar sua simpatia e seu respeito.

– Na verdade, nunca podíamos imaginar. Em geral, as mulheres de óculos são muito medrosas.

– Fez bem em se defender. Na próxima vez você quebra o nariz dele.

Quando pensei que ninguém mais viria, se aproximou meu irmão a me perguntar se o que tinha escutado dizerem estava certo. À diferença dele, nenhum dos monitores veio investigar as coisas. Preferiram fingir que nada tinha acontecido e seguir adiante com os planos.

Passaram-se vários dias de tranquilidade depois disso, pelo menos no que se refere a mim. Logo, no meio da algazarra constante de nossas vozes, se escutava uma briga. Sempre que havia algum soco ou ameaça disso, se formavam pequenos círculos de espectadores, entretanto quase imediatamente as coisas voltavam à normalidade, tensa mas jovial, daquele grupo. O tempo passou e meu irmão foi aprendendo os nomes dos quarenta garotos que dividiam o acampamento. Participava de quase todas as atividades atléticas como escalar montanhas ou das competições ocasionais de caiaque. Do meu lado, seguia sem me adaptar. A qualquer convite que implicasse algo físico, falava de dores de cabeça. Menti ao monitor que estava menstruando e que preferia ficar deitada o maior tempo possível. Tinha levado três romances bem compridos e pretendia terminá-los antes de voltar para Aix. A verdade é que me aborrecia. A alguns quilômetros do acampamento, havia uma cabine telefônica de moedas. Meus únicos passeios espontâneos, realizados várias vezes por dia, os dei com o objetivo de chegar até ali. Ligava para minha mãe, geralmente sem sucesso, e quando afinal conseguia localizá-la, lhe repetia em um tom muito dramático como era repelente aquele lugar, incluindo a luta com o maníaco da cabana. No fim, ela sempre perguntava: – Mas está bem, certo?

Nunca ocorreu-lhe o que eu queria: escutá-la dizer que viria me pegar quando pudesse.

Chegou a festa do 14 de Julho. Antes, os meninos do acampamento tinham organizado um par de noites de dança e cigarros (à diferença do álcool, tabaco era permitido), nas quais preferi abster-me de qualquer

convivência, mesmo sabendo que o objetivo principal dessas tertúlias fosse acabar saindo com alguém. Entretanto, dessa vez era diferente: a festa do acampamento se juntava com a da vila e isso prometia muito mais atividades, mais liberdade de ação e também gente nova. O baile começou às sete da noite, quando ainda fazia um calor intenso e sufocante, e continuou até depois da meia-noite. Dancei na pista mais que nenhum outro dia de festa, e com todos que me convidaram. Dois parceiros de dança me sugeriram sair do barulho para ir tomar algo. Um era francês, estudante do liceu, e o outro, um pouco mais velho e também mais bonito, era um tunisiano, nascido em Ceuta, que tinha chegado a essa vila para trabalhar como pedreiro. Me surpreendeu agradavelmente vê-los competir pela minha pessoa. Fui com o africano. Nos instalamos no bar mais longe do centro, que tinha um terraço escuro com mesas desocupadas. Ali me deixei beijar até que, sobre minha boca, não restasse o menor vestígio de inexperiência. Quando fecharam, continuamos andando por ruelas vazias de pedra branca. Ele, cujo nome não tive a cortesia de registrar, foi de uma decência admirável. Nunca tentou me forçar a nada que eu não desejasse fazer. Me convidou várias vezes ao quarto que alugava, mas eu preferia a rua e seus lugares semi-iluminados. Permiti a ele tocar meus mamilos mas sem tirar minha roupa. Permanecemos na rua juntos até muito tarde. Em todas essas horas teve tempo de me falar de sua vida, de seus pais, de sua infância na Espanha. Apesar de conhecer o castelhano perfeitamente, foi o francês a língua que escolhemos para nos comunicar. Ao amanhecer me acompanhou até o acampamento.

Os monitores estavam indignados. Me chamaram a atenção e advertiram que informariam minha mãe de minha fuga. Minha única resposta consistiu em levantar os ombros um par de vezes. Me sentia cansada essa manhã mas de ótimo ânimo e, contra meu costume, me peguei conversando na mesa do café da manhã. Olhava meus colegas, especialmente os de origem tunisiana, com outros olhos, como se tratasse de irmãos ou primos de meu namorado ocasional. Já não sentia a mesma apreensão nem a mesma desconfiança. Rachida com seu sobrepeso, Malika e sua transbordante acne me pareciam mais dignas de ternura que de outra

coisa. Nunca havia imaginado que sair com um garoto pudesse ter esse efeito e suspeito que teria feito amizade com todo o acampamento se minha mãe, alarmada pelo relato dos monitores, não tivesse chegado para me recolher no carro de um colega seu. Meu irmão, por sua vez, decidiu ficar mais uns dez dias, até o final das férias, e voltou fascinado com três amigos novos do prédio. Também a mim, ainda que de outro modo, a *colonie de vacances* tinha ajudado a me reconciliar com o Magrebe. Às vezes, quando saía na rua, encontrava meus companheiros de cabana. Nos cumprimentávamos com uma insólita camaradagem. Alguns chegaram a me dizer que tinham lamentado meu regresso para casa. Agora, em vez de me causarem receio, eu simpatizava com esses meninos. Seus maus modos e sua facilidade para começar brigas já não eram para mim senão a expressão de sua enorme vulnerabilidade. Sabia melhor que ninguém que, para sobreviver em ambientes como o do meu colégio, era necessária uma boa dose de coragem e de dignidade e essa dignidade teria de ser defendida com a vida à menor afronta. Ao fim e ao cabo, mesmo que à sua maneira, eles também eram trilobitas.

Depois de vários anos vivendo em Les Hippocampes, de ir toda manhã ao Jas de Bouffan, de comer durante o período de aulas com Djamila e com Cello e passar as férias entre meus vizinhos de bairro, acabei por esquecer, ao menos parcialmente, o mundo de onde vinha e, de tão mimetizada que me tornei, ninguém que me tivesse conhecido nesse momento suspeitou por um instante que nem tinha nascido naquele lugar nem me havia criado ali. Entretanto, esse verão também tive um vislumbre significativo de qual era meu país e quais eram as origens à que cedo ou tarde – mesmo que então o ignorasse – eu teria de regressar. Esse ano, o México foi o país convidado do Festival d’Aix. Durante quase três semanas, se podiam ver andando pelas ruas do centro escritores e artistas nacionais. Entre os convidados estava Daniel Catán, o músico que conhecemos antes de mudarmos para a França. Nos conseguiu muito amavelmente entradas para muitos dos eventos, em especial os concertos e as leituras literárias. Tenho muito viva na memória a tarde em que, nas escadarias de pedra do Palais de Justice, nos apresentou a Octavio Paz, que estava lendo no auditório. Não tive

tempo então, nem depois, de conversar com ele. Só o cumprimentamos e ele saiu correndo para subir ao palco. Por outro lado, tivemos a chance de escutar sua obra poética. Em seus lábios, o espanhol do México deixou de ser, durante mais de uma hora, aquele dialeto íntimo em que nos comunicávamos minha mãe, meu irmão e eu, para se transformar em um material maleável e precioso. Aqueles poemas falavam de álamos, de aroeiras e obsidianas, de caveiras de açúcar, do bairro de Mixcoac, coisas e lugares que eu mesma havia amado em um tempo remoto mas – então o compreendi – não de todo esquecido. Em poucas palavras, lembrei quem éramos e, ao fazê-lo, senti uma mescla de felicidade e orgulho. Ao anoitecer, disse a mim que se algum dia fosse escrever, teria de fazê-lo nessa língua.

Passar o resto do verão comigo devia ser um tormento para minha mãe. Se queixava de que no acampamento tinha adquirido a fala e a insolência de meus colegas.

– Agora aguenta! Foi você quem nos mandou pra esse lugar pra se desfazer da gente – respondia eu com veemência.

Às vezes me dava conta de que suas queixas eram razoáveis, mas não podia fazer nada a respeito. Tratava-se de uma guerra contra o mundo, a guerra dos trilobitas. Eu tinha me enrolado nela e não era possível transigir. Minha mãe – só pelo fato de sê-lo, mas também por sua forma de ser, autoritária e orgulhosa de si mesma – não era uma das nossas. Ela não se dava conta e fazia o possível para se aproximar de mim, por estender essa ponte de cumplicidade que, segundo ela, nos estava fazendo falta. Muitas vezes os esforços pareciam contraproducentes. Lembro, por exemplo, que um domingo de manhã, enquanto tomávamos o café da manhã sozinhas na mesa da cozinha, me perguntou com naturalidade fingida se tinha tido relações sexuais com um homem.

– É normal que isso aconteça, sabe?, mas esse dia quero que conte pra mim.

Creio que tinha algumas razões para pensar nisso – sobretudo depois do sucedido no acampamento –, mas não para perguntar sobre isso e ainda

menos à queima-roupa, do modo como fez. Além do mais seu tom supostamente despreocupado soava dissonante e evidentemente falso.

Empurrei a mesa e me levantei de minha cadeira de um salto. Antes de sair ruidosamente até minha cama, tive tempo de lhe dizer que se metesse no que lhe importasse. Não foi a única vez que quis ser minha amiga, mas, assim como nesse domingo, todas as suas tentativas foram rechaçadas. No começo de setembro, uma semana antes que começassem as aulas, minha mãe me anunciou que me faria voltar ao México. Segundo ela, outra temporada com minha avó nessa idade tão rebelde seria de grande utilidade para me colocar nos eixos. Meu irmão, entretanto, ficaria com ela. Voltei então ao DF, terminando a 3ª, para cursar o primeiro ano do ensino médio no Liceu Franco-Mexicano da Cidade do México. Meus coleguinhas nunca mais seriam os meninos da *banlieue* e sim os filhos de empresários, diplomatas e franceses radicados em meu país que, como eu, estavam matriculados no Liceu Franco-Mexicano.

Não, doutora Szlavski. Penso que não guardo rancor de minha mãe, mas reconheço sim um sentimento de amargura por tudo o que poderia ter sido nossa relação e não é nem será nunca, apesar dos bons momentos que passamos de vez em quando, apesar da cumplicidade que nos une em muitas ocasiões. Às vezes, sobretudo quando lhe ataca alguma de suas crises de hipocondria que sempre me fazem titubear, imagino o dia de sua morte e então vislumbro o insondável vazio que deixará em minha vida quando isso acontecer. Como se ao obsessivo capitão Ahab lhe anunciassem de repente que a baleia havia encalhado definitivamente e que não poderia persegui-la nunca mais. Como a de Moby Dick, a nossa também é uma história de amor, de amor e desencontro.

VI

Qualquer um que tenha lido com atenção a primeira parte deste livro irá imaginar que a ideia de viver de novo com minha avó me pareceria completamente aterradora. É verdade que no começo tomei isso como uma pena exagerada, comunicada por minha mãe, e a prova de que seu carinho por mim era igual a uma ninharia. Me surpreendia também que a velha tivesse aceitado me receber um ano em sua casa, depois de nossa primeira convivência, e sabendo que me encontrava na pior das idades que, segundo reza a tradição, podem ter os filhos. Entretanto, contra todas as minhas expectativas, a segunda volta não foi tão insuportável quanto a partida inicial. Além do assunto dos modos à mesa, minha avó mostrava por mim uma indiferença cortês que fazia a vida cotidiana tediosa mas agradável. Somente a empregada, encarregada da cozinha e da limpeza do lugar, compartilhava esse enorme casarão conosco. Quase nunca nos cruzávamos. Às vezes, nem sequer na hora de comer. Ninguém vigiava se me levantasse a tempo de chegar à escola ou que me alimentasse corretamente, ninguém lavava minha roupa ou passava meu uniforme, ninguém me fazia perguntas indiscretas. Morar ali era como morar sozinha, exceto por um detalhe importante: sob nenhuma circunstância podia sair de casa sem que alguém me acompanhasse.

À diferença do Jas de Bouffan, com seus jardins e suas pistas de atletismo, meu novo colégio parecia um cárcere. Dizia isso com conhecimento de causa. Outra diferença notável consistia na cor dos alunos: no liceu tanto os estudantes quanto os professores eram brancos, ao menos em oitenta por cento, algo curioso em um país essencialmente indígena. Ao contrário, nem o porteiro nem os empregados de limpeza ou do café eram, e essa característica acentuava ainda mais aquele contraste. É verdade que também havia alguns muçulmanos, mas eram filhos de diplomatas e não se pareciam em nada com aqueles com quem eu tinha tratado nos últimos anos. Todas essas coisas tão notáveis para mim, que vinha de fora, pareciam

anódinas para quem vivia há muitos anos no ambiente burguês mexicano. As aulas começavam às oito e terminavam às seis. Um horário muito extenso, sobretudo se o comparasse ao das escolas nacionais. No meio havia várias horas mortas. Todas as disciplinas, exceto esportes, eram dadas em língua estrangeira. O francês que eu falava – o único que sabia falar – era o das *banlieues* do sul. Os mexicanos não se davam conta (se deixavam impressionar pela minha pronúncia e pelas esquisitices de meu vocabulário), mas os franceses e os magrebes sim, e embora a ambos soasse horrível me escutar, me deixavam em paz. Por outro lado, meus conterrâneos me faziam perguntas constantes sobre minha família, minhas atividades de fim de semana, o lugar onde comprava minha roupa. Queriam a todo custo me inserir em alguma de suas estreitas categorias sociais. Entre os códigos implícitos da escola, a roupa e os materiais escolares tinham uma importância particular. Quanto mais roupas de marcas francesas e canetas de luxo na mochila se tivesse, melhor visto nessa pequena sociedade. Lembro que vários daqueles meninos tinham pelo menos uma Montblanc com ponta de ouro que deslizavam com orgulho por seus cadernos Claire Fontaine. No que se refere à roupa, as meias de losangos Burlington eram, não sei por que razão, especialmente apreciadas. Em geral a moda do liceu se inseria no que na França se costuma chamar de BCBG, um mote que sugere o conservador e aceitável dentro de uma burguesia conformista e tediosa. Finalmente, quando reuniram informação suficiente sobre minha pessoa, o bairro onde vivia, a ocupação de minha mãe, decidiram que a etiqueta que me correspondia era (sic) a de “morta de fome” e não tiveram dificuldade em me chamar desse modo que, dentro de sua maneira de ver o mundo, representava um insulto. O desprezo era mútuo. Para mim todos esses metidos de visão tão míope eram insípidos e moles como uma salsicha alemã. Depois, com o passar do tempo, descobri que entre eles também havia gente interessante, mas eu estava em guerra naquele momento e, cega pelos meus próprios preconceitos, não queria nem saber.

Toda manhã o ônibus da escola passava para me pegar às seis. Eu saía para esperá-lo na porta de casa, morta de frio e com um céu ainda escuro

sobre minha cabeça. O caminho demorava duas horas, as quais devia passar fechada com umas trinta crianças semiadormecidas de idades diferentes, alunos de primário, ensino fundamental e médio. O ambiente ali dentro era uma reprodução em miniatura do que ocorria no liceu e no mundo em geral: uns faziam bullying e outros se deixavam molestar. Havia os malcriados e os complexados. Os brancos incomodavam quase sempre os morenos, enquanto os louros olhavam de cima com displicência. Eu era muito grande já para ser objeto de bullying, mas tampouco lhes parecia simpática. Não falava com ninguém e ninguém se aproximava para falar comigo.

No México as classes sociais não devem nada às castas da Índia. Se o acaso quer que um nasça em uma família de uma classe alta, é provável que conviva poucas vezes com as massas populares, exceto nos lugares e ocasiões excepcionais como um estádio de futebol ou no Zócalo no dia da independência, a prisão era um desses lugares de encontro. Depois de um ano na penitenciária, meu pai foi transferido a outra prisão conhecida como Santa Marta Catitla, na zona oeste da cidade, na qual permaneceu quatro anos e à que sempre se referia como “O Palácio de Ferro” em referência a uma loja de departamentos de luxo que tem o mesmo nome. É pouco o que sei a respeito de sua vida durante essa época. Sei por exemplo que fazia exercícios de modo cotidiano e disciplinado, e que começou nisso graças a um amigo que o arrastou até as barras no pior momento de sua trombose. Sei também que ensinou matemática, lógica e gramática nos programas de educação para adultos e que realmente gostava de fazer isso. Graças a essa atividade, sua pena se reduziu em muitos meses. Me surpreende, por exemplo, que não tenha feito aulas de piano ou de violão como fez em outras épocas de sua vida, talvez não tivesse muitos professores ou seu nível fosse baixo. Por outro lado se enfiou profundamente na leitura de Husserl e sua fenomenologia que em vão tinha tentado me explicar de modo resumido em diversos momentos de nossa relação. Também descobriu ali os livros de Gourdiev e Ouspensky. Neles encontrou um grande apoio para os períodos mais difíceis de sua estada naquele lugar. Me contou, isso sim, de algumas pessoas que conheceu durante a prisão: um italiano chamado Paolo e um compositor, acusado do homicídio

involuntário de uma velhinha. Também sei que aprendeu a trabalhar com resinas naturais e, em um par de ocasiões, nos fez chegar, a meu irmão e a mim, algumas de suas peças em nossa casa em Aix. Recebemos aquilo como meteoritos estranhos vindos de outra dimensão. Por insólito que possa parecer, meu pai achou uma namorada enquanto vivia lá dentro. Tratava-se de uma mulher bem bonita que tinha conhecido em sua época de psicanalista. Ela mesma era psicóloga e ensinava nos cursos de pós-graduação da Universidade Nacional. Se chamava Rosaura. Como ele, era alta e magra e, sobretudo, muito boa pessoa. Não quero imaginar a visita íntima lá dentro.

Durante o ano em que voltei à casa da minha avó, vi meu pai com certa frequência. Rosaura passava em casa em seu carro uma ou duas vezes no mês, sempre aos finais de semana. No caminho, conversávamos sobre cinema ou literatura e nos animávamos mutuamente dizendo-nos que papai podia sair já a qualquer momento. Mesmo que a sentença estivesse por se cumprir, a verdade é que parecia impossível saber qual era a data prevista pelas autoridades. Sua presença me fazia sentir confiante. Uma dessas manhãs, me presenteou com um romance de Milan Kundera, *A insustentável leveza do ser*, que devorei em poucos dias. O tédio da minha vida cotidiana era tal que aquelas saídas representavam a maior aventura que podia acessar nessa época.

Durante as visitas, meu pai fazia perguntas sobre a escola. Queria saber se entendia bem as aulas, se gostava das disciplinas, se estava tendo boas notas, se me dava bem com os colegas. Eu me estendia descrevendo em detalhes quão insuportáveis e frívolos eram meus colegas mas ele não gostava que eu falasse assim das pessoas. Me dizia que em qualquer lugar é possível encontrar um aliado e, quanto mais hostil o ambiente, mais importantes se tornam as amizades verdadeiras.

– Me prometa que da próxima vez que vier terá encontrado uma amiga.

Não tive mais remédio que assentir mas demorei mais de três meses em voltar.

Não foi por aquela obrigação contraída com meu pai que me aproximei de Camila. Nossa amizade se deu como quase todas, com naturalidade,

quase sub-repticiamente. Morava perto da minha casa e também passava horas no ônibus da escola, tanto de madrugada como sob o calor sufocante da tarde, horas em que a última coisa que alguém deseja fazer é conversar. Se aproximou uma manhã para me perguntar se podia lhe emprestar o livro que eu estava lendo quando o terminasse. Quase não tinha prestado atenção antes em sua pessoa. Era baixinha e mal-encarada. Seu cabelo castanho-claro estava cortado à *garçon* e quase sempre usava suéteres grandes ou roupa esportiva. Não chamava atenção à primeira vista. Entretanto, quando cheguei a conhecê-la realmente, compreendia que tinha diante de mim uma das personalidades mais fortes que ia conhecer ao longo da vida. Essa manhã assenti à sua pergunta e de imediato tornei a cravar a vista na página, mas ela, entusiasmada, ficou conversando. O livro que sustentava entre as mãos, e cujo título era *O mercador de Veneza*, pertencia à biblioteca de meu defunto avô e estava em espanhol. Ela, segundo me disse, tinha lido quase todo o Shakespeare em francês e lhe faltava só essa obra de teatro que não estava na biblioteca da escola. Me contou que sua favorita até o momento era *Macbeth* e me certificou que tinha de lê-la para conhecer realmente o dramaturgo.

Camila não se parecia com os demais alunos do liceu. Não falava com uma batata na boca nem terminava as frases com entonação de pergunta. Como eu, estudava a *seconde* mas em outra turma e tinha, ao menos, dois anos mais que o resto de seus colegas. De família também reconstituída, vivia com sua mãe, uma mulher muito politizada, militante de esquerda, que tinha ajudado a sequestrar um avião no Chile. Seu pai, segundo sua própria descrição, era ao contrário um pusilânime que não conseguia encontrar um trabalho adequado. Lautaro, seu irmão mais velho, preferia viajar de metrô até o colégio em vez de suportar como nós o percurso eterno e soporífero do ônibus escolar. Não gostava dos mediadores, nas reuniões de pais com professores ia ela mesma para que falassem de seu desenvolvimento acadêmico e de seus problemas de conduta. Quando ficamos amigas se encarregou de proceder os trâmites necessários para que a mudassem pra minha turma, coisa que eu agradei infinitamente. A partir de então nos sentamos juntas no fundo da sala. Não era má pessoa e

tampouco uma rebelde sem causa como alguns achavam, era simplesmente uma adolescente de uma lucidez extraordinária, mesclada com uma grande amargura e um humor bastante negro. Brincava com tudo e era capaz de fazer com que qualquer um risse de si mesmo. Lembro muito bem da vez que a professora de matemática, uma mulher com lordose muito pronunciada que nos ensinava o eixo das abcissas e das ordenadas, resolveu afirmar que sua postura era perpendicular em relação ao solo. Ao escutar essa frase, Camila estalou em uma gargalhada sonora e contagiosa. “Senhora”, espetou, “como pode afirmar isso? Já se viu no espelho?” Também lembro que encontrou um apelido para a professora de francês, que tinha o costume de coçar com a mão direita os pelos pubianos. Chamou-a de “guitarrista”. Fazia a tarefa dez segundos antes de entrar na classe. Muitas vezes a copiava integralmente de meu caderno. Suas más qualificações eram produto do tédio que lhe produzia colocar-se para estudar. Diferentemente de mim, seus pais a deixavam perambular à vontade pela cidade. Nunca nos víamos fora da escola mas falávamos várias horas por telefone durante os finais de semana. Camila conhecia muito bem todos os alunos do colégio e se dava com todos. Não tinha os mesmos preconceitos de classe que sua mãe tinha. O único tema que a colocava solene e sentimental era a ditadura de Pinochet no Chile.

Mesmo que tenha ficado muito afetuosa comigo, Camila tinha outras amigas com as quais tinha de compartilhá-la. Suas “amigas de sempre”. Foi trabalhoso aceitá-lo mas no fim não tive remédio. As duas meninas se chamavam Yael e Xitlali, as duas franco-mexicanas que levavam quase toda a sua vida vivendo no país. Xitlali era a filha única de um talentoso arquiteto e de uma publicitária francesa. A parte principal da casa onde moravam estava reservada exclusivamente para ela e seus amigos. Ali dormiria com seu namorado o dia em que decidisse. Aquela casa contava com um pequeno jardim destinado ao plantio de maconha para consumo familiar. Yael, por outro lado, era uma princesa de Polanco que vivia só com seu pai. Entre suas proezas, havia a de ter fugido várias vezes de casa para passar o fim de semana em Acapulco com seus diversos amantes. Tinham-na localizado sempre graças ao cartão de crédito com que

financiava suas drogas e demais gastos. Seu pai tinha sido acusado, em diferentes países, de tráfico ilegal de diamantes, mas sempre conseguia sair milagrosamente da prisão. Ainda que confiassem plenamente em Camila e em seu critério para escolher amigas, as meninas me consideravam um pouco infantil e junto a elas não há dúvida que era: nunca tinha pisado numa discoteca, não tinha provado nenhuma substância alucinógena, tampouco tinha deitado com um garoto e era pouco factível que minha situação mudasse no futuro imediato.

Aos poucos, à força de atender-lhe ao telefone, minha avó foi se familiarizando com a presença de Camila. Uma tarde, lhe pedi permissão para comer na casa dela e minha avó me deu. Assegurei-lhe que os pais de Camila me trariam de volta. A verdade é que nunca teria lhe passado pela cabeça convidar-me para sua casa nesse momento: sua mãe estava permanentemente nervosa e não parava de brigar aos gritos com seu marido. Eu tampouco tinha a intenção de conhecê-los, meu objetivo era ganhar um novo espaço de liberdade para sair à rua. Com aquela permissão, Camila e eu fomos comer na casa de Xitlali. Yael se juntou a nós nessa tarde. Tive então a chance não só de ver a famosa hortaliça, senão de provar sua colheita, limpa e seca, em um lindo cachimbo *huichol*^[4] que, segundo nossa anfitriã, era o mais apropriado para me iniciar na erva santa. No começo não senti o efeito da *cannabis*, mas quando passou o tempo, e sem que me desse conta, minha língua se foi soltando de uma maneira inusual, a ponto de eu terminar contando tudo aquilo que tinha calado durante anos. Tinha fumado o soro da verdade sem sequer suspeitar disso. O que detonou minha falação foi um comentário de Yael, que se atreveu a afirmar que eu tinha chegado aos quinze anos sem aprender nada da vida. Então, para demonstrar-lhe que se equivocava, lhe disse que conhecia as prisões tão bem quanto ela e que tinha visitado meu pai ali uma grande quantidade de vezes. Contei-lhes de um romance com o pedreiro tunisiano na noite do 14 de Julho, descrevi a luta de socos com o aprendiz de estuprador e, para regozijo de Camila, lhes falei de Ximena. Antes de terminar, exaltei a dignidade e a resistência dos trilobitas, a cuja estirpe pertencíamos as três, e disso não devia deixar-lhes a menor dúvida.

Quando terminei de falar, as meninas me olhavam fixamente com uma espécie de estupor no rosto: a maconha tinha me transformado.

– Você foi genial – me felicitou Camila enquanto pegávamos o metrô de volta à minha casa. – Nunca te ouvi falando assim. – Por outro lado, eu sentia a ressaca indescritível de quem acaba de trair-se a si mesmo dichavando todos os seus segredos e, entretanto, doutora, apesar da leseira, também sentia uma grande leveza, como a que chego a experimentar enquanto conto a você essas coisas. O silêncio, como o sal, é de uma leveza apenas aparente: na realidade, se alguém deixa que o tempo o umedeça, começa a pesar como uma espécie de bigorna.

No outro dia, enquanto jantávamos agradavelmente no jardim de sua casa de campo, se desencadeou uma situação totalmente inesperada. Na hora da sobremesa, minha mãe me olhou com curiosidade de jornalista e me perguntou se estava escrevendo algo nesse momento. Em geral, vindo de qualquer um, se trata de uma pergunta que considero indiscreta, mas quando é ela quem a faz – e isso ocorre com frequência –, me parece uma impertinência inadmissível. Você e eu sabemos perfeitamente que faz mais de um ano e meio que não escrevo nada, exceto alguns artigos e trabalhos de crítica que me permitam ganhar algum dinheiro, mas não tinha vontade de admitir isso nessa noite. Assim, guardei silêncio durante vários segundos, esperando alguma resposta dos grilos que sussurravam maldições, escondidos na grama, e respondi sem pensar demais: – Estou escrevendo uma novela sobre minha infância. – E desta vez foi ela quem demorou em dar a réplica.

– Tenho certeza de que você fala de mim – disse. – Sempre fez isso.

Sair à noite. Esse era meu principal objetivo na luta soterrada que mantinha com minha avó. Nunca me deixou ir a nenhuma festa com Camila e suas amigas. Não é que desconfiasse especialmente delas, mas não as conhecia o suficiente. Antes de dar uma resposta, minha avó perguntava exaustivamente para a casa de quem iria, qual era o endereço e o número de telefone em que poderia me localizar, com quem ia e com quem pensava em voltar. A que horas estaria de volta. Eu preparava minhas respostas como se se tratasse de um exame oral e entretanto, depois de pensar nisso num par

de dias, minha avó chegava quase sempre à mesma conclusão: “Prefiro que não vá.” Até que chegou o dia em que optei por mudar a estratégia. Uma noite, enquanto ela dormia em seu quarto, segui os passos da minha querida Betty e do telhado de casa passei aos telhados dos vizinhos para chegar à rua por uma escada de serviço. Camila me esperava em um carro a poucos metros dali. Não sofri nenhum dano, exceto uns raspões e umas manchas de poeira na roupa que levava. Só daquela maneira pude visitar uma discoteca em DF, um lugar enorme e escuro, com bancos de veludo vermelho, onde as pessoas dançavam e as meninas, com pouquíssima roupa, tentávamos comentar o que acontecia ao redor apesar do volume da música. Para entrar, tive de mentir a minha idade mas uma vez dentro me venderam tanto álcool quanto quis, sem me pedir nenhuma identidade. Ao mais puro estilo mexicano, o amigo de Camila nos convidava aos copos e cigarros. A noite teria sido perfeita se esse antro tivesse também um limite de idade para as pessoas que o visitavam. Quando já estava duas doses acima, no meio do gelo-seco como saída de uma alucinação, reconheci a silhueta de minha avó com sua habitual roupa escura e seu esponjoso cabelo branco. Tinha chegado até aí em um táxi, disposta a me resgatar como se fosse das chamas do inferno. Antes que se aproximasse da mesa, recolhi minhas coisas e a alcancei na pista. Saí sem me despedir para evitar um escândalo e que alguém mais a visse.

Apesar de meus preconceitos contra os alunos do liceu, fui me inteirando conforme passou o tempo de que, em outras gerações diferentes da minha, havia também certos espécimes cuja originalidade e força pareciam entusiasmantes. Esse foi o caso de Antolina, uma garota de rosto muito bonito, caracterizada por uma estatura extremamente baixa, o que em geral se costuma chamar de nanismo, e que entretanto tinha uma segurança e uma confiança em si mesma que nunca tinha sonhado para mim e que a fazia brilhar particularmente bonita. Ao ponto em que em um desses concursos estúpidos, organizados anualmente pelos alunos, e nos que outorgavam títulos como o de mais gorda, a mais sexy, a mais boba do colégio, Antolina se posicionou, por uma grande maioria de votos, como a garota mais atraente do liceu. Mesmo que não trocássemos mais de duas

palavras no pátio do recreio – à diferença dela, eu padecia de uma timidez paralisante –, observá-la interagir se converteu para mim em uma fonte de inspiração. Demorei anos em averiguar qual era o segredo de sua beleza, que eu admirava em silêncio como quem contempla um músico executar no piano uma obra complicadíssima com a soltura comovente dada pelo virtuosismo. Depois, me inteirei de que sua mãe, atriz e musa de Alejandro Jodorowski, compartilhava das mesmas características que ela e me disse que talvez se tratasse de um segredo herdado de geração em geração a que eu não tinha direito.

Estas são, sem dúvida alguma, as lembranças da minha infância e adolescência, mescladas a uma intrincada teia com uma infinidade de interpretações das quais nem sequer sou consciente. Às vezes penso que abrir a pesada cobertura que me separa da cloaca e ressuscitar as dores do passado não me servem de nada, exceto para reforçar essa sensação de desassossego que me traz até seu consultório. Também me pergunto se seu silêncio não tem fomentado a incerteza em que agora me encontro. Às vezes me pego duvidando de toda essa história, como se em vez de uma vivência se tratasse de um relato que tenho me repetido a mim mesma uma infinidade de vezes. Ao pensar assim, a sensação de desconcerto se torna abissal e hipnótica, um tipo de precipício existencial que me convidasse a dar um salto definitivo.

Esse ano conheci em uma reunião familiar uma das minhas primas em segundo grau que também teria um papel de destaque na minha vida. Se chamava Alejandra e era filha da tia Sara, que por sua vez era prima da minha mãe. Padecia da mesma insatisfação que eu a respeito de sua escola e do tédio de sua vida familiar. Ambas tínhamos o pressentimento de que o mundo era mais amplo e mais emocionante do que nos permitia observar a pequena fenda à que tínhamos acesso e, por essa razão, nos identificamos de imediato. O dia em que nos conhecemos, decidimos nos matricular em um curso de teatro na Casa de Cultura de Coyoacán.

Aleja – assim eu a chamava – tinha um carro com o qual se movia à vontade pela cidade e, quando não o emprestavam, sabia usar com a mesma liberdade o transporte público. Depois de nosso curso, passeávamos um par

de horas pela praça e pelas ruas do bairro, que contava nessa época com uma fauna bastante peculiar: artesãos, mímicos, músicos ambulantes, intelectuais e boêmios se encontravam aí, em um arremedo do que tinha sido um dia a praça de Montmartre. Muito rapidamente formamos um grupo de amigos eventuais com quem nos encontrávamos toda tarde e alguns finais de semana, pessoas que, só por seu aspecto, teriam horrorizado nossas famílias, sem mencionar seus costumes – bebiam e fumavam abundantemente – e seu vocabulário. Mas a nós essas características causavam um autêntico fascínio. Além do imenso carinho que tínhamos, uma das vantagens de nossa amizade era que tanto minha avó quanto sua mãe confiavam no recato e boa conduta das meninas. Foi assim que, enquanto estávamos juntas, não havia com o que se preocupar. Por sorte, meus tios saíam da cidade nos finais de semana, certos de que passaríamos a sexta em casa vendo filmes de Walt Disney. Graças a isso, Aleja e eu pudemos ir a festas como as que nunca antes tínhamos conhecido, cheias de artistas de todas as idades, em casas imensas e emblemáticas como a do Indio Fernández ou a da Malinche, perto da Plaza de la Conchita. Fumar e beber se tornou para nós um hábito que demoramos a erradicar.

Quanto mais tempo passava com minha prima em nosso novo ambiente social, mais difícil parecia conviver dentro do liceu. Nessa época de tomadas de partido e de busca de uma identidade pessoal, adotei a vestimenta dos boêmios coyoacanenses para deixar bem claras as minhas diferenças ideológicas. Assim, em vez de meias Burlington comecei a usar saias compridas de gaze, trazidas da Índia, calças de manta e sandálias de couro artesanal. Também usava chapéus de feltro e coletes masculinos que pegava emprestados do armário do meu avô ou que Aleja tirava às escondidas dos ternos de seu pai. Os cachecóis e os colares de prata eram parte essencial de meu guarda-roupa. Tinha decidido sublinhar minha excentricidade que de outra maneira poderia passar por uma questão involuntária e, portanto, incontrolável. Assumi-la era, por outro lado, uma demonstração de força. Quanto mais me tornava mais radical em meu hippismo, mais me afastava de Camila, que neste momento conhecia uma

metamorfose inversa: muito próxima de Yael, minha amiga foi se mimetizando com as modas e hábitos de Polanco, não só diferentes, como também antagonistas aos de Coyoacán.

Esta manhã, enquanto me preparava para levar o menino à creche, recebi um telefonema da minha mãe. Sempre se arranja para me ligar fora de hora.

– Tive uma insônia a noite toda, pensando em seu famoso romance. Sabe que posso te processar se prejudicar minha imagem?

Depois, lá pelas onze e meia, meu irmão Lucas, que quase nunca se permite atender minhas chamadas de tão ocupado que está, me ligou no celular enquanto me entretinha regando as plantas moribundas do meu estúdio.

– Mamãe me contou de sua autobiografia. – E depois de soltar uma espécie de gargalhada, adicionou: – Ainda que não tenha lido, já disse que vai levar você à justiça por difamação.

– Claro que não leu! Nem sequer comecei a escrever.

– Não se preocupe. Eu a acalmei dizendo que tenha paciência e espere que adaptem para o cinema. Nunca se sabe, de repente se enriquece.

Coloquei o regador no chão e desliguei o telefone. Pela primeira vez em um ano e meio me sentei para escrever com gosto no computador decidida a converter em realidade esse “famoso romance”. Vou terminá-lo ainda que me levem à justiça ou o que seja. Será um relato simples e curto. Não contarei nada em que não acredite.

Como em outras ocasiões, encontrei companhia e cumplicidade no espaço da leitura. Optei então por sair do cânone francês que nos ensinavam no liceu e procurei os escritores mais contemporâneos. Me dediquei a rastrear autores parecidos com meus amigos nesse momento, autores em guerra contra as convenções sociais e amantes da marginalidade. Nessa época, li com verdadeira devoção os livros do movimento beatnik. Mais que William Burroughs ou Charles Bukowski, me identificava com os romances de Kerouac e a poesia de Allen Ginsberg, cuja biografia me impressionou muitíssimo. Me sentia particularmente inspirada por umas linhas que escreveu justo antes de decidir deixar seu trabalho de publicitário e

enfrentar sua paixão por Peter Orlovsky. São os versos que escolhi como epígrafe de meu livro. Como ele, eu também sonhava em me aceitar a mim mesma, mesmo que nessa época ainda não soubesse com exatidão de que closet me cabia sair.

Mamãe voltou da França pouco antes que terminasse o ano, justo quando tinha encontrado um equilíbrio na minha vida cotidiana. Soube desde o princípio que sua presença não haveria de trazer nada bom. Com tudo e com nossas discussões ocasionais, minha avó e eu tínhamos conseguido uma convivência distante e harmoniosa nessa casa imensa em que raramente nos encontrávamos. Mamãe, por seu turno, chegou com a intenção de supervisionar tudo aquilo que não tinha estado controlando durante quase nove meses. Com esse propósito, mexeu nos meus boletins de qualificações e nos comentários que sobre mim faziam os professores do liceu; analisou minha roupa e a comentou livremente e, claro, confiscou de meu closet todos os meus pertences. Também se meteu no meu cabelo e no meu hálito a cigarro. Em seu afã detetivesco, não demorou em se dar conta de que o curso de teatro em Coyoacán era na realidade um disfarce para manter relações próximas com isso que em suas palavras constituía “o submundo”. Assim como com o sexo, mamãe tinha sustentado em várias ocasiões discursos muito liberais sobre o consumo de maconha. “Se um dia você quiser prová-la não vou me opor, mas preferia que fizesse comigo”, me disse em várias ocasiões, segura de que eu estivesse encantada de compartilhar minha experiência transgressora com ela. Agora que afinal a tinha provado, a maconha caía na mesma categoria que a cocaína, a morfina ou outras substâncias perniciosas contra as quais havia que sustentar uma guerra sem quartel.

Uma sexta-feira em que Aleja e eu voltamos particularmente intoxicadas para a casa de seus pais, descobrimos que estes não tinham saído para o campo como de costume. Estimulados pela minha mãe, que também estava presente, tinham ficado na sala de sua casa esperando nossa volta às três da manhã. Foi impossível ocultar nosso estado com alguma falácia. Foi só nos ver para se darem conta. Aquela noite mesmo, nos ameaçaram de colocar-nos quinze dias em um reformatório para que

víssemos de perto os riscos aos que nos expunha nossa conduta. A atitude de todos eles era tão séria, e tão febril ao mesmo tempo, que a nenhuma de nós duas ocorreu colocar em dúvida suas palavras. Não tivemos outra escolha a não ser ficarmos quietinhas durante um par de meses. Essa etapa me permitiu aumentar minhas notas nos últimos exames e superar assim o risco iminente de repetir de ano.

Afinal voltava a escrever com disciplina. Trata-se de uma sensação renovadora e tonificante, como tomar uma sopa quente em uma tarde de gripe. Toda manhã, depois de deixar o menino na creche, vou ao mesmo café. Tenho minha mesa e minha bebida predileta. São minhas duas cabalas. Se a mesa está ocupada, espero que se libere antes de começar. Não sei se estou cumprindo o objetivo de me apegar aos fatos mas já não me importa. As interpretações são inevitáveis e, para lhe ser franca, me nego a renunciar ao imenso prazer que me produz fazê-las. Talvez, quando por fim o termine, este livro não seja, para meus pais e para meu irmão, mais que um rosário de mentiras. Me consolo pensando que toda objetividade é subjetiva. É estranho, mas desde que comecei com isso, tenho a impressão de estar desaparecendo. Não só tenho me dado conta de quão incorpóreos e voláteis são todos esses eventos cuja existência, na maioria dos casos, não se pode provar de forma alguma, se trata também de algo físico. Em certos momentos totalmente imprevisíveis, as partes de meu corpo me produzem uma sensação de inquietante estranheza, como se pertencessem a uma pessoa que nem sequer conheço.

Quando sua obsessão contra a maconha se apaziguou afinal, minha mãe entrou em campanha por uma nova causa que, mais uma vez, tinha a ver diretamente comigo. Após confirmar com um médico que já tinha passado da fase de crescimento (media mais ou menos o mesmo que agora), lhe pareceu oportuno organizar o evento que tinha estado esperando durante dezessete anos: a operação do meu olho direito. Segundo me explicou, tinha economizado desde meu nascimento para poder pagar o preço de uma cirurgia no melhor hospital dos Estados Unidos, referindo-se especificamente ao transplante de córneas. De acordo com suas investigações, esse hospital se encontrava na cidade da Filadélfia. Sua ideia

consistia em me levar lá quando começassem suas férias e esperar, instaladas ali, que aparecesse um doador. Entretanto, doutora, esses planos não levavam em consideração um fator de certa relevância: minha opinião. De modo que quando – em vez das palavras rosadas de gratidão e consentimento que ela esperava ouvir – meus lábios proferiram uma taxativa negativa, mamãe ficou sem fala. Ainda assim não se deteve. Ia contra sua natureza cruzar os braços em qualquer circunstância e, portanto, continuou com seus trâmites. De qualquer forma, eu era menor de idade e faria o que ela dissesse. A lei o ordenava assim. Expliquei-lhe para provocá-la que eu gostava do meu aspecto de Quasímodo e que ficar com ele era minha maneira de me opor ao establishment.

– Não fale bobagens – respondeu. – Aqui não se trata de establishment, nem sequer de aspecto, e sim de recuperar a visão de um de seus olhos. Já pensou no que faria se perdesse o outro?

Agora suspeito que por trás de todos os meus argumentos revolucionários se escondia uma razão mais poderosa: o medo terrível do fracasso dessa possibilidade, ou seja, que me operassem com resultados nulos ou até desastrosos. Devo admitir que minha mãe falava da tribuna do senso comum. Pelo menos em nossa escala de valores, a saúde sempre veio antes da beleza. Permitir que meu olho se atrofiasse completamente não só era jogar no lixo os esforços e exercícios da infância, o suplício do curativo, as gotas de atropina, era também renunciar ao bom funcionamento de meu corpo. Terminei pois a *seconde* e viajei com minha mãe para a Filadélfia. É o verão mais quente que tenho na memória, com temperaturas superiores às da canícula provençal. Lembro da sensação que tive ao me despedir de meus amigos no aeroporto: quando voltasse teria deixado de ser a mesma. Viajamos as duas sozinhas. Dormiríamos em um hotel no começo e depois, enquanto esperávamos a data do transplante, alugaríamos um belo apartamento que já tínhamos reservado.

O médico que minha mãe havia contatado do México se chamava Isaac Zaidman. Visitamos seu consultório no dia de nossa chegada. Era um homem velho cuja barba branca lhe outorgava um aspecto de rabino. Me fez o exame de rotina que eu conhecia – e conheço – de memória e

perguntou as mesmas coisas sobre minha gestação e nossos antecedentes genéticos sem encontrar respostas convincentes. Assentiu com otimismo quando lhe explicamos tudo o que meu olho tinha exercitado na primeira parte da infância e sugeriu que me fizesse vários exames em aparelhos especializados que eu nunca tinha visto, para medir a atividade do meu nervo óptico e da forma que tinha o cristalino. Nos explicou que a córnea poderia demorar a chegar um par de semanas, porque o mais provável era que tivessem de trazê-la de outra cidade. Eu havia escutado falar desde pequena do assunto do transplante mas, a poucos dias antes de realizá-lo, a perspectiva de coser-me um pedaço de corpo alheio não deixou de me estremecer. Enquanto faziam os estudos, os médicos do laboratório se mostravam positivamente entusiasmados. Não havia dúvida que tanto estímulo durante a infância tinha obtido efeitos positivos no desenvolvimento do meu olho. O tempo que demoraram para entregar os resultados dos exames minha mãe e eu passeamos pelos museus da cidade. Havia uma exposição de Mondrian no Museu de Arte. Também vimos óleos lindíssimos de Paul Klee e as esculturas do Museu Rodin. O que mais gostei foi uma visita que fizemos à casa de Poe em Spring Garden, agora sede do Edgar Allan Poe National Historic Site, após a qual voltei a ler as *Histórias extraordinárias* e alguns poemas como “O corvo”, em língua inglesa.

Visitamos a casa do escritor justo no dia anterior à data definitiva com o médico e a combinação desses eventos fez com que à noite eu tivesse um sonho particularmente estranho. Nesse sonho, eu entrava na sala de assepsia e ficava acordada por um longo tempo. Enquanto isso, via o doutor cortar meu olho direito, muito rápido, com uma navalha semelhante à que aparece no filme *Um cão andaluz*. Uma vez aberto, o médico extraía de meu globo ocular um objeto muito pequeno. Tratava-se de uma semente vermelha, de não mais que dois centímetros de largura, semelhante a um feijão. Na parte de baixo, onde costuma estar a junção, a semente tinha incrustada uma escultura diminuta de marfim com a forma de um elefante branco, talhada minuciosamente, que funcionava como tampão. Com um imenso cuidado, os dedos largos e delicados do médico, apertados dentro do látex das luvas,

levantavam a escultura e extraíam da semente um pequeno pergaminho que consegui ver de longe e no qual reconheci várias letras do alfabeto hebraico. Eu sabia que esse papel explicava as razões pelas quais havia nascido com aquela particularidade no olho e estava ansiosa para que o doutor me dissesse. Entretanto, em vez de lê-lo, o homem soltava o pergaminho, que se via arrastado irremediavelmente por um repentino golpe de vento.

– Ninguém, exceto Deus, tem direito a conhecer a verdade – disse ele, fazendo-se merecedor de todo meu rancor e meu ódio.

No dia seguinte, quando chegamos ao consultório, o doutor Isaac Zaidman nos recebeu com um grande sorriso nos lábios. Felicitou a minha mãe pelo resultado das primeiras análises: graças aos exercícios, o nervo óptico funcionava como uma maravilha e apesar de todos os anos em que havia deixado de usá-lo. Entretanto, em relação ao cristalino, o que disse não era tão esperançoso. A retina parecia totalmente colada nele, o que complicava muito a extração da catarata. Em poucas palavras, se cortamos ali, corremos o risco de esvaziar o olho de seu líquido e de convertê-lo em uma passa. Por esses motivos, desaconselhava por completo a operação. Olhei instintivamente minha mãe. Quando o médico pronunciou essas palavras, sua garganta se moveu de maneira notável como se estivesse engolindo um enorme osso. Ao despedir-se, o doutor seguia sorrindo.

– Talvez nos vejamos de novo – nos disse com um tom de mistério no batente da porta, e me indicou o olho de uma forma subentendida. Saí dali mais inquieta pela mamãe do que por meu futuro óptico. Apesar de nossas dificuldades constantes, me preocupava em fazê-la feliz. Temi que voltasse a deprimir-se e a chorar toda tarde como tinha feito durante uma época a que já me referi, assim tratei de suavizar a notícia com minha melhor atitude, sem me permitir averiguar quais eram meus verdadeiros sentimentos. Meses depois, soube que o nome de Isaac significa “o que ri” e assim é como recordo sempre do médico, rindo sub-repticiamente, como tinha feito o destino este dia com todas as expectativas que durante anos tínhamos centrado naquele momento, com os exercícios e as pomadas, com as poupanças da minha mãe.

Mamãe e eu passamos os três dias seguintes fazendo compras na cidade de Washington, torrando alegremente parte desses investimentos inúteis, na mais básica das terapias femininas para curar a frustração. Durante esses dias visitamos também a Galeria Nacional de Arte. Lembro em particular de uma grande exposição de retratos de Picasso e de Braque. Me fixei naquelas mulheres assimétricas que ambos representavam e cuja beleza radicava precisamente nesse desequilíbrio. Pensei muito na cegueira como possibilidade. Pensei também em Antolina. Após vários dias esgotando as liquidações nos centros comerciais, voltamos para casa. Não me equivoquei ao pensar que não regressaria sendo a mesma à Cidade do México. Nessa semana e meia aconteceu uma mudança importante em mim, embora não fosse perceptível de maneira imediata. Meus olhos e minha visão continuaram sendo os mesmos mas agora olhavam diferente. Afinal, depois de um longo périplo, decidi habitar o corpo em que tinha nascido, com todas as suas particularidades. No final das contas era o único que me pertencia e me vinculava de forma tangível com o mundo, ao mesmo tempo em que me permitia distinguir-me dele.

Também as coisas do exterior se modificaram radicalmente durante nossa ausência: na manhã da segunda consulta com o doutor Zaidman e sem nenhum aviso prévio, meu pai foi posto em liberdade. Embora durante a viagem mamãe tivesse ligado para a casa da avó em várias ocasiões, nunca nos disseram nada. Queriam que fosse uma surpresa. Ao chegar, o encontramos na porta do aeroporto. Não levava nenhuma bolsa, mala, muito menos flores na mão. Foi como uma aparição. Na sua cara havia um sorriso infantil, sem rastros de convencionalismo. Esse sorriso beato, um pouco bobo, de quem acaba de recobrar a liberdade e ainda não sabe o que fazer com ela. Sua presença ali também era uma piada do destino, como se sua intenção fosse nos dizer que nem todas as esperas têm o mesmo final.

Depois de tudo, doutora Sazlavski, as dúvidas não me dão tanto medo. Pôr em questão os acontecimentos de uma vida, a veracidade de nossa própria história, além de exasperador, deve ter algo de saudável e bom. Talvez seja normal essa impressão contínua de estar perdendo o solo, talvez sejam as certezas que tenho sobre mim mesma e as pessoas que me têm

rodeado sempre as que estão desaparecendo. Meu próprio corpo, que desde há muitos anos tem constituído o único vínculo crível com a realidade, me parece agora como um veículo em decomposição, um trem em que vim montada ao longo de tanto tempo, submetida a uma viagem muito veloz mas também a uma inevitável decadência. Muitas das pessoas e lugares que conformavam minhas paisagens recorrentes têm desaparecido com uma naturalidade impressionante e os que continuam aí, de tanto acentuar sua neurose e seus gestos faciais, têm-se convertido na caricatura do que foram alguma vez. O corpo em que nascemos não é o mesmo em que deixamos o mundo. Não me refiro somente à infinidade de vezes que matam nossas células, e sim a seus traços mais distintivos, essas tatuagens e cicatrizes que com nossa personalidade e nossas convicções vamos somando, guiando-nos com o toque, como melhor podemos, sem orientação nem tutelas.

4. O povo huichol, originário do centro do México, a oeste da cordilheira Sierra Madre, é conhecido há 3 mil anos pelo uso xamânico do peiote – cujo efeito lisérgico pode ser minimizado pelo tabaco e magnificado pela maconha, consumidos em cachimbos especiais. (N. do T.)

FREAK
IS BEAUTIFUL
por Juan Pablo Villalobos

Nos obligan a adoptar un comportamiento uniformado,
que nos hace ver apacibles, pero ¿qué sucede con
nuestra verdadera personalidad? Se queda ahí, contenida,
esperando el momento de salir a la luz, aunque
sea en un ataque de nervios.

GUADALUPE NETTEL, *El huésped*

Uma manhã, ao despertar de um sonho intranquilo, Guadalupe Nettel se achou na cama transformada em uma escritora. Inquieta sob sua casca de bicho literário, se fez a mesma pergunta que Gregor Samsa: “Que aconteceu comigo?” A resposta de Nettel não poderia ser mais kafkiana: escrever um romance autobiográfico que é, a uma só vez, uma bela apologia das baratas e de todos os seres diferentes. Crianças com deficiências físicas, doentes, pessoas com síndrome de Down, nerds, *outsiders*, seres atípicos, marginais, antissociais, excêntricos, darks, anti-establishment desfilam pelas páginas de *O corpo em que nasci*. Mas vamos por partes.

No começo há um curativo. Há também a necessidade de exercitar a vista ante a ameaça imprecisa de uma cegueira, um tema recorrente na obra de Nettel. *El huésped* (2006), seu primeiro romance, conta a história de Ana, uma menina habitada por um parasita que nomeia de “La Cosa”, uma espécie de alien metafísico que pouco a pouco vai se apoderando dela e que a condenará, como sintoma físico, à cegueira (vejo à margem do livro alguns críticos esfregando suas antenas). Neste romance, o *diferente* assume o caráter da deficiência física: a maioria dos personagens são cegos e Cacho, o Virgílio que conduz Ana pelo submundo dos cegos, tem uma perna mutilada.

A passagem de Ana da infância à idade adulta supõe a entrada em uma realidade paralela, a realidade dos invidentes, e a descida ao submundo que habitam os cegos: a rede do metrô da Cidade do México. Ana reivindica este mundo subterrâneo para todos os *outsiders* da história, desde os prófugos que se escondiam nas catacumbas romanas até “os colonizados de qualquer império, os camponeses, os leprosos, os prisioneiros de guerra”.

Neste primeiro romance, Nettel já deixava ver seu fascínio pelo que a sociedade julga como anormal, raro ou marginal, feito que se faz evidente em um detalhe de aparência insignificante: há um trecho em que Ana sobe

em um caminhão e descobre um letreiro fluorescente que diz “*Freak is beautiful*”. Uma poética do *freak* que se funda como um atentado contra a ideia de normalidade, representada pelo sacrossanto “sentido comum”: “A verdadeira insensatez consiste em deixar-se governar por uma regra legitimada na aparência por este adjetivo irrisório. Desde quando a *comunidade* demonstrou sensatez?”

Este ataque literário ao ordinário (que também se pode ler como um atentado contra a vulgaridade literária) prossegue no livro de contos *Pétalos y otras historias incómodas* (2008), uma preciosa galeria de *freaks* em estado de crise ante um episódio decisivo de sua vida.

No conto “Ptosis”, termo médico que designa a queda de uma pálpebra ou parte dela, o protagonista é um fotógrafo de pálpebras que trabalha para um cirurgião plástico em Paris, capturando as imagens do antes e depois da operação. Uma tarde de inverno, o fotógrafo recebe a visita de uma paciente muito jovem com a qual acabará se obcecando, devido à “sensualidade anormal” de sua pálpebra esquerda, “uns três milímetros mais fechada que a direita”. Quando afinal consegue consumir seu *amor*, essa forma perfeita de obsessão, o fotógrafo a abandona no hospital, porque não pode aceitar a cirurgia que *corrigirá* seu *defeito*.

“Bonsái” é um conto japonês em que o protagonista, um homem rígido, rotineiro e pouco comunicativo, casado e sem filhos, nos conta seus passeios semanais ao jardim botânico. Tudo corre em uma harmonia cinzenta até que um dia decide entrar na estufa do jardim e tem uma revelação: se dá conta de que se tivesse nascido planta teria sido um cacto, uma espécie antiga que pode sobreviver em terra seca, “os *outsiders* da estufa”. Com horror descobrirá que sua sedutora esposa havia sido o bonsai de uma trepadeira, uma planta com uma “vontade à prova de tudo”, e incompatível com os hábitos de reprodução do cacto, o que produzirá o fim do casamento.

O protagonista de “Pétalos”, o magnífico relato que nomeia o livro, é um *sommelier* de banheiros femininos que persegue o rastro fraco, fugaz e intrigante de uma mulher, a quem chama de A Flor, pelos toaletes de restaurantes e cafés ao redor do rio Tibre, em Roma. “De onde tinha tirado

essa mulher forças para sair do banheiro?”, pergunta-se o *sommelier*, que especula que a mulher não estaria doente, nem seria uma velha decrépita, mas não consegue entender o porquê de seus cheiros precários. A noite em que finalmente a localiza e a segue pela rua presencia a explicação: A Flor se lança ao vazio desde a ponte do rio Tibre... “pétalas sobre o chão que os carros não se atreveram a pisar”.

“Bezoar” é o diário de internação de uma paciente em uma clínica de dependências. Ela e seu namorado foram internados por consumo de drogas, um hábito que ela trata de explicar através de outro costume compulsivo, que seria a origem de todas as dependências, “o vício matriz”: arrancar os cabelos. O diário se tensiona entre a pulsão autodestrutiva e o desejo de conseguir o bezoar, “uma pedra ou bola de pelo com poderes curadores”, a receita para a calma perfeita.

Os personagens desses contos só esperam pelo abandono, o suicídio, a separação ou a solidão, quer dizer, a incompreensão que provoca a distinção arbitrária entre normalidade e anormalidade que a sociedade exerce com violência e da que é possível salvar-se, nos diz Nettel em *O corpo em que nasci*, mediante a aceitação da diferença (própria e alheia). Esta aceitação exige um processo de aprendizagem, um treinamento para fortalecer a capacidade de percepção da realidade, que é, justamente, o material autobiográfico com que se constrói o romance.

O corpo em que nasci é um romance de aprendizagem, um *bildungsroman* em que a evolução de sua protagonista é, na realidade, um retorno a si mesma. Nettel segue as três etapas canônicas do romance de iniciação: *a aprendizagem da juventude*, os primeiros anos da autora, que constituem a metade do livro; os anos de *peregrinação*, que começam com a mudança para Aix-en-Provence; e finalmente o *aperfeiçoamento*, a maturidade. A escrita do romance é o testemunho da última etapa, um exercício crítico da memória em tom terapêutico, um juízo à história pessoal e familiar, um tribunal íntimo do qual ninguém sai imune, mas que é o caminho necessário para a libertação e a autoafirmação.

Como se fosse pouco, em *O corpo em que nasci* é possível também entrever os anos setenta e oitenta, duas décadas fascinantes marcadas pela

experimentação social, os regimes autoritários e a crise econômica. O resultado é um livro híbrido que rompe com essa falsa dicotomia entre literatura íntima e literatura social, o que caracteriza alguns dos livros mais notáveis dos últimos anos no México, como *Hipotermia*, de Álvaro Enrigue, *Canción de tumba*, de Julián Herbert ou *Rostos na multidão*, de Valeria Luiselli. Uma série de livros que deixariam aventurar a hipótese, polêmica mas possível, de que o verdadeiro grande autor mexicano da segunda metade do século XX, o que influenciou de modo mais determinante as gerações seguintes, não é Carlos Fuentes, e sim Sergio Pitol.

Através de um estilo contido, de uma prosa elegante, sóbria, sem ex-abruptos nem raptos de vulgaridade, Nettel exerce uma “ética da marginalidade”, em que seus personagens nunca são humilhados nem caricaturizados, porém tampouco são tratados com piedade ou exaltados de maneira ingênua. Nettel olha-os nos olhos com o olhar de quem, sob a ameaça das trevas, treinou para aprender a ver-se a si mesma e para observar a beleza do diferente; mira-os no momento de abrir as portas do closet e dar um passo à frente, presencia o momento em que o exército de baratas emerge poderoso e invencível até a luz radiante do dia: “Afinal, depois de um longo périplo, decidi habitar o corpo em que tinha nascido, com todas as suas particularidades.”

E se alguém se crê normal, será melhor que se apresse a esconder as antenas.

Título original
EL CUERPO EN QUE NACÍ

© Guadalupe Nettel, 2011

a/c Guillermo Schavelzon & Asoc., Agencia Literaria.

info@schavelzon.com

Todos os direitos reservados.

Ilustração do espaço 2 , Providence, Rhode Island, 1976,
foto © Francesca Woodman, cortesia de George e Betty Woodman

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br / www.rocco.com.br

coordenador/curador da coleção

JOCA REINERS TERRON

preparação de originais

JULIA WÄHMANN

produção de arquivo ePub

ROCCO DIGITAL

N387c

Nettel, Guadalupe, 1973—

O corpo em que nasci [recurso eletrônico] / Guadalupe Nettel ; tradução
Ronaldo Bressane ; posfácio Juan Pablo Villalobos. - 1. ed. - Rio de Janeiro
: Rocco Digital, 2013.

recurso digital

Tradução de: El cuerpo en que nací.

ISBN 978-85-8122-319-3 (recurso eletrônico)

1. Memória autobiográfica - Literatura mexicana. 2. Literatura mexicana.

I. Bressane, Ronaldo. II. Título. III. Série.

13-07031

CDD: 868.99213

CDU: 821.134.2(72)-3

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

A AUTORA

Guadalupe Nettel nasceu na Cidade do México em 1973. Viveu em Paris, Barcelona e Canadá. É autora de três livros de contos, dentre eles *Pétalos y otras historias incómodas*, vencedor do prêmio Antonin Artaud e do Prêmio Nacional de Literatura Gilberto Owen, em seu país natal. Seu romance *El huésped* foi finalista do Prêmio Herralde em 2005. Colabora com revistas literárias francófonas e hispânicas e recebeu o importante prêmio Anna Seghers na Alemanha.